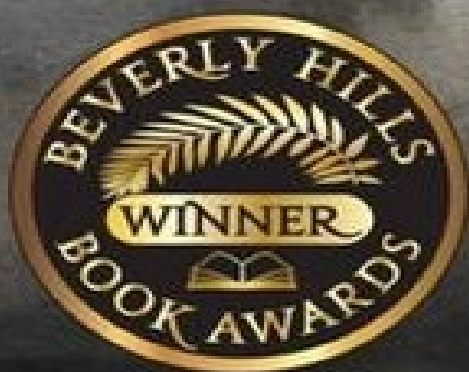




ASSASSINO .COM

KENNETH EADE

Um Thriller Jurídico de Brent Marks



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Assassino.com

Kenneth Eade

Traduzido por Claudia Magalhães Motta

“Assassino.com”

Escrito por Kenneth Eade

Copyright © 2016 Kenneth Eade

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Claudia Magalhães Motta

Design da capa © 2016 Lan Gao

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[ASSASSINO.COM | KENNETH EADE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
[EPILOGO](#)
[POSEFÁCIO](#)
[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[SOBRE O AUTOR](#)

ASSASSINO.COM

KENNETH EADE

Para Joyce, minha primeira e mais duradoura fã.

**”Monstros não existem. Você deveria ter medo dos homens, não dos monstros.”
-Niccolo Ammaniti**

PRÓLOGO

Os meninos formaram filas de seis equipes de sete jogadores, vestidos com seus uniformes de ginástica da Escola Secundária Hale Jr.: short vermelho-tomate e camiseta branca. Era um dia ensolarado no sul da Califórnia, com o sol brilhando alto em cima do campo onde os meninos estavam alinhados. Cada equipe tinha um líder que se reportava ao treinador Vince Nieman, que não era mais do que um garoto crescido: um ex-jogador de futebol americano titular do time da escola que era bom o suficiente para conseguir um lugar no banco de reservas em troca de uma bolsa de estudos na faculdade. Agora ele não era bom em nada, apenas em dar aulas de educação física. O líder da equipe de Brent era um aluno não muito aplicado chamado Russ Carlton, um menino ruivo, sardento, volumoso e brigão. Apesar de estarem no meio do curso, todos os seus professores apostariam que era o que tinha mais chances de virar um criminoso. Todos, com exceção do treinador Nieman, que achava sua força bruta útil para controlar multidões.

Brent abaixou sua cabeça e se apresentou. Ele odiava educação física e não fazia segredo disso.

“Você é um viado, Marquez!” gritou Russ Carlton.

“Um viado sem pau!” concordou outro menino.

“Você é um viado sem pau que chupa o pau dos outros!” Agora era um coro.

“Faça isso, Steinman!” ordenou Russ.

Esta foi a deixa para Gary Steinman, um garoto magricelo, com olhar patético e com uma generosa cabelereira castanha encaracolada e desgrenhada, cair na fila atrás de Brent. Com as duas mãos ele agarrou o cós do short e da cueca de Brent e abaixou com toda a sua força, até eles ficarem arriados nos tornozelos de Brent. Os esforços de Gary foram recompensados com a cacofonia das gargalhadas de todos.

Assim que Brent levantou seu short e começou a correr, Russ afirmou para o grupo: “Viram, eu disse que ele era viado!”.

“Sim, uma mocinha!” exclamou Gary.

Brent passou correndo pelo treinador Nieman em direção ao vestiário.

“Onde você pensa que vai, Marquez?” perguntou o treinador. Brent o ignorou. Então ele se virou para o Russ. “Carlton, vá atrás do Marquez e traga-o de volta até aqui.”.

“Por favor, Steinman,” ordenou Russ enquanto ele corria atrás de Brent na direção do vestiário. Steinman o seguiu como um cachorro adestrado.

Brent abriu o cadeado do seu armário de ginástica. O vestiário fedia: uma combinação do mau cheiro de sovacos, bolas suadas e meias usadas sujas. Ele estava começando a vestir sua calça jeans quando os dois chegaram.

“Se veste, Marquez. O treinador quer você de volta lá fora.”

Brent fingiu que não ouvia o Russ e continuou vestindo suas roupas.

“Você é surdo, viadinho?” perguntou Steinman.

“Eu ouvi, mas eu não vou.”

“Pega ele, Steinman,” disse Russ enquanto empurrava Gary Steinman para cima de Brent e as costas de Brent batiam no armário. Como uma cobra naja, Brent atacou Steinman, agarrou seu braço esquerdo e

virou atrás de suas costas, pressionando para cima, o que fez Steinman estremecer enquanto ele o virava e esmagava seu nariz contra a porta do armário.

“Quem é o viadinho agora, Steinman?” berrou Brent no seu ouvido.

“Deixe-o ir, Marquez, ou eu vou foder com você,” ameaçou Russ Carlton. Brent ignorou Carlton e continuou a pressionar para cima.

“O que está acontecendo aqui?” explodiu a voz do treinador Nieman dentro do vestiário. Brent não parou. Ele pressionou o braço de Steinman mais forte até pensar que poderia quebrá-lo e afundou seu rosto no armário. Os óculos de armação fina de Steinman entortaram em seu nariz e caíram no chão sujo do vestiário.

“Sem brigas, Marquez. Deixe-o ir agora!” esbravejou Nieman. Brent largou Steinman e lhe deu um empurrão para o chão. “Vocês dois: já para fora. Marquez: para o escritório do diretor, imediatamente!”

“Isso não acabou, viadinho!” disse Russ, andando para trás e apontando seu dedo para Brent de forma ameaçadora.

Brent saiu do escritório do diretor com uma suspensão de dois dias da escola, a qual ele não se opôs. Isso não tinha sido nada sério, e ele considerava apenas como uma passagem esquecida da adolescência. As aulas eram uma brincadeira e os assim chamados alunos pareciam estar em uma competição de popularidade sobre quem poderia ser o mais ignorante.

Assim que Brent fechou a porta de seu armário e se virou, ali estavam Russ Carlton e aproximadamente uns oito amigos. *Que surpresa!*

“Você quer brigar, mocinha?” disse Carlton, empurrando Brent contra o armário e o disco da combinação do cadeado entrando na sua coluna vertebral. “Vou te dar uma porrada!” Brent não ousou empurrá-lo de volta. Havia muitos deles. Ele ficou de pé e Steinman o empurrou de novo contra o armário, seguido por um tapa de Nate, outro empurrão de Joe e um soco no estômago de Briscoe.

“Você considera isso uma briga justa?” disse Brent, ofegante. “Um contra cinco?”

Russ cacarejou como uma galinha. “O mexicano quer uma briga justa!”.

“Eu não sou mexicano.”

“Desculpe, eu esqueci. Imagino que sua pele não seja escura, certo? Você deve ter esfregado merda no corpo.” Russ riu novamente e foi acompanhado pelo seu bando de delinquentes. Ele se inclinou tão perto que Brent pôde sentir seu bafo de peixe morto. Ele fungou o pescoço de Brent e fez uma careta.

“Para mim cheira a feijão. E pra você, Briscoe?”

Briscoe grudou seu longo e grande nariz embaixo do lóbulo da orelha de Brent e cheirou.

“Isso mesmo, feijão e tortillas.”

“Confirmado, Marquez: você é um gringo!” disse Russ, e urrou com um sorriso, junto com o coro de gargalhadas e risadas de seu bando.

“Fale agora. Steinman, aqui, tem que ganhar asas. Além disso, a briga hoje no vestiário não foi justa.”

“É, ela ainda nem começou,” disse Briscoe.

“Eu te perguntei alguma coisa, bafo de cachorro? Como eu ia dizendo, Steinman precisa da sua primeira briga. Sábado, ao meio-dia, no parque Knapp. Esteja lá ou a gente vem te pegar. E eu não preciso te dizer como será.”

Russ empurrou Brent novamente contra o armário e foi embora. Steinman e os outros garotos fizeram o mesmo, até Brent sentir sua bunda no piso de concreto. Ele se levantou, tirou a poeira da sua calça jeans suja e decidiu naquele momento que ele nunca mais iria ceder a nenhum agressor.

CAPÍTULO UM

Matthew Kronenberg (carinhosamente chamado de “Kronendork”* por vários advogados que compareciam à sua sala de tribunal) tinha complexo de Napoleão, o que era comum entre muitos juizes federais. Nomeado para o cargo vitalício pelo presidente George W. Bush por indicação de um congressista local, ele, assim como seus irmãos, galgou rapidamente os degraus e se empoleirou em um alto cargo da corte, passando pelo julgamento de estranhos que ele nunca conheceu. O juiz Kronenberg tinha

**NT: trocadilho com a palavra ‘dork’, que significa babaca.*

decidido liquidar o caso de difamação de Brent Marks hoje e não havia nada que pudesse mudar isso, apesar de ele ter afirmado que a sua decisão era uma “sentença provisória”. Ele convidou Brent, a quem a sentença provisória era contrária, para esgotar quaisquer argumentos que ele tivesse antes de nocauteá-lo. O juiz fazia uma careta constante, como se estivesse sempre atormentado por constipação. Como a mãe de Brent sempre costumava dizer sobre pessoas deste tipo: “Se ele sorrisse, seu rosto racharia.”.

O caso era todo sobre difamação na Internet – e era todo direcionado contra Brent. Não foi a primeira vez que ele teve que enfrentar um bando de agressores, porém, de alguma maneira, as outras foram mais fáceis porque eles não conseguiam se esconder atrás de uma muralha anônima como a Internet. Durante grande parte da sua adolescência Brent teve que enfrentá-los, tanto que seu pai trocou o sobrenome da família de Marquez para Marks. Os agressores escolhem uma ou mais características únicas para explorar. Neste caso, foi o sobrenome de Brent. Seu pai, José Marquez, emigrou da Espanha antes de conhecer a mãe de Brent. Quando Brent nasceu, José não poderia antecipar os futuros problemas que este nome causaria ao seu filho. Os agressores se concentraram no nome, chamando Brent de Mexicano, e Brent sempre se perguntou por que isso seria uma coisa tão ruim assim. Ele poderia se passar por mexicano, com seu cabelo castanho escuro. Seus olhos cor de avelã sempre pareceram castanhos, mas ele era muito mais alto que a maioria dos mexicanos. Ele falava espanhol fluentemente, o que o ajudou no passado quando muitos de seus clientes em Santa Bárbara eram mexicanos.

Brent encarou o juiz no palanque. Ele estava vestido para impressionar, usando seu melhor terno cinza de duas peças com uma camisa social azul cobalto, mas isso não iria protegê-lo da tempestade que estava prestes a desabar sobre ele. *Nunca desistir. Que ótimo mantra*, ele pensou diante do homem que estava prestes a transformá-lo de reclamante em réu.

“Meritíssimo, para esta ação ser bem sucedida, o acusado tem que provar que a declaração em questão foi um discurso protegido, ou seja, uma exceção à liberdade de expressão garantida pela Constituição americana e reconhecida pela Suprema Corte dos Estados Unidos. Isto é impossível porque este discurso é, por si, difamatório e discurso difamatório não é reconhecido como discurso livre protegido pela Constituição. Em segundo lugar, ele tem que provar que este discurso está relacionado a assunto de interesse público.”

“As declarações difamatórias foram todas sobre mim, Meritíssimo. Eu não sou um artista de cinema, um presidente da República ou um congressista, nem mesmo um juiz federal como o senhor. Eu sou apenas uma pessoa comum que não aceita cordialmente que minha reputação seja arrastada na lama por

uma multidão de perseguidores na Internet. Portanto, eu não sou uma pessoa de interesse público e este caso não pode, por definição, ser um Processo Estratégico Contra a Participação do Público (PECPP). Os acusados neste caso estão tentando conseguir imunidade da responsabilidade por difamação, que é o uso indevido do estatuto do PECPP no caso *Hilton*.”

O opositor de Brent, Geoffrey Kelley do escritório Noble, Saperstein e Kelley, estava muito ansioso para falar. Ele parecia que ia estourar dentro do seu terno de três peças como um novo tubo de pasta de dentes que foi apertado demais. Ele continuou mordendo seu lábio e se remexendo no seu lugar, ansioso pela sua vez de falar. Mas Brent estava determinado a usar seus dez minutos estabelecidos de tempo de argumentação. Se a moção para arquivar seu processo de difamação for concedida, isso pode ter duas consequências. Ele teria que pagar um valor absurdo de honorários e ainda apareceriam mais postagens difamatórias contra ele na Internet, desta vez com impunidade. Seria a permissividade para as difamações. Uma oportunidade de atirar paus e pedras, de chamar Brent de todos os nomes que eles quisessem, assim como de acusá-lo de qualquer conduta abominável, ilegal ou imoral que eles pudessem pensar.

“Além disso, Meritíssimo, sua sentença provisória afirma que as postagens anônimas que me acusam de roubar dinheiro e executar fraudes são *opiniões* não-acionáveis. Elas não são opiniões. Elas são acusações de um crime, e isto é uma *difamação por si*, que implica má-fé, e isso é uma questão para a banca. Isso não pode ser resolvido por esta moção.”

Brent gostaria de ter dado sua opinião sobre Kronendork, mas ele apenas ganharia uma passagem só de ida para a cadeia por desacato a uma citação do tribunal.

“Sr. Marks, o senhor processou o website neste caso. Como o provedor de serviços não é imune às declarações das postagens sob a Lei de Decência das Comunicações?” perguntou o juiz.

Decência das Comunicações. Que nome estranho para uma lei que permite que pessoas difamem outras pessoas anonimamente na Internet, pensou Brent. Não há nada “decente” sobre estas comunicações. Kronendork já tinha sua resposta para esta pergunta. A de Brent foi irrelevante para ele.

“Meritíssimo, eu processei o website porque eles não estão apenas agindo como provedor de serviços, dando a seus usuários um espaço para postar suas declarações difamatórias, mas porque eles também moderam e contribuem com material próprio para as conversas, o que também faz deles um provedor de conteúdo. Por isso, eles não têm imunidade sob a Lei de Decência das Comunicações, de acordo com o caso *Kruska* que eu citei em meu sumário.”

“Além disso, sem o website como acusado neste caso, eu nunca saberei de quem são as postagens difamatórias. Este é um website sujo que atende perseguidores cibernéticos, Meritíssimo, que não são nada mais que agressores crescidos. Eles não poderiam ser autorizados a publicar meu endereço, fotos da minha casa e o número de telefone confidencial da minha casa. Isso é uma violação do meu direito de privacidade.”

Brent estava fracassando. A nojenta multidão cibernética estava provavelmente recrutando novos membros e preparando outro ataque de calúnia e difamação contra ele. 'Brent era um vigarista e um trapaceiro, e deveria ser barrado': todas estas eram declarações de opinião, protegidas pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos.

“Sr. Marks, seu tempo acabou. A Corte ouvirá agora o Sr. Kelley.”

Juízes nunca falam deles mesmos na primeira pessoa. Usam sempre a terceira pessoa, como a rainha da Inglaterra. Kelley se levantou e quase tropeçou no cadarço de seu sapato. Ele estava tão excitado que quase esbarrou em Brent enquanto caminhava para a tribuna. Brent resistiu à vontade de colocar seu pé “acidentalmente” para fazê-lo tropeçar. Sua barriga passou por cima de seu cinto e um pedaço de pele gordurosa apareceu pelo espaço de um botão aberto.

“Obrigado, Meritíssimo. O acusado fez uma exposição mostrando que as declarações feitas eram opiniões constitucionalmente protegidas e que, desde que elas são problemas que dizem respeito ao Sr.

Marks, que é um advogado licenciado da Califórnia, estes são problemas que podem interessar ao público. Portanto, conforme o caso *Nygard versus Uusi-Kerttula*, as declarações são de interesse público.”

“Desde que nós provamos que as declarações são discursos constitucionalmente protegidos e são de interesse público, a responsabilidade agora passa para o Sr. Marks demonstrar que ele tem a probabilidade de ter sucesso em sua reivindicação. Isso é algo que ele não mostrou e nem pode fazer.”

Merda. Eu ainda nem tive a oportunidade de fazer alguma descoberta.

“Finalmente, Meritíssimo, a Lei de Decência das Comunicações dá imunidade aos provedores de serviço que apenas publicam conteúdo gerado por seus usuários, como é o caso do meu cliente. O Sr. Marks é livre para processar a terceira parte, usuários que geram conteúdo, mas não para processar o serviço de computador interativo que permite aos usuários colocar conteúdo no ar.”

Certo, tudo que eu tenho que fazer é processar 007, Trapaceiro Triturador e Cão de Guarda, todos que estão escondidos atrás da saia do seu cliente, Gee-offrey.

“A Corte adotará a sentença provisória neste caso e concederá o pedido de anulação,” disse o juiz. “O processo está indeferido e o Sr. Marks está condenado a pagar US\$50.000,00 como honorários aos advogados do réu.”

Certo. Deixe-me ir agora até o carro e pegar meu talão de cheques. Ou vocês aceitam cartão de crédito American Express?

Agora era oficial. Brent Marks, antes um cidadão comum que era advogado, era agora uma figura pública que não tinha direito à privacidade. A partir de agora, qualquer pessoa poderia falar o que quisesse sobre ele, sendo verdade ou não, e não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Ao invés de apertar sua mão como um bom esportista, depois que o juiz se levantou, Kelley sorriu para Brent com sua boca grande cheia de dentes e disse, “Te vejo no caso de acusação maliciosa, Marks.” *Planta carnívora..*

Os olhos de Brent, que às vezes eram verdes e às vezes eram castanhos, perderam o brilho. Brent Marks, antes o defensor das causas perdidas e o campeão dos direitos civis, e agora oficialmente um vigarista, trapaceiro e fraudador, saiu rastejando da sala do tribunal como um homem derrotado.

CAPÍTULO DOIS

Para completar sua infelicidade, alguns dias antes da audiência desastrosa, Brent teve uma discussão com Angela, sua namorada. *Da próxima vez, não discuta com uma agente do FBI*, ele disse para si mesmo. Os dois quebraram o único e fundamental princípio da relação deles: a regra de “não brigar”. Por ser advogado, Brent sempre pensou que existiam inúmeras leis para as coisas, mas este simples regulamento tinha sido ideia dele. A regra era simples, parecida com a dos Alcoólicos Anônimos. *Eles não bebem – nós não brigamos*. Como a maioria das discussões entre casais são fúteis e os dois sempre se arrependem delas depois de um tempo, é melhor não tê-las. Porém, quando eles brigavam, era sempre assustador. Depois da última, eles ficaram três dias sem se falar.

Brent estava contente de voltar a Santa Bárbara. Qualquer lugar que não fosse Los Angeles seria bom para ele naquele momento. Assim que ele entrou em seu escritório na Rua State, sua secretária Melinda Powers, sentada em sua escrivaninha sorriu e perguntou: “Como foi no tribunal?”.

Brent apenas levantou sua mão e se dirigiu para sua sala.

“Eu imagino que você não quer comentar,” disse Melinda. Ela era atraente, ainda longe dos trinta anos e tinha a típica aparência da “loura burra”, apesar de ser tudo menos burra. Melinda se levantou e, hesitante, bateu na porta dele, que estava entreaberta.

“Entre, se você precisar.”

“Eu sei que você não quer falar, chefe, mas aqui estão os seus recados,” disse, entregando para ele algumas folhas de papel. “E você tem um compromisso às cinco da tarde. Cliente novo. Até onde eu pude entender um caso de informação de créditos financeiros.”

“Ótimo. Eu provavelmente terei que faturar alguma coisa, depois do resultado de hoje no tribunal.”

O novo cliente era Allen Bekker, um carismático imigrante da África do Sul que fez sua reputação como financiador de novas empresas eletrônicas nos primórdios da bolha da Internet. Naquela época, a maioria dos negócios de comércio eletrônico afundou. Mas se você foi bastante sortudo como Bekker, alguns deles encalharam. Entretanto, havia aqueles negócios inoportunos que foram um verdadeiro fracasso, e Allen Bekker experimentou mais destes do que daqueles que foram bem sucedidos.

Bekker tinha um sorriso simpático, olhos sinceros, entradas no cabelo e usava óculos com armação redonda de metal final, ao estilo “John Lennon”. Ele exibia a confiança de um talentoso vendedor. Falava com um sotaque esquisito que soava como se fosse britânico, porém puxava o “r” como um escocês.

“*Brrent*, eu cheguei a um ponto na minha vida em que voltei ao topo e estou pronto para limpar meus erros do passado.”

“Como eu posso ajudar?”

“Eu quero ter o *crrrédito* perfeito. Por causa de um divórcio bastante perverso, existem muitas contas penduradas. Eu gostaria de liquidar todas elas, desde que eu possa limpar meu *histórrrrico de crrrédito*.”

Bekker colocava dinheiro em novos empreendimentos que ele acreditava que pudessem crescer. Ele tinha um pequeno grupo de investidores que o seguiam onde quer que ele investisse. Algumas vezes eles

ganharam muito dinheiro, outras vezes eles tiveram um enorme prejuízo. Bem-vindo a Wall Street. Ele dirigia um carro Rolls Royce Silver Shadow e morava em uma mansão em Beverly Hills. Nada mau para um imigrante da África do Sul.

“Sr. Bekker...”

“Allen, por favor. Sr. Bekker soa tão velho.”

“Certo, Allen. Eu provavelmente posso te ajudar com isso. Você precisará de um dossiê completo com todos os débitos, assim como algumas procurações suas.”

“Você pedirá para a minha *secretária* providenciar tudo para você.”

Este é o tipo de cliente que eu gosto. Nenhuma bobagem e direto ao ponto.

“E se você me enviar suas instruções para transferência eletrônica e o contrato, eu faço o depósito do adiantamento para você.”

Melhor assim.

Bekker apertou a mão de Brent.

Por que eu estou me sentindo como se tivesse acabado de comprar um carro usado?

Este não era o caso dos sonhos de Brent, mas *significava* receita, logo ele não poderia recusá-lo neste momento. Ele tinha que se apressar para se defender no próximo processo de acusação maliciosa, além da quantidade de difamações que viriam junto com ele, sem falar na multa altíssima que Kronendork lhe tinha imposto. Ele checkou no seu computador os últimos comentários no website Attorneys.net. As manchetes provocaram uma dor de cabeça instantânea.

Trapaceiro Marks perde processo. Outro maior está por vir.

Brent Marks é um crápula, fraudador e um advogado sem ética. Será que eu disse que ele também é um vigarista? Apenas minha humilde opinião.

Ele desligou sua máquina e decidiu ir para casa. Sempre poderia ligar seu laptop se precisasse de mais humilhações.

Casa, para Brent, era uma bonita construção de dois andares em Harbor Hills com janela de vidro de frente para o Oceano Pacífico. Ele sempre se considerou sortudo por ter esta propriedade. Agora ele esperava ser suficientemente sortudo para continuar com ela. Brent desceu no caminho de acesso e foi se arrastando, sentindo o corpo cansado, e entrou pela porta da frente. Calico, sua gata peluda laranja e branca, se enroscou em suas pernas, ronronando. Era hora do jantar.

Brent não conseguia relaxar enquanto não terminava seus afazeres. Então ele colocou uma quantidade generosa de comida de gato para Calico, se serviu de uma taça de vinho Malbec e debruçou na varanda para aproveitar os aromas de amora, ameixa e cereja preta. Ele girou seu vinho no copo e inalou o divino aroma.

Marks é um ladrão.

Ele se recostou em sua cadeira, sorveu um gole de vinho e deixou que o líquido ficasse entre sua língua e seu palato.

Marks roubou meu dinheiro. Ele é um vigarista, em minha opinião.

Brent colocou sua taça ao lado e olhou em direção ao porto. Ele não conseguia tirar os malditos bastardos difamadores da sua cabeça e seus pensamentos se desviavam novamente para Angela. Ela estava sempre ao seu lado, e agora não estava, podendo estar em qualquer lugar. Entre ela, a agente do FBI, e ele, o advogado, a discussão provavelmente não chegaria ao fim. Porém, como o homem desta relação, Brent decidiu ser o primeiro a pedir desculpas e partiu para esta missão.

Primeiro, ele passou na floricultura e comprou um buquê de peônias naturais cor de lavanda. Depois foi direto para o apartamento de Angela. O cheiro doce de jasmim no jardim do pátio era mais forte que o

do presente que Brent trazia para se desculpar. Ele bateu na porta e deu alguns passos para trás, para poder ver Angela espiando pela janela do segundo andar.

Ela abriu a cortina e ficou parada ali, com as mãos na cintura, sacudindo sua cabeça e jogando seus cabelos cor de cobre de um ombro para o outro. Mesmo quando estava zangada, ela era bonita. Brent levantou as flores em direção ao segundo andar, como a tocha da Estátua da Liberdade. Não funcionou. *Hora de usar a arma secreta.* Brent se abaixou, apoiando em um joelho, e começou a cantar sua versão do sucesso de 1960 de Brenda Lee, *I'm Sorry*.

*I'm sorry, so sorry,
Please accept my apology
But love was blind
And I was too blind to see...**

**NT: Eu estou arrependido, tão arrependido / Por favor, aceite as minhas desculpas / Mas o amor é cego / E eu estava completamente cego para enxergar...*

Imediatamente Angela desapareceu da janela. Isso tanto poderia significar sucesso ou a continuação do impasse. Em alguns segundos a porta da frente se abriu e Angela apareceu sorrindo. Brent poderia não estar na lista dos quarenta melhores cantores, mas estava com Angela de novo. Até a Sra. Friedland, a vizinha de oitenta anos, colocou sua cabeça para fora de sua janela para ouvir a música e assistir à reconciliação do jovem casal.

“Posso pedir bis?” Angela perguntou, com seus olhos verdes escuros brilhando enquanto ela colocava suas mãos atrás das costas e balançava de um lado para outro como uma garotinha.

Brent entregou as flores, que ela segurou em suas mãos enquanto respirava seu aroma com os olhos fechados.

“As pessoas dizem que a reconciliação é a melhor parte,” ele disse.

“Dizem isso?”

“Sim, eles dizem.”

“Bom, então é melhor você entrar.”

Brent passou pela soleira da porta e a levou em seus braços, enquanto Angela fechava a porta diante do olhar admirado da Sra. Friedland.

CAPÍTULO TRÊS

O caso de crédito de Bekker era um tédio, mas o dinheiro era bom e constante. Era uma questão de negociação com cada um dos seus credores. Você quer receber? Então tire 10% e concorde em limpar o crédito, ou não receberá nada. Quem não aceitou a proposta acabou tendo que administrar um processo difícilimo. *“Dinheiro não é o problema, meu caro Brent. Eu quero crrrrédito fácil.”*

As empresas de crédito – Equifax, Trans Union e Experian – não queriam aceitar as propostas. Elas eram muito “honestas” para alterar os históricos de pagamento. *Diga isso para o jovem médico que não consegue ter um empréstimo para a casa própria aprovado porque seu perfil de crédito foi colocado junto com o de um defunto caloteiro, ou para o rapaz cuja ex-mulher arruinou seu crédito antes que ele se desse conta disso*, pensou Brent.

“Processe-os! Se isso não for um crédito justo, como você chamaria?” Bekker teria perguntado.

“Lei do Histórico de Crédito Justo.”

Então os processos eram instaurados e o dinheiro entrava. De fato, nos seis meses seguintes, Bekker se transformou no melhor cliente de Brent. Para Allen Bekker, o resultado era a única coisa que importava. Mas Brent tinha que considerar a ética. Ele nunca aceitava um caso que não pudesse ganhar. Sempre tinha que fazer uma avaliação dos méritos antes de levar alguém para o tribunal.

“Você não pode simplesmente mover uma ação judicial quando alguma coisa não funciona do seu jeito, Allen. Você tem que ter embasamento para processar.”

“Você é o advogado, Brent. Eu não quero ir contra as leis.”

“E eu não posso.”

“Então não faça.”

Era a simbiose perfeita. Bekker se colocava em apuros e Brent o livrava deles. Em pouco tempo, Brent também fazia rascunhos de contratos e documentos para as transações comerciais de Bekker.

Mas os companheiros de Brent no website *Attorneys.net* estavam se expandindo. Eles agora hospedavam um novo site chamado *Hotstocks.co*, e seus clientes não tinham se esquecido de Brent. A recém-legalizada difamação estava pipocando na tela do seu computador todos os dias. Era como se fosse o hobby deles.

Parece que aquele vigarista, Brent Marks, se associou ao fraudador do mercado de ações Bekker. Vai ser interessante.

Faça o que fizer, não compre ações da ALBD. Seu dinheiro vai direto para o bolso do trapaceiro do Allen Bekker (o que significa também o bolso de Brent Marks.).

Allen Bekker me ferrou na TNLV. O risco é seu!

Bekker merece ir para a cadeia.

Bekker pegou as economias de toda a minha vida. Ele arruinou a minha vida.

O advogado Brent Marks é tão ladrão quanto o seu comparsa Allen Bekker. Por que ele não é impedido de exercer sua profissão imediatamente?

Muitas das postagens afirmavam ser “apuradas”, investigando os antecedentes de Bekker. Para eles, qualquer negócio falido era motivo para uma reclamação na SEC* ou no FBI – siglas das agências do governo federal americano.

Brent podia jurar que ouviu a voz de Allen Bekker aos berros quando ele leu o e-mail. “Me ligue agoraaaaaa!” Claro que ele pegou o telefone no mesmo instante.

Bekker estava indignado. Ele queria processar todo mundo, incluindo o Google, por colocar as postagens na sua primeira página de resultados de busca. Brent explicou os riscos da lei anti- PECPP da Califórnia e como ele também tinha sido atingido no rabo por ela quando tentou processar por difamação.

“*Brrent*, não me importa. Eu quero que você processe esses filhos da puta.”

“Às vezes é melhor ignorá-los. Se você fizer um estardalhaço, pode ser pior.”

*NT: SEC = Securities and Exchange Commission, órgão equivalente à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

“Você está me dizendo que nós não temos um causa?”

Brent sabia que ele estava certo pela primeira vez. Bekker tinha uma causa. Apenas não era um bom ambiente judicial para ela.

“Não, eu acho que você tem uma causa. Apenas estou dizendo que a probabilidade de ganhá-la não é muito grande.”

“Por que não?”

“Porque os indivíduos são anônimos e estão escondidos atrás do website, que tem imunidade. Nós não sabemos quem eles são.”

“Você não conhece um investigador?”

“Bem, sim, mas...”

“Ele é realmente bom?”

“Ele é o melhor.”

“Então descubra quem eles são. Este assunto tem prioridade máxima, *Brrent*. Eu quero ver estes cães de caça do inferno levantarem sua *fúrrrrria feroz*.” Bekker puxou tanto o “r” de ‘fúria’ que o telefone vibrou.

Jack Ruder estava atrasado para seu encontro com Brent, o que não era seu *modus operandi* normal. Mas ele ligou para Melinda e pediu a ela para avisar Brent que ele iria chegar depois do horário. Jack chegou cerca de meia hora depois, usando seu habitual “uniforme de detetive” da década de 90: um paletó grande demais, uma camisa branca e uma gravata cinza. Brent não ficou surpreso. Jack parecia um policial quando serviu no Departamento de Polícia de Los Angeles, parecia um policial quando estava no FBI e pareceria um policial no seu funeral. E o policial que havia dentro de Jack não podia acreditar no que estava ouvindo.

“Então, você quer processar o mesmo grupo de pessoas que acabou de comer seu rabo no tribunal. O mesmo grupo que agora está te processando por acusação maliciosa?”

“Bem, alguns dos mesmos.”

“Eu pensei que você só aceitasse causas que você acreditava que podia vencer. Você mudou de ideia e agora aceita apenas aquelas que você vai levar um pé na bunda?”

Brent sorriu. Senso de humor não era um dos pontos fortes de Jack, mas ele estava indo bastante bem hoje.

“O cliente achou que poderia ter um julgamento mais justo se gastasse mais com a sua defesa.”

“Este é o tipo de cliente que eu gosto.”

“Eu também. Tudo que você tem que fazer é identificar os possíveis suspeitos aqui.”

Jack olhou para a pasta, depois olhou de novo para Brent com um olhar inexpressivo no rosto, e novamente para a pasta.

“*Fodido, O Exterminador, 007, O Trapaceiro...* Você está brincando? Como eu deveria fazer isso?”

“Eu não sei, Jack. Por isso você é o investigador. Investigue.”

CAPÍTULO QUATRO

“Brent, Jeffrey Kelley na linha um,” Melinda gritou da mesa da recepção.

“É Gee-offrey, Melinda. Como a girafa da ‘Toys R Us’.”*

Melinda deu uma risada. “Acho que se pronuncia da mesma maneira.”

“Não aqui. A partir de agora, nós só falaremos ‘Gee-offrey.’”

*NT: ‘Toys R Us’ é uma grande cadeia de lojas de brinquedos americana.

“Como quiser, chefe. De qualquer maneira, ele está esperando.”

“Brent Marks,” disse Brent ao encostar o aparelho em seu ouvido.

“Você quer morrer ou algo parecido, Marks?”

“Esta é uma escolha interessante de palavras, Gee-offrey. Por que você diz isso?”

“Porque o seu rapaz está se intrometendo no negócio do meu cliente, fazendo todo tipo de perguntas sobre seus usuários.”

“Você não leu o caso *Relativo aos Interlocutores Anônimos On-line*, Gee-offrey?”

“É Geoffrey – e é claro que eu li. Mas os usuários do meu cliente têm o direito de falar anonimamente.”

“Sim, eles têm, mas eles não têm o direito de difamar meu cliente. Talvez você não tenha percebido, Gee-offrey, mas o seu cliente não foi citado neste processo.”

“Apesar disso, nós vamos entrar com uma medida cautelar para bloquear suas intimações.”

“Então faça isso!”

As intimações já estavam incomodando eles. Brent sabia que ele precisava de mais evidências para conectar as difamações pela Internet com os prejuízos a Bekker. Este era o desafio de Jack e Brent confiava nele para conseguir isso. No fim do dia, Jack telefonou para Brent para lhe contar os detalhes.

“E aí, Jack, conseguiu alguma coisa sobre os nossos misteriosos suspeitos?”

“Na verdade, sim.”

“Me conta, me conta!”

“Tenho algumas novidades. Por que não nos encontramos e aí eu te conto tudo.”

“Que tal no Sonny’s?”

“Ótima ideia. Depois do trabalho?”

“Agora já é depois do trabalho, Jack. Pode ser daqui a meia hora?”

Brent ligou para Angela para avisá-la que estava indo encontrar uma pessoa direto depois do trabalho. Logo, ela não deveria esperá-lo para o jantar. Ele saiu a pé para o Sonny’s, uma rápida caminhada pela orla partindo do escritório.

Ainda era um pouco cedo, mas Brent pôde perceber que a galera do fim do expediente já tinha começado a chegar, encontrado os amigos e se livrado de seus aborrecimentos, ainda vestindo algumas peças de suas roupas de trabalho. A música estava bombando, mas ele percebeu que Jack tinha conseguido uma mesa de canto “tranquila”, afastada das pessoas que conversavam. Jack estava

saboreando uma porção de nachos, tomando um chope e passando os olhos em suas anotações quando Brent chegou.

“Oi, Jack. Você sabe que isso não é muito nutritivo.”

Jack mastigou, engoliu, sorriu, levantou o olhar para Brent e apertou sua mão enquanto Brent se jogava na cadeira perto dele. Brent acenou com a cabeça para a garçonete, que veio imediatamente.

“Você poderia me trazer uma cerveja Corona, por favor?”

“Claro. Alguma coisa para comer?”

“Talvez mais tarde.”

Brent se virou para o Jack. “Então, me diga o que você descobriu de tão avassalador.”

“Bem, eu entrei no website *Hotstocks.co*.”

“Não me diga que você se cadastrou com um perfil falso, né? Nós não queremos que digam que você estava se passando por outra pessoa para conseguir informações.”

“Não, não, isso seria muito óbvio. Eu descobri um gerador de estatísticas no menu de serviços, oferecido por uma terceira parte. Este gerador cria um “cookie” para cada usuário.”

“De aveia ou de pedaços de chocolate?”

“Engraçadinho. Um cookie da rede – algumas informações de um website que são armazenadas no seu navegador. Eles gravam toda a sua atividade de navegação na rede e outras informações, de modo que o website pode acessar isso se você visitá-los novamente.”

“Eu sei o que é um cookie, Jack.”

“Muito bem! Então eu fiz a correspondência de cada tópico de conteúdo difamatório e, a partir dos cookies, eu pude identificar o ISP* de cada postagem.”

“Jack, isso é genial! Agora nós podemos intimidar o ISP!”

“E nós não precisamos mais nos preocupar com *Hotstocks* e suas moções para anular nossas intimações.”

*NT: *Internet Service Provider (ISP) ou Provedor de Acesso à Internet.*

“Nós vamos continuar deixando Gee-offrey fazer seu trabalho. Não posso ter apenas um plano de ação. Eu terei as intimações para os ISPs prontas para você amanhã de manhã.”

“Ótimo. Mais alguma coisa que você queira que eu faça neste caso?”

“Sim. Continue acompanhando os chamados detetives difamadores. Verifique se alguém está levando eles a sério.”

“Entendi.”

CAPÍTULO CINCO

Como prometido, Gee-offrey protocolou sua moção para anular as intimações com as quais Jack notificou Hotstocks e Attorneys.net. Mas o que ele não sabia era que, na sede da Trackit Corp. em São José, funcionários estavam ocupados juntando dados para enviar para Brent.

Jack Ruder teve menos sorte nos círculos oficiais, tentando ver se Tensun estava sob algum tipo de investigação federal. As investigações do FBI e da SEC não eram públicas, então, a menos que eles viessem até você e dissessem que você era um alvo, o caminho para descobrir era difícil – geralmente outra pessoa que viesse contar que eles estavam bisbilhotando. Ele estava pronto para verificar que a SEC estava investigando a Tensun, Inc., uma empresa de tecnologia com a qual Bekker esteve envolvido, e isso ele conseguiria com executivos da Tensun. Depois disso, era só uma questão de conversar com empregados-chave antes que Jack se desse conta que uma investigação do FBI estava, de fato, acontecendo.

“O FBI está investigando a Tensun, o que significa que provavelmente Bekker é também um alvo,” Jack disse para Brent.

Brent sentou de volta em sua cadeira e ponderou. “Ele disse que não tinha ouvido falar sobre eles.”

“O que não significa que ele não é uma pessoa que interesse a eles.”

“Você está certo.”

“Tem um cara do Arizona que afirma que Bekker o convenceu a investir tudo que economizou durante sua vida no negócio da Tensun, e agora ele está completamente falido. Diz que foi uma tramoia deste o começo.”

“Isso é o que acontece com estas *startups*, Jack. Nove em cada dez delas vão à falência, e estas são chamadas de 'fraude'. A décima ganha o prêmio máximo, os investidores ficam ricos e Allen é considerado um rei.”

“Eu estou apenas dizendo que provavelmente esta é a base das investigações da SEC e do FBI. Essa e outras denúncias similares.”

“Eu vou falar com o Allen sobre isso. Qual o nome do cara?”

“Gerald Finegan.”

Depois que Jack saiu, Brent telefonou para Allen Bekker. Bekker estava no meio de uma reunião, como geralmente estava, mas ele saiu da sala de reunião para atender à chamada.

“Allen, você conhece um Gerald Finegan?”

“Esse bastardo! Ele me acusa de roubar o dinheiro dele. Ele é um dos perseguidores cibernéticos?”

“Ele pode ser, mas isso é sobre uma investigação do FBI.”

“O FBI está me investigando?”

“Eles estão investigando a Tensun, mas eu acho que você deveria ser proativo. Preciso encontrar você o mais rápido possível para discutirmos isso.”

“Você pode me encontrar amanhã para o almoço no *Los Angeles*?”

CAPÍTULO SEIS

Allen Bekker acordou para ver o Estranho sentado no pé da sua cama. Primeiro ele esfregou os olhos para ter certeza que não estava sonhando. Então seu coração disparou enquanto ele sentava na cama. Ele sentiu as artérias de seu pescoço pulsando e a adrenalina formigando seus nervos.

“Oi, Allen,” disse o Estranho, uma sombra na escuridão iluminada por um pedaço de luz da lua através da janela. Allen procurou embaixo de seu travesseiro.

“Não está aí,” disse o Estranho. “Está comigo,” ele disse, segurando um pequeno revólver 38, que brilhava com a luz do luar. “Você sabe, é perigoso guardar uma arma carregada na sua cama.”

“O que você quer?” perguntou Allen freneticamente.

“Nada.”

“Você quer dinheiro? Posso te dar dinheiro.”

“Ai, ai, Allen. Tudo tem que ser sobre dinheiro com você? Afinal de contas, foi o dinheiro que te trouxe para esta situação. Não, Allen, eu não quero o seu dinheiro.”

“Então o que você quer?”

“Estou feliz que você tenha perguntado! Eu vou te dar uma série de tarefas e você vai ter que fazê-las.”

“E se eu não fizer?”

“Aí então eu te mato.”

Bekker olhou em volta do quarto. Gotículas de suor tinham de formado nas suas sobrancelhas. Ele estava todo enrijecido e pronto para correr.

“Não adianta, Allen. Você não escapa. Você vai seguir minhas instruções, a não ser que você queira que isso seja o mais doloroso possível.”

O estranho se levantou com a arma apontada para a cabeça de Bekker e acendeu a luz com a mão esquerda. Ele era careca, estatura média e aparentava estar em boa forma física.

“Agora, Allen, eu quero que você se levante e sente na sua escrivaninha.”

Bekker saiu da cama e se sentou à mesa de mogno, onde ele percebeu que seu material de papelaria personalizado tinha sido colocado, assim como uma caneta.

“Pegue a caneta, Allen.”

Bekker hesitou. De repente o Estranho apertou sua mão esquerda, que estava calçada com uma luva, em volta da garganta de Bekker. Ele levantou Bekker alguns centímetros da cadeira e encostou a arma contra sua têmpora. Bekker sufocou e arfou procurando ar.

“Talvez você não tenha me escutado, Allen,” ele disse calmamente. “Eu disse, *pegue a caneta.*”

Bekker procurou em cima da mesa até achar a caneta e se sentou de volta no seu lugar.

“Assim está melhor. Por favor, não me faça ser repetitivo. Nós temos muito trabalho para fazer.”

CAPÍTULO SETE

Brent esperou mais de uma hora por Allen Bekker em uma mesa atrás da cerca de estacas brancas no restaurante *The Ivy* em Robertson, mas ele não apareceu e nem atendeu seu telefone celular. *Isso é estranho. Ele sempre atendia o celular ou, pelo menos, mandava uma mensagem de texto ou um e-mail.* O *The Ivy* estava cheio de clientes, muito parecido com as videiras a que seu nome fazia referência, todos eles almoçando lagostas frescas do Maine ou filé de Kobe que custavam entre cinquenta e cem dólares o prato. Brent saboreou alguns aperitivos e uma pequena salada Caesar feita na hora antes de resolver desistir de Allen. Ele mandou um e-mail avisando que estava indo embora e que se encontraria com ele outro dia.

Já que era um longo caminho de volta até Santa Bárbara, Brent decidiu ficar um tempo de bobeira no lado oeste de Los Angeles e seguir para casa antes da hora do rush do fim do dia. Beverly Hills era um oásis no extenso deserto que era Los Angeles. Suas ruas bem cuidadas, enormes mansões e jardins perfeitamente tratados faziam um contraste absoluto com a selva de pedra que se localizava do lado de seus limites, protegidos, claro, por Brentwood no oeste e West Hollywood no leste. Brent foi até a loja Wally's em Canon Drive para dar uma olhada nos vinhos que estavam em promoção.

Allen Bekker foi encontrado pela sua empregada doméstica de manhã, pendurado pelo pescoço, usando seu roupão. Ela imediatamente chamou a polícia, que achou um bilhete de suicídio assinado e com a data do dia anterior, aparentemente com sua própria caligrafia.

Eu me arrependo sinceramente de todo o mal que eu causei a todos as pessoas que eu roubei. Este é o motivo pelo qual eu estou criando um fundo especial para as vítimas dos meus esquemas. Ordeno que o responsável pelo meu inventário pague, com valores pró-rata, cada reivindicação de perda feita por aqueles que possam provar qualquer prejuízo em qualquer das minhas transações comerciais, a partir da data da minha morte até um ano depois.

Brent estava saindo da Wally's, onde encontrou duas garrafas de vinho cabernet em promoção, mais barato do que tinha custado seu almoço, quando ele recebeu a ligação.

“Brent, é o Jack. Allen Bekker está morto.”

A boca de Brent abriu com o choque. Ele tinha ficado um pouco incomodado com Allen por ele estar tentando se reerguer, mas ele não poderia ter um pretexto melhor.

“Morto? Como?”

“Parece que foi suicídio.”

“Suicídio? Isso não faz nenhum sentido.”

“Eles acharam um bilhete de suicídio.”

Brent fez uma ligação para avisar Angela que ele teria que esticar sua estadia em Los Angeles até a noite. Fez outra ligação para Melinda, para pedir que ela mandasse uma cópia do testamento de Bekker

por e-mail. Ele parou no escritório da FedEx no Wilshire Boulevard para imprimir o testamento e depois seguiu direto para a grande propriedade de Bekker em Mulholland Drive. Assim que ele chegou ao longo caminho de acesso ladeado com altas palmeiras, que mais parecia uma rua particular do que uma entrada, ele passou por vários carros de polícia que estavam saindo. Ele conduziu seu Jaguar F-Type azul até o grande pátio circular e estacionou perto do chafariz e da van do Coroner, onde o corpo de Allen tinha acabado de ser colocado.

O humilde lar de Allen Bekker era uma imponente mansão no estilo da Toscana, com colunas romanas de fino mármore italiano. As altas portas de carvalho entalhadas da entrada estavam abertas para o majestoso vestíbulo de mármore travertino polido repleto de mobílias italianas antigas e ostentando uma magnífica escadaria de mármore polido. Uma mulher magra vestindo um terninho cinza olhou para Brent quando ele entrou.

“Quem é você?” ela perguntou.

“Brent Marks. Sou o advogado do Sr. Bekker e o responsável pelo seu inventário.”

“Neste caso, você tem muito trabalho pela frente.”

“Eu suponho que sim.”

“Não, você não está entendendo. Eu sou Greta Durning, do escritório do Public Guardian.* Nós encontramos um testamento escrito de próprio punho.”

Brent chegou em casa exausto. Ele foi direto checar seu e-mail, quase tropeçando na gata, que tentou se entrelaçar entre suas pernas em movimento. Ele imprimiu uma cópia do que a tutora pública chamava de testamento e a polícia chamava de bilhete de suicídio. Aparentemente, ele poderia ser qualificado das duas formas. O documento foi totalmente escrito à mão por Bekker, assinado e datado, expressando uma intenção testamentária, o que era tudo que a lei da Califórnia exigia para uma doação ou testamento hológrafo. Testemunhas não eram necessárias, como para um testamento legal. Mas Brent não conseguia se conformar com a teoria de que Allen tinha cometido suicídio. Isso simplesmente não parecia ser da sua natureza. Ele era muito lutador para desistir tão facilmente.

A turma de assediadores da Internet já estava comemorando as novidades sobre a morte de Allen Bekker, como os Munchkins comemorando a morte da Bruxa Malvada do Leste. Era interessante como falar anonimamente

**NT: Public Guardian é um órgão oficial do estado da Califórnia que trata de casos de tutela, conduzidos por tutores públicos.*

dava as pessoas o direito de ser rudes. Mostrar seus horríveis pensamentos íntimos para todo mundo sem a responsabilidade de admitir seus erros para os outros.

Bekker está morto! Me cagando de rir! – Feto Abortado

Becker cometeu suicídio – coloque em suas reivindicações agora – Buscador da Verdade.

Brent colocou sua atenção no suposto testamento hológrafo. Enquanto ele lia o documento várias vezes, Calico miava incessantemente pedindo seu jantar. Quando parecia que Brent não estava lhe dando atenção, ela aumentava o volume, pulava na sua escrivaninha e esfregava seu rosto no nariz dele.

“Tá bom, tá bom, já entendi,” ele disse, acariciando a gata. Quando Brent levantou, ela deu um salto espetacular da escrivaninha e correu para a cozinha. Tudo que Brent viu foi uma mancha laranja e branca.

CAPÍTULO OITO

Melinda enfiou sua cabeça loura no escritório de Brent e sussurrou, “Cruella De Vil’ está aqui” e depois saiu. Brent saiu para cumprimentar Marcy Minton, que reivindicava a fama de ser a melhor cliente individual da Louis Vuitton no mundo. Ela também era a ex-mulher de Allen Bekker. Melinda não estava brincando. Em pé diante dele estava uma mulher esnobe de cerca de 1,80 metro de altura, vestindo roupas curtas de grife, com uma bolsa Hermes e sapatos combinando. Ela estava adornada de peles. *Quem usa peles na Califórnia?* Marcy estava acompanhada de uma jovem garota que, há bem pouco tempo, era uma adolescente, menos espetacularmente vestida, com cabelos escuros e olhos de corça assombrada. Brent supunha que ela fosse a filha de Allen, Rebecca. Rebecca parecia desesperada e sofrida, bem diferente de sua mãe, que mais parecia um tubarão se preparando para um frenesi alimentar. Brent imaginava se ela tinha trazido mais bolsas Hermes e Louis Vuitton com ela no seu carro, para encher com o dinheiro de Allen.

“Olá, Sr. Marks, sou Marcy Bekker (*usando novamente o nome de casada*),” disse Cruella, estendendo sua mão para ele como se fosse a rainha da Dinamarca. “E esta é minha filha Rebecca, a única descendente de Allen.”

Brent segurou a mão estendida de sua falsa visitante real. “Minhas mais sinceras condolências para vocês duas,” disse Brent. “Por favor, entrem.” Brent deu um passo para o lado e sinalizou para elas o caminho de seu escritório.

Marcy entrou com seu nariz empinado e se deixou escorregar na cadeira de madeira em frente à escrivaninha de Brent. Rebecca parecia desconfortável e se sentou na cadeira mais perto da porta, talvez planejando uma escapada rápida.

“Obviamente, Sr. Marks, eu estou preocupada com minha filha e com seu bem-estar. Allen montou um generoso fundo fiduciário para custear sua educação superior.”

Obviamente.

“O fundo deveria continuar depois de sua morte, até a homologação do testamento ser concluída. Não é preciso se preocupar com isso agora, senhorita Bekker.”

“Rebecca,” corrigiu a garota.

“Rebecca. Mas há um pequeno empecilho para o testamento.”

O canto da boca de Marcy estava tensionado. Ela com certeza estava preocupada com o destino de suas farras de compras na Rodeo Drive ou com suas viagens para o Hotel George V em Paris.

“Que tipo de empecilho?” perguntou Marcy. Rebecca não parecia estar interessada.

“Bem, o Public Guardian reivindica ter achado um testamento hológrafo, que eles dizem funcionar como uma doação e que modifica o testamento existente de Allen e pretende revogar o fundo. Mas isso não se aplica a você, Sra. Bekker.”

“Por que não?”

“O último testamento confiável de Allen, antes do alegado documento (se ele for válido), deixa toda a herança dele para Rebecca. Eu receio que a morte dele suspenda o pagamento da pensão que você estava recebendo dele.”

O rosto de Marcy ficou pálido e parecia que ela ia vomitar.

“Está tudo bem, Sra. Bekker?”

“Minton. Eu parei de usar o nome Bekker desde que a mãe da filha de Allen deixou de ser importante para ele.”

“Ah, mamãe,” suspirou Rebecca. Aparentemente ela estava acostumada com o drama. E, além disso, ela precisava sofrer o seu luto. Escritórios de advogados não eram muito bons para isso.

“Papai nunca se mataria,” disse Rebecca. “Ele se amava muito.” Seus olhos tristes e enfumaçados brilharam com as lágrimas.

“Eu concordo com você que suicídio não parece ser condizente com o perfil psicológico do seu pai. Entretanto, o que eles estão chamando de um bilhete de suicídio também traz implicações que desviam quase todas as propriedades dele da sua herança.”

Rebecca parecia mais curiosa do que preocupada, enquanto procurava por um pacote de lenços de papel Kleenex dentro da sua bolsa.

“Como assim?”

Brent passou uma cópia do bilhete por sobre a mesa.

“Esta parece a caligrafia do seu pai?”

“Sim,” disse Rebecca, enquanto ela lia o bilhete. “Então tudo vai para as pessoas que perderam dinheiro nos negócios do papai.”

“Sim, se o documento tiver valor legal.”

“Bem, nós temos que contestá-lo! Se ele cometeu suicídio, ele não poderia estar com a mente sadia.” disse Marcy, segurando as folhas restantes do talão de cheques em branco que Allen Bekker tinha deixado.

“Eu estive pensando nisso,” disse Brent. “É verdade que um suicida não é, ipso facto, uma pessoa com a mente sadia. Porém, na lei testamentária, para ser capacitada para fazer um testamento, a pessoa apenas precisa estar ciente de suas propriedades, de quem são seus beneficiários naturais e ter a intenção de dispor de seus bens. Se isso está escrito de próprio punho, a não ser que alguém estivesse apontando uma arma para a sua cabeça...”

“Talvez alguém tenha feito isso,” disse Marcy.

Brent explicou o processo de legitimação de testamento e que, como testamenteiro, ele estaria entrando com um procedimento para isso, o qual deveria determinar a validade do testamento ou testamentos. Ele também explicou que, como testamenteiro, ele devia uma obrigação fiduciária para o espólio para executar as intenções de Bekker, e que não tinha respondido a nenhuma delas.

“Então o tribunal vai determinar se este suposto testamento hológrafo é válido e como ele afeta ou modifica o fundo e o outro testamento de Allen. Se você quer contestá-lo, você pode fazer isso, mas você terá que contratar outro advogado.”

“Quer dizer que você não fará isso?” perguntou Marcy.

“Eu não posso. Isso é um conflito de interesse.”

Brent estava aliviado por que não estaria trabalhando para Marcy. Porém, mesmo assim, a coisa inteira – o bilhete escrito à mão, o suposto suicídio – nada disso era coerente para ele.

Brent pegou Angela depois do trabalho e foi em direção ao restaurante Bella Vista no Hotel Santa Bárbara Biltmore. Bem na hora em que eles estavam sendo acomodados no terraço, o sol estava sumindo no horizonte e as quatro lareiras do Bella Vista já estavam acesas.

“Angie, eu sei que é nossa combinação não falar de trabalho durante o jantar, mas tem uma coisa sobre este caso Bekker que realmente está me corroendo.”

“Eu aposto que é o misterioso bilhete de suicídio – barra – testamento.”

“Você poderia ter sido uma advogada.”

“Eu quase fui, lembra?”

“Sim, no último minuto você decidiu se juntar aos maus rapazes.”

Angela sorriu. “Muito engraçado.”

“O que acontece com uma investigação federal quando o alvo morre?”

“Geralmente a investigação morre com ele. Mas, neste caso, a investigação não está cercando a Tensun?”

“Sim, eu suponho que está.”

“Então ela provavelmente continuará e a morte de Bekker não irá afetá-la de modo algum. E, se você está pensando nas exigências da Lei de Liberdade de Informação (LDLI)*...”

“Eu estava.”

“Isso não funcionará. Mas você ainda pode fazer uma requisição sobre Bekker e ver se você pode encontrar algum registro dele. Você vai apenas precisar fornecer o atestado de óbito dele junto com a requisição da LDLI.”

Como prometido, Brent cortou a conversa de trabalho. O suave barulho das ondas quebrando bem do outro lado da rua e o tilintar dos garçons recolhendo os pratos e talheres era a única coisa que podia ser ouvida por alguns minutos, enquanto eles olhavam um para o outro, cada um envolvido com seus próprios pensamentos. O céu cobalto se transformou em preto e a maresia pairava como uma camada da noite, fazendo com que ela ficasse um pouco fria.

* *NT: Freedom of Information Act (FOIA)*

As chamas cintilantes da lareira formavam sombras que dançavam pelo terraço assim como as lanternas que iluminavam as árvores.

A vela da mesa lançava um brilho nas bochechas de Angela e seus olhos brilhavam. *Isso era amor?* Brent pensou. Desejo era uma coisa que ele entendia, mas este sentimento era uma completa imersão de sua alma na beleza daquela mulher. Angela quebrou o silêncio.

“No que você está pensando?”

“Hein?”

Uma resposta profunda. Tinha que fazer melhor que aquilo. Esta era uma sondagem, uma pergunta introspectiva, porém simples de responder. Brent deixou seus pensamentos se soltarem em seus lábios.

“Você. Eu estou te olhando e pensando como você é encantadora.”

“Obrigada.” Os olhos de Angela estavam semifechados, escovados pelos seus longos cílios. Ela parecia uma menininha que tinha ficado envergonhada. Mas se ela estivesse, o rosto corado estava escondido pelo pó compacto alaranjado nas suas bochechas.

“Mas é muito mais do que isso. Eu estava pensando como isso é muito melhor do que qualquer coisa que eu já conheci,” ele disse, pegando na mão dela.

“Isso?”

“Sim, isso. Você e eu. Eu me sinto tão bem sempre que você está perto de mim. E quando você não está, eu me sinto...”

“O que?”

“Perdido, é isso. Eu me sinto perdido. Eu me sinto bem quando chego em casa e você já está lá dentro para me fazer uma surpresa. Eu adoro acordar de manhã ao seu lado. Eu até gosto do jeito que você acaricia minha gata.”

“Sua gata?”

“Bem, eu gostaria de dizer que, antes de você, ela foi o relacionamento mais profundo que eu já tive.”

Angela deu uma risadinha e jogou seu cabelo castanho dourado para um dos lados. Então ela olhou para o Brent tão diretamente quanto ele poderia olhar dentro dos olhos dos membros de um júri durante as considerações finais, mas com mais força, como se os olhos dela pudessem consumi-lo.

“Eu também tenho uma confissão para fazer,” ela disse, sem desviar o olhar. Ela se esticou por cima da mesa e pegou a mão dele.

“Eu não posso imaginar minha vida sem você.”

A cena foi interrompida pelo garçom, que perguntou se eles queriam café.

“Apenas a conta, por favor,” disse Brent olhando de novo para Angela e sorrindo.

CAPÍTULO NOVE

Brent tinha que fazer malabarismo com seus outros casos e o monstro que tinha se transformado a legitimação do testamento de Allen Bekker. Além disso, ele teve que contratar uma pequena equipe para ajudá-lo a juntar todos os ativos, contas e a contabilidade de Allen. Ele contratou um auditor para ajudá-lo com a contabilidade e, claro, Jack Ruder como seu investigador. Mas Brent tinha mais em mente para Jack do que apenas rastrear potenciais herdeiros. Alguma coisa estava errada com tudo aquilo, e começava com a morte de Allen. Por isso, o lugar mais óbvio para começar olhando era o corpo de Allen. O médico legista terminou seu exame e atestou que a causa da morte foi suicídio, mas Brent pediu ao agente funerário que guardasse o corpo para uma segunda autópsia, o que provocou a ira de Cruella De Vil.

“Chefe, Cruella na linha um.”

“Melinda!”

“Desculpe. A Sra. Bekker, a entristecida viúva, está na linha um.”

“Obrigado.”

“O que está acontecendo, Marks?” Brent podia sentir as faíscas voando pelo receptor do telefone.

“Eu pensei que você quisesse contestar o testamento?”

“Eu quero. Estou contratando um advogado.”

“Bem, você provavelmente pedirá ao seu advogado que entre em contato comigo. Eu não poderia estar falando com você se você estivesse representada.”

“Você não pode sair disso tão facilmente, Marks. Eu ainda não contratei ninguém. O que significa uma segunda autópsia?”

“Como testamenteiro, eu não estou satisfeito com as circunstâncias em torno da morte de Allen e a doação feita de próprio punho no seu testamento. Eu contratei um médico legista independente para examinar o corpo para ver se nós conseguimos compreender o que exatamente aconteceu e por que.”

“Como isso irá ajudar?”

“Como o Dr. Orozco, o médico legista, gosta de dizer: às vezes a morte fala com você. Eu quero ver o que Allen tem a dizer sobre os momentos finais de sua vida.”

“Isto é ridículo!” ela cuspiu. “Meu advogado irá entrar em contato com você.”

“Faça isso.”

A solicitação de liberdade de informação de Brent para o governo iria demorar um pouco. Enquanto isso, ele enviou Jack para dar uma volta e ver o que ele conseguia descobrir, como se sua missão fosse reunir ativos. Jack iria falar com todos os parceiros de negócios de Allen e, enquanto isso, descobrir se ele tinha algum inimigo que fosse interessante averiguar.

Brent navegava em seus e-mails, que tinham se tornado uma parte frequente de seu trabalho, já que todo mundo agora se comunicava por mensagens eletrônicas. No meio de propagandas indesejadas e solicitações de status de clientes, ele encontrou um nome familiar. Ele tinha recebido uma mensagem de Gerald Finegan. Primeiro ele não conseguiu entender se aquilo era um insulto ou uma consulta.

Caro Sr. Marks,

Eu entendo que o senhor é o testamenteiro do espólio do finado vigarista Allen Bekker. Eu sou uma das vítimas de Bekker e pretendo fazer uma reivindicação ao seu espólio pelo dinheiro que ele roubou de mim. Eu conheço tudo sobre seus advogados antiéticos, portanto eu não suponho que o senhor irá fazer a coisa de forma honesta. Mas fique ciente que eu já falei com o FBI e eles sabem que o senhor trabalhava para Bekker. Advogados corruptos e inescrupulosos como o senhor deveriam pensar duas vezes antes de trabalhar para criminosos safados como ele. Minha demanda é pelos 250 mil dólares que ele roubou de mim. Nós podemos liquidar isso de uma forma fácil, ou eu posso recorrer às autoridades. A escolha é sua.

Gerald Finegan

Ao mesmo tempo em que era verdade que Brent tinha algum controle sobre o espólio de Bekker, ele não poderia fazer ou mesmo considerar um acordo como esse sem a aprovação do tribunal, que primeiro iria solicitar uma investigação desta requisição, assim como daquelas de qualquer credor em potencial. Brent escreveu uma resposta para o e-mail, explicando a Finegan que ele precisava ter sua requisição documentada e que a mesma seria completamente investigada e apresentada para o tribunal. Ele também o aconselhou a procurar seu próprio conselheiro. Então Brent fez uma ligação para Jack para começar a investigação imediatamente. A morte misteriosa de Allen Bekker estava começando a se transformar em algo muito mais estranho do que ele esperava.

Antes de terminar seu dia, Brent estava curioso e saiu de seu e-mail e foi para os quadros de avisos dos investidores, apenas para descobrir que ele já tinha virado uma celebridade.

O porta-voz trapaceiro Brent Marks foi nomeado testamenteiro do espólio de Bekker. A fraude continua, na minha cabeça (esta é minha humilde opinião) – Buscador da Verdade.

As vítimas de Bekker podem agora ter justiça. Faça uma reivindicação ao seu espólio com o vigarista Brent Marks. – Detetive da Bolsa

Brent não podia mais ler. Ele iria delegar isso para o Jack. Seu cérebro emocional estava gritando “conspiração”, mas ele prometeu a si mesmo esperar por uma explicação mais razoável. Ele telefonou para Jack assumir.

“Jack, oi. É o Brent.”

“Olá, Brent. Eu ainda não tenho nenhuma pista, se é isso que você precisa saber.”

“Não, não. Eu sei que ainda é muito cedo para isso. Porém, eu tenho uma. Pode não ser nada, mas eu tenho um pressentimento oculto que os quadros de avisos perseguidores sabem alguma coisa sobre o testamento misterioso de Allen. Todos eles estão falando sobre fazer reivindicações ao seu espólio. E eu recebi um e-mail do Gerald Finegan, o flagelo de Bekker. Eu vou encaminhá-lo para você.”

“O que você quer que eu faça?”

“Faça o acompanhamento do que você conseguiu com a empresa de rastreamento. Fale com todos estes perseguidores cibernéticos e descubra suas histórias. Nós também deveríamos agitar a gaiola do velho Gee-offrey de novo.”

“Entendi.”

Brent trancou o escritório e seguiu para casa. Angela estaria lá naquela noite, e Brent queria devolver o favor que ela lhe tinha feito várias vezes. Ele seria o cozinheiro *ce soir* e faria seu prato especial “Canard en croute,” que soava muito mais chique do que apenas assar um peito de pato dentro de uma crosta de massa de pão.

As mãos de Brent estavam cobertas de farinha e o balcão da cozinha estava coberto com uma camada fina de poeira branca: os resíduos do seu trabalho. Ele ouviu o telefone, o inimigo da paz, tocar à distância.

“Brent,” chamou Angela. “Dr. Orozco no telefone.”

Brent rapidamente lavou e secou suas mãos, e tirou o telefone de Angela.

“Brent, me desculpe ligar para a sua casa, mas tem uma coisa que eu sabia que você iria querer saber agora mesmo.”

“Claro, doutor, o que é?”

“Allen Bekker foi assassinado.”

CAPÍTULO DEZ

O necrotério não era o lugar ideal para Brent começar seu dia, mas neste caso, ele abriu uma exceção. O lugar fedia como um vestiário sujo misturado com o cheiro forte de formol. O Dr. Jaime Orozco sorriu, cumprimentou Brent e apertou a mão dele. Depois, deixando sobressair uma expectativa maior que o seu próprio corpo amplo, ele andou gingando até a câmara frigorífica e abriu a gaveta. Então ele descobriu o rosto morto de Bekker até a incisão em formato de Y, costurada com grossas suturas. Brent resistiu à ânsia de vomitar. *Acalme-se*, ele disse para si mesmo.

“Como eu te disse ao telefone, você vê aqui?” Orozco perguntou de modo entusiasmado apontando para as marcas de hematoma no pescoço de Bekker.

“Você vê estas marcas de hematoma, aqui? Havia marcas de ligadura post-mortem feitas pelo roupão que eles disseram que ele usou para se pendurar. Tudo bem, Bekker foi asfixiado. Mas ele não poderia ter feito isso com suas próprias mãos. Ele foi estrangulado.”

Orozco apontou para o que ele disse ser outro grupo de hematomas, cobertos pelo enforcamento post mortem. “Você vê aqui?” (Brent não viu.) “Você pode ver impressões de contusão dos dedos polegar e indicador com hemorragias em torno delas, que eles tentaram mascarar com a ligadura do enforcamento.”

Brent se inclinou para olhar o melhor que pôde sem engasgos. Orozco levantou as pálpebras.

“Não há hemorragias nos olhos. Ele foi pendurado *depois* de ser estrangulado. Porém, para ser bastante minucioso, eu vou dissecar o pescoço. Eu esperei por você antes de começar este procedimento.”

Brent limpou sua garganta. “Ah, doutor, está tudo bem. O senhor só precisa me dar seu relatório.”

Doutor Orozco olhou surpreso, sorriu e então disse, “Muito bem!” Ele podia identificar os hematomas no corpo morto de Bekker, mas aparentemente não podia ver que Brent estava ficando azul.

“Quando o senhor acha que nós poderemos enviar seu relatório para o escritório do promotor?”

“Ah, você receberá isso até amanhã de manhã.”

Quando Brent chegou do lado de fora, ele ficou agradecido por fazer uma respiração profunda de ar fresco. Ele sentou no seu carro, pegou seu telefone celular e ligou para Jack.

“Jack, os resultados da autópsia saíram. Bekker foi assassinado.”

“Sério? Então isso dá um rumo diferente às coisas, não é?”

“Sim. Isso coloca em questão o testamento feito de próprio punho / bilhete de suicídio. Levanta uma suspeita de coação.” *Cruella estava certa. Alguém provavelmente colocou uma arma contra a sua cabeça.*

“Então eu devo mudar os rumos da investigação?”

“Pode mudar. Agora isso é uma investigação de assassinato. O promotor e a polícia irão receber o relatório de Orozco pela manhã.”

“O que dizer da cena do crime?”

“Exatamente o que eu estava pensando, Jack. Você tem que ir até lá e mantê-la como esta, agora mesmo. E chame alguns companheiros policiais para eles fiquem sabendo que eles têm um homicídio em

suas mãos.”

“Estou a caminho.”

“Jack?”

“Sim?”

“Não diminua a pressão sobre os malucos da Internet. Assim que você tiver a cena do crime segura, volte para esta pista.”

Brent não conseguia abrir seu e-mail sem receber uma ou mais mensagens de Gerald Finegan pedindo seus duzentos e cinquenta mil dólares. Ele se tornou uma perturbação. Parecia que ele também tinha uma presença no Hotstocks.co, sob o identificador anônimo “Enganado.”

O advogado trapaceiro Brent Marks continua se recusando a me devolver o que foi roubado de mim. Ele deveria ser enforcado bem ao lado de Bekker. Na minha humilde opinião, claro – Enganado.

A pilha de correio tradicional que Melinda colocou na mesa dele era bem pior. Quando Brent folheou isso, jogando as propagandas indesejadas no arquivo redondo, ele se deparou com uma carta da Ordem dos Advogados da Califórnia. Era uma reclamação disciplinar de Gerald Finegan – também conhecido como *Enganado*. “Que ótimo!” Brent resmungou para si mesmo.

CAPÍTULO ONZE

No dia seguinte, Brent voou para Scottsdale para encontrar com Gerald Finegan. De Santa Bárbara, ele fez conexão no Aeroporto Internacional de Los Angeles para um voo curto até Phoenix. Apesar de ser noite, ele foi atingido por uma parede de calor assim que saiu do avião. Phoenix era um forno comparada à Santa Bárbara.

Brent se cadastrou em um pequeno motel em Scottsdale e logo saiu pelas ruas para começar o processo de descoberta de qualquer coisa que ele conseguisse sobre Gerald Finegan. Ele conversou com vizinhos, que conheciam Finegan como um solitário que não saía muito de casa. Ele conversou com sua ex-mulher, que contou que Finegan apostava a maior parte de seu dinheiro no mercado de ações e que estava com a pensão de suas duas filhas gêmeas atrasada dois meses. E ele falou com o seu patrão, um empreiteiro de piscinas que se recusou a dar qualquer informação sobre Finegan, com exceção de que ele era um de seus melhores vendedores de piscina.

Depois de sua tarde de investigação, Brent comeu um rápido jantar no restaurante mexicano *The Mission*, e então voltou para seu motel para se atualizar de suas ligações telefônicas e e-mails.

Finegan tinha escolhido um lugar neutro para o encontro. Apesar de Brent não gostar da ideia de dividir uma refeição com Finegan, o local de encontro foi o *Panera Bread*. Além de pão, era um lugar de ‘junk food’, que provavelmente servia menos porcarias que qualquer outro. O sopro de ar frio quando ele entrou foi bem-vindo, assim que ele empurrou a porta do Panera. Uma variedade de homens e mulheres de negócio estava sentada nas mesas de plástico, comendo suas sopas, saladas ou sanduíches, ou esperando seus pedidos, identificada por números presos a hastes de alumínio altas e finas que estavam sobre as mesas. Brent reconheceu um homem usando uma camisa roxa e uma gravata azul, sentado sozinho em uma mesa de canto sem número ou prato de comida. Ele estava bebendo uma xícara de café (ou alguma bebida quente). A última coisa que Brent podia pensar neste calor era beber alguma coisa quente.

Brent abordou o homem de meia-idade. “Sr. Finegan? Sou Brent Marks,” ele disse, estendendo a sua mão. Finegan, sem se mover de sua cadeira, estendeu sua mão e deu um relutante aperto na mão de Brent. Então ele se sentou.

“Você quer pegar alguma coisa para...”

“Sem fome,” Finegan disse em um impulso, seus olhos arredondados brilhando com uma expressão arrogante. “Eu espero que isso não seja sobre a reclamação na Ordem dos Advogados.”

“Não, Sr. Finegan. Eu vou discutir sobre isso com eles. Aqui é sobre as demandas que o senhor tem feito para o espólio de Allen Bekker. Eu gostaria de conversar com o senhor sobre elas.”

As sobrelhas de Finegan levantaram como se o vapor de seu café tivesse feito uma cirurgia plástica na sua testa. “Não é necessário discuti-las. Bekker roubou meu dinheiro. Eu o quero de volta. Isso é muito simples. Eu já falei sobre tudo isso para o FBI e também contei para eles sobre você.” Ele bebeu um gole do líquido quente.

“Sobre mim? O que o senhor por acaso poderia ter contado a eles sobre mim?”

“Que você era o bode expiatório de Bekker. Um advogado antiético que faria qualquer coisa que ele lhe pedisse para fazer – por dinheiro, claro.”

Claro.

“Agora, Sr. Finegan...” Brent estava fumegando e segurando seu impulso de socar o nariz de Finegan.

“Não há mais nada a dizer, Marks. Apenas faça tudo para eu receber meu pagamento ou você irá se arrepender.”

“Lamento que *haja* mais a dizer, Sr. Finegan. Allen Bekker foi assassinado.”

Brent examinou a rosto de Finegan para ver a sua reação. Seus olhos arregalaram, como se ele tivesse chocado, mas suas sobrancelhas se juntaram e seus lábios repuxaram, como se ele estivesse mais apavorado do que surpreso.

“Assassinado? Como você sabe?” Suas sobrancelhas levantaram e sua boca abriu, parecendo estar preocupado agora.

“Como testamenteiro, eu solicitei uma segunda autópsia. Ele foi estrangulado, Sr. Finegan. E isso coloca o assim chamado testamento de próprio punho em risco.”

“Por que?”

“Por que? Porque há evidências de que foi escrito bem pouco antes da sua morte. Se ele foi escrito na presença do assassino, seguindo suas instruções, ele será invalidado por coação.”

“Você não acha que eu tenho alguma coisa a ver com a morte dele, acha?”

Finegan evitou os olhos de Brent. Definitivamente ele o tinha desafiado.

“Diga-me o senhor, Sr. Finegan. Eu vejo ameaças na Internet contra Bekker e logo depois ele aparece morto.”

“Muitas pessoas odiavam Bekker.”

“Mesmo assim, Eu estou lhe mandando uma intimação para os registros de seu computador.” Brent entregou a Finegan um envelope. “E aí dentro também tem uma notificação para preservação de provas. Não apague nada. Tudo isso tem que ser preservado para o julgamento.”

Finegan olhou para o envelope como se fosse a mão de um leproso. Brent se levantou e saiu sem dizer até logo. Ele parou do lado de fora da janela e reparou em Finegan digitando freneticamente em seu telefone.

“Brent Marks, o advogado, acabou de me confrontar. Ele diz que Allen Bekker foi assassinado. Que merda é essa?”

“Brent Marks está em Phoenix, me acusando de assassinato.”

Assim que voltou para o seu carro alugado, Brent ligou para Jack. “Jack, nós conseguimos o que queríamos com Finegan. Sua expressão foi praticamente uma confissão quando eu o confrontei. Então ele pegou seu telefone celular e começou a digitar um SMS ou e-mail.”

“Certo, eu vou passar a informação para o detetive encarregado.”

“Quem é ele?”

“Detetive Arnold Gray do Departamento de Polícia de Los Angeles. Nós temos amigos em comum. E ele está me deixando ficar perto do caso, já que fomos nós quem o começamos para ele.”

“Menos constrangimento para o médico legista.”

“Exatamente.”

Brent esperou no portão da United Express na escala de uma hora no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Ele estava faminto, mas resistiu ao impulso de pegar alguma coisa para comer em um dos restaurantes do aeroporto. Era mais seguro em casa. Enquanto Brent estava esperando a chamada para embarque de seu voo, ele teve a estranha sensação de que alguém o estava observando. Antes de se livrar disso, ele casualmente examinou a área ao seu redor como se estivesse olhando para o seu iPhone. *Nada estranho. Deve ser paranoia.*

Na hora do embarque, Brent entrou no ônibus em primeiro lugar para poder observar o desfile dos outros passageiros e verificar cada um deles. Ninguém parecia ser fora do comum. Eram famílias, homens de negócio e a habitual variedade de estudantes universitários. Todos eles pareciam ser de Santa Bárbara, mas também havia poucos que não se encaixavam neste perfil. Ele manteve um olho periférico neles: uma mulher nervosa com uma bolsa enorme, um homem careca de meia-idade e um homem baixo e gordo arrastando uma enorme bagagem de mão.

Durante o curto voo, Brent manteve seus olhos bem abertos nos seus três personagens suspeitos imaginários, mas todos eles pareciam estar se comportando bem em seus respectivos assentos. Brent olhou pela janela quando o avião iniciou seu procedimento de descida sobre o oceano Pacífico em direção ao aeroporto de Santa Bárbara. O céu estava limpo e ele podia ver as pequenas luzes do porto de Santa Bárbara cintilando embaixo deles enquanto o sol se punha lindamente atrás do horizonte.

O avião aterrissou e Brent fez questão de ficar atento aos seus três suspeitos. Somente um – a mulher com a bolsa grande – foi com ele retirar a bagagem, que demorou um tempo extraordinariamente longo. Finalmente, quando Brent recuperou sua mala, ele prometeu se lembrar de nunca mais despachar qualquer coisa em um voo curto, amarrou seu laptop em cima da mala e foi em direção ao estacionamento.

Brent ia puxando sua mala atrás dele, ao mesmo tempo em que procurava pelos três suspeitos, quando ele colocou o pé na faixa de pedestre sobre a pista que ia em direção ao estacionamento. De repente, um carro Toyota Corolla verde acelerou em sua direção. Brent foi jogado para fora do caminho, o Toyota destruiu sua mala e continuou andando. Brent tentou ver a placa do carro, mas ele estava indo tão rápido que, quando ele partiu, deixou um rastro de roupas, papéis e pedaços de plástico e de metal do laptop de Brent na sequência.

Brent pegou o que sobrou de seus pertences, enfiou dentro da sua mala quebrada e voltou para dentro para dar queixa do incidente para a polícia do aeroporto. Ele tirou seu celular do bolso e ligou para Jack.

“Jack, eu acho que alguém acabou de tentar me matar.”

CAPÍTULO DOZE

“Não vá direto para casa,” disse Jack. “Eu vou para lá e vou vigiar sua casa. Telefone para Angela ou para alguém.” O relatório da polícia demorou mais de meia hora para ficar pronto. A polícia do aeroporto apenas ouviu metade da teoria de Brent: que ele estava marcado para morrer e que o incidente estava de alguma forma relacionado com o assassinato de Allen Bekker. Eles acharam que tinha sido apenas alguém que não tinha visto Brent na faixa de pedestre, entrou em pânico e fugiu. Quando eles estavam finalmente acabando com suas atividades administrativas, Brent ligou para Angela. Suas mãos ainda estavam tremendo quando ele digitou o número dela.

“Jack está certo. Não vá para casa. De qualquer modo, você deve estar com fome. Por que você não me encontra no Arigato? Lá nós podemos comer um jantar leve. Depois eu vou para a sua casa e passo a noite com você.”

“Minha proteção do FBI?”

“De graça.”

Brent atirou o resto das suas coisas na mala do seu Jaguar e seguiu para a autoestrada, enquanto procurava em volta pelo Toyota verde ou por alguma outra coisa que parecesse suspeita. *Será que foi uma coincidência? Eu estou sendo apenas paranoico?*

Brent estava pensando que ele tinha exagerado com Finegan. Mas agora parecia que ele tinha levantado uma pedra e todas as coisas ruins que estavam embaixo dela estavam rastejando para fora. Ele finalmente chegou ao Arigato e encontrou Angela sentada em uma mesa no pátio do restaurante no meio de uma floresta de vasos com árvores, com luzes piscando. Enquanto eles jantavam peças preciosas como sushi, rolinhos de lagosta e iguarias japonesas, a conversa deles era dedicada à bizarra viagem de ida e volta a Phoenix.

“É verdade que Finegan, o vendedor de piscinas, tem a maior e mais pública birra do Bekker, mas eu ainda não o vejo como um assassino.”

“Talvez ele tenha contratado alguém para fazer isso.”

“Ele está com a pensão alimentícia atrasada dois meses.”

“Talvez seja este o motivo.”

“Tem que ter mais coisa nisso do que parece.”

“Sempre tem.”

Angela estava certa. Finegan era a única pista que eles tinham. Depois do jantar, eles foram juntos no carro de Angela para Harbor Hills, pois assim Brent poderia ser propriamente protegido. Jack encontrou com eles lá.

Brent serviu bebidas no terraço para Angela e Jack enquanto eles trocavam informações do caso. Não era surpresa para Brent que o detetive Grey não tinha interesse em seguir a pista de Finegan. Isso dependeria do Jack, já que Angela e Jack proibiram oficialmente Brent de conduzir suas próprias investigações – pelo menos até eles terem certeza que ninguém estava tentando matá-lo.

Quando eles se abraçaram na cama, Angela disse: “Então, você não se sente mais seguro comigo aqui para te proteger?”

“Muito mais seguro,” Brent disse enquanto acariciava a bochecha dela, colocando mechas de seu longo cabelo ruivo dourado atrás da orelha dela. Enquanto isso ele beijava gentilmente sua boca, e depois dava uma série de beijinhos no pescoço dela. Enquanto eles se mexiam, a gata, percebendo que seu lugar aconchegante tinha sido violado, desceu da cama. Ela não teria espaço na bobagem deles.

Suas mãos fluíam por cima do outro, acariciando cada ponto macio e maravilhoso, a expectativa sendo construída. Então eles trocaram de posição, cada um beijando a seu modo a parte mais sensível do outro, se demorando lá até o último segundo possível.

Angela suspirou quando Brent a penetrou e seus corpos se amalgamaram em um só: um coração batendo, um par de pulmões respirando para dentro e para fora. Dois corpos perfeitamente engrenados juntos até o ápice final.

CAPÍTULO TREZE

Não muito depois que as notícias da segunda autópsia foram divulgadas, Gee-offrey telefonou para dizer que ele estava representando um grupo de investidores que tinham sido enganados por Bekker em uma disputa com o Fundo e o Testamento de Bekker.

“Então, quais são os nomes dos requerentes?” Brent perguntou para ele. “*Enganado, Buscador da Verdade e 007?*”

“Muito engraçado, Marks. Você vai aceitar as citações?”

“Claro. Basta que elas sejam enviadas. Você também pode me mandar uma cópia por e-mail?”

“Sem problemas.”

“Gee-offrey?”

“Por que você me chama assim? É Geoffrey.”

Brent ignorou a pergunta. “Você sabe que Bekker foi assassinado um pouco depois de escrever o suposto testamento hológrafo, não sabe?”

Isso pegou Gee-offrey de surpresa.

“Assassinado? Quem disse?”

“O médico legista independente do espólio. Apenas pensei que você pudesse querer repensar seu caso antes de levá-lo longe demais.”

“Não, obrigado. Eu precisarei ter acesso ao corpo para nossa própria autópsia.”

Alguns minutos depois, quando Brent recebeu o e-mail, não foi surpresa que o principal requerente da contestação do testamento fosse um tal de Gerald Finegan. O restante do grupo, com certeza, era formado pelos mesmos perseguidores da Internet, agora desmascarados. Engraçado como o cheiro do dinheiro fez com que eles ficassem suficientemente corajosos para abandonar seus alteregos.

Jack correu atrás da pista de Finegan imediatamente. Já que agora os outros jogadores anônimos eram também conhecidos, ele fez uma conferência dos antecedentes de todos eles. Nada fora do comum. Eles eram um bando de valentões com idade avançada, que não tinham nada melhor para fazer com seu tempo do que navegar na Internet e criar problemas. E aparentemente estavam todos pensando que poderiam ficar ricos no mercado de ações de empresas pequenas. Como apostadores de Las Vegas, quando suas ações baratas subiam, eles comemoravam. E quando elas caíam, eles diziam que era fraude e procuravam alguém para culpar.

Com os dados da Trackit Corp. e os antecedentes checados, Jack foi capaz de fazer a correspondência de cada valentão da Internet com um ISP e, conseqüentemente, identificá-los pelos seus títulos anônimos. Como Brent suspeitava, Finegan era o *Enganado*. Ele deveria ser o primeiro a depor. Depois *Detetive da Bolsa, Buscador da Verdade e Feto Abortado*.

“Eu quero saber tudo que há para saber sobre estes rapazes” disse Brent enquanto Jack se instalava na cadeira do outro lado da escrivaninha no escritório de Brent. “Onde eles moram, o que eles fazem, com quem conversam.”

“Eu estou compilando um arquivo de cada um.”

“Você pode puxar uma lista do Hotstocks? Veja com quem eles interagem no site.”

“Já foi feito.” Jack tirou um envelope de papel pardo de sua pasta e passou para Brent do outro lado da escrivaninha.

“Perfeito,” Brent disse enquanto abria o envelope e folheava os relatórios. “E eu quero requisitar seus e-mails e seus históricos bancários - tudo. Vamos pedir outra fase de intimações para Trackit e Hotstocks também, agora que nós sabemos quem eles são.”

Brent rapidamente ditou intimações para Melinda digitar. Jack esperou no escritório de Brent até que elas ficassem prontas para serem emitidas e entregues.

“O que isso significa, Jack?” ele perguntou apontando para uma linha no relatório.

“Eu estava procurando por semelhanças entre todas as postagens deles e descobri que todos eles tinham interagido com *O Fantasma*. Mas ele é literalmente um espectro. Não existe ISP. Nada.”

“Ele não deixou nenhuma pegada digital?”

“Nenhuma.”

“Verifique este fantasma também, Jack. Eu quero descobrir quem ele é e como ele faz parte de tudo isso.”

“Você já entendeu,” disse Jack quando Melinda bateu na porta.

“Intimações quentinhas, saindo da impressora!”

Ela as entregou para Brent, que checkou todas e passou para Jack.

“Vamos provocar algum tumulto,” ele disse.

CAPÍTULO CATORZE

As cadeiras na sala de reunião de Brent tinham sido especialmente escolhidas para serem desconfortáveis. Esta era a sala onde todos os depoimentos eram tomados. Um depoimento por si só já era bastante desconfortável, mas Brent gostava de mexer um pouco nas cartas do jogo a seu favor sempre que podia. Chamava isso de “a vantagem de jogar em casa.” Ninguém podia ficar confortável naquelas cadeiras.

Gee-offrey Kelley apareceu na hora marcada com seu cliente, Gerald Finegan, que não tinha a menor ideia de qual tortura estava planejada para ele. Gee-offrey se aproximou da mesa de reunião e se espremeu em uma das cadeiras de madeira, enquanto colocava sua pasta sobre a mesa de reunião.

“Por que não nos sentamos em pedras, Marks? Provavelmente seria bem mais macio,” ele disse enquanto tentava chegar sua cadeira para perto da mesa, uma façanha dificultada pelo excesso de banha na sua barriga. Finegan se plantou ali e sentou em silêncio, com sua habitual testa franzida. Brent silenciosamente prometeu arrancar uma confissão dele naquele dia.

“Você não gosta das minhas cadeiras rústicas? Elas foram escolhidas para combinar com a decoração do escritório,” Brent respondeu.

“Claro que foram.”

“Nós poderíamos ter trazido almofadas extras para você, mas eu não achei que você precisaria.”

“Muito engraçado, Marks. Você não acha que eu já estou acostumado com piadas sobre gordos?”

“Gee-offrey, sinto muito. Eu não queria ofender.”

Geoffrey olhou em volta da sala, avaliando o valor da decoração como um agente de cobrança.

“Parece que você tem algumas coisas boas aqui. Este foi um bom exercício para a prova do devedor.”

“Gee-offrey, você está cobiçando os meus pertences?”

“Apenas procurando coisas para cobrar em juízo. Eu vi o seu Jaguar estacionado lá fora. Legal. O juiz Kronenberg vai gostar de ver isso como desrespeito à citação, principalmente porque ele dirige um Chevy.”

“Gee-offrey, nós não estamos aqui hoje para tratar do meu caso de difamação nem para decretar a coleta de seus ridículos honorários. Nós estamos aqui para chegar ao fundo desta contestação de testamento e fundo.”

A escrevente fez o juramento de Finegan. Ela se preparou para digitar cada palavra que fosse dita por qualquer um na sala, alheia ao fato que Gee-offrey, que estava sentado na sua frente, estava olhando fixamente para seus seios grandes.

“Sr. Kelley, o senhor está conosco?” perguntou Brent. Gee-offrey limpou sua garganta, pigarreou, e disse, “Claro, pronto para começar.”

Brent proferiu uma longa lista de instruções, advertindo Finegan sobre a penalidade por perjúrio aplicada ao procedimento de depoimento e várias regras sobre falar na sua vez, para que a escrevente pudesse anotar qualquer coisa que fosse dita. Então ele disparou o primeiro tiro.

“O que o senhor sabe sobre o assassinato de Allen Bekker?”

A pergunta atingiu Finegan direto no esterno e parecia que ele estava paralisado e surpreso.

“Protesto!” Gee-offrey disparou. “Pressupõe fatos que não são evidentes e rotula como especulação.”

“O senhor pode responder à pergunta, Sr. Finegan. O protesto do Sr. Kelley não irá salvá-lo,” disse Brent.

“Eu, eu não sei nada sobre o assassinato do Sr. Bekker,” Finegan gaguejou.

“O senhor afirma ser um dos beneficiários do testamento do Sr. Bekker, correto?”

“Sim, eu sou uma de suas vítimas.”

“O Sr. Bekker roubou o senhor?”

“Sim. Ele roubou.”

“É mesmo? Ele roubou o senhor apontando uma arma?”

“Protesto! Argumentativa!”

“Não, ele não me roubou apontando uma arma. Ele me enganou.”

“Ele convenceu o senhor a investir dinheiro em ações da Tensun, Inc.?”

“Sim, ele me convenceu.”

“Mas o senhor nunca falou com o Sr. Bekker antes de investir nestas ações, não é?”

“Não, mas eu falei com ele depois.”

“Depois? Isso significa que o senhor exigiu, pessoalmente, que ele pagasse pelas suas perdas?”

“Sim.”

“O Sr. Bekker era um funcionário da Tensun?”

“Não.”

“Ele era um diretor ou um dos proprietários?”

“Não que eu saiba. Ele era o corretor de ações deles.”

“Então ele nunca recomendou a ação para você?”

“Não pessoalmente.”

“Quem recomendou a ação?”

“Ela estava muito bem cotada pelo Investacash.com.”

“O senhor tinha conhecimento de que o Investacash pertencesse ao Sr. Bekker?”

“Não.”

“O senhor tinha conhecimento que o Sr. Bekker pagou ou organizou para que a Investacash negociasse ações para o senhor?”

“Não, mas é assim que eles trabalham. Você paga e eles enviam um e-mail alertando os seus assinantes.”

“E você é um dos seus assinantes?”

“Era.”

“E o senhor investiu em alguma outra ação recomendada pelo Investacash?”

“Sim.”

“Negócios em que o Sr. Bekker não estava envolvido?”

“Protesto: apelos para especulação.”

“Sim.”

“Então por que o senhor matou o Sr. Bekker?”

Finegan arfou e parecia que estava ficando enjoado. Gee-offrey pulou da sua cadeira e balançou seus braços como um personagem de desenho animado. “Protesto! Argumentativa! Marks, se você continuar nesta linha, nós vamos fazer uma moção para uma medida cautelar.”

CAPÍTULO QUINZE

Enquanto Brent estava dando a Finegan um momento difícil, Jack estava dispensando sua versão própria de amor aos requerentes perseguidores cibernéticos remanescentes. Cada um deles teria o prazer de se sentar na desconfortável cadeira de testemunha na sala de reunião de Brent. Entregar pessoalmente uma intimação geralmente não é muito divertido. Jack, tendo sido um policial e também um agente do FBI, tinha um lampejo de discrição quando fazia as entregas. Sua primeira parada foi na casa de 40 anos, com as laterais lascadas, que ocupava todo o terreno na Rua Bessemer em West Hills.

Jack bateu na porta do *Feto Abortado*. Depois de alguns instantes ele ouviu “Quem está aí?” vindo de dentro.

“Entrega para David Marsen,” disse Jack, segurando uma pequena caixa embrulhada em frente ao olho mágico.

Marsen abriu a porta. Ele estava vestido com uma camiseta que não via uma gota de água sanitária desde 1975, um par de calças jeans folgado e seus cabelos estavam tão desgrehados quanto a sua respiração. “Você é David Marsen?” perguntou Jack.

“Sim.”

Jack entregou a ele a caixa e a intimação.

“O que é isso?” perguntou Marsen.

“Uma caixa vazia e uma intimação, Senhor *Feto Abortado*,” disse Jack com um sorriso.

Em seguida Jack correu para San José. Lá, na cidade-dormitório de Milpitas, ele encontrou *Buscador da Verdade*, o pseudônimo de Myron Talbot, ocupado em uma conversa animada com um de seus vizinhos. Depois que Jack estacionou e saiu de seu carro, ele percebeu que Talbot estava no seu jardim da frente, reclamando com seu vizinho de porta sobre os brinquedos das crianças que foram deixados na calçada. Jack andou até ele e disse, “Myron Talbot?” Talbot olhou para Jack. “Quem quer saber?”

“Eu quero saber.”

“Quem é você?”

“Jack Ruder.”

“Cai fora, eu não te conheço.”

O vizinho estava rindo, se divertindo com o destaque que Talbot estava recebendo. “Aqui está Myron Talbot, com certeza,” ele disse para Jack.

Talbot encarou de volta o vizinho.

“Isso é para você, *Buscador da Verdade*,” disse Jack, enquanto ele enfiava um envelope nas mãos atarracadas de Talbot.

Jack não teria o prazer de notificar Jeremy Williams, também conhecido como *Detetive da Bolsa*, pois ele morava em Minneápolis. Mas o oficial de Justiça tinha lhe garantido que o *Detetive da Bolsa* iria receber seu presente naquele dia.

Brent se levantou de sua cadeira e ficou encarando Gee-offrey olho no olho. Isso agora parecia apropriado para enfrentá-lo.

“Você está instruindo seu cliente a não responder?”

“Não desta vez,” murmurou Gee-offrey, com relutância.

“Então se sente, Sr. Kelley. Eu vou retirar a pergunta.”

Finegan soltou um suspiro silencioso de alívio.

“Mas eu vou lhe perguntar isso, Sr. Finegan: o que motivou o senhor e seus companheiros a matar o Sr. Bekker e fazer isso parecer um suicídio?”

“Protesto! Marks, você está testando a minha paciência!”

“Nós não temos nada a ver com a morte dele.”

Brent ateve-se ao “nós” e forçou Finegan a desmascarar todos os seus coconspiradores, revelando seus pseudônimos na Internet. Então, com um pressentimento, ele lançou outra sondagem.

“Sr. Finegan, quem é *O Fantasma*?”

O rosto de Finegan ficou branco, como se, de repente, todo o sangue tivesse sido drenado dali. Ele alcançou um copo d’água e tomou alguns goles.

“Eu não sei do que você está falando.”

“Ah, eu acho que o senhor sabe,” Brent disse enquanto atirava um papel na frente Finegan.

“Esta é uma impressão de sua interação com um usuário do Hotstocks chamado *O Fantasma*. Há mais de uma dúzia de mensagens postadas em um período de seis semanas. Eu estou surpreso que o senhor não o tenha mencionado junto com os outros.”

Gee-offrey examinou sua cópia da impressão e forçou a visão, como se ele não conseguisse ver direito. Gotas de suor apareceram em sua testa.

“Eu não sei quem ele é,” disse Finegan.

Então Brent deu um grande passo rumo ao desconhecido. *Que inferno*, ele pensou. *Este é o meu depoimento e não tem nenhum juiz aqui.*

“Qual foi o envolvimento do *O Fantasma* na morte de Allen Bekker?”

Gee-offrey gritou, protestando e fingindo indignação, mas Brent o ignorou e manteve seus olhos treinados em Finegan. Algumas vezes, *como* uma pessoa responde a uma pergunta é mais importante do que o que ela realmente fala. Claro, Finegan alegou não saber qual envolvimento, se houvesse, *O Fantasma* tinha com a morte de Bekker. Mas seus olhos discordavam da sua declaração. Eles se lançavam para frente e para trás, e ele lambia seus lábios como se tivesse acabado de se arrastar pelo deserto do Saara, ao invés de estar sentado em um escritório com ar-condicionado e ter acabado de engolir metade de um copo d’água.

.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Às cinco horas, Brent decidiu liberar Finegan do depoimento. Não havia mais nada que ele pudesse tirar dele. Gee-offrey fez algumas poucas perguntas para que ele pudesse se recompor, o que apenas mostrou suas poucas habilidades de advogado de julgamento. Brent se sentiu melhor que nunca sobre o caso. Depois que Gee-offrey e o derrotado e abalado Finegan saíram, Brent se retirou para o seu escritório para acessar seus e-mails e suas mensagens telefônicas.

Por volta das 5h15, Melinda colocou sua cabeça no escritório. .

“Oi, Mims, você está indo? Até amanhã.”

“Sim, chefe, mas antes eu gostaria que você soubesse que Rebecca Bekker está esperando por você na sala de espera.”

“Ela marcou uma reunião?”

“Não, ela apenas apareceu.”

“Você poderia manda-la entrar antes de sair?”

“Claro, chefe, até amanhã,” Melinda disse, acenou e saiu andando.

Rebecca entrou, uma garota perdida com grandes olhos tristes.

“Senhorita Becker, por favor, entre e sente-se,” disse Brent enquanto se levantava para cumprimentá-la.

“Pode me chamar de Rebecca. Eu diria 'Becky', mas eu aprendi a odiar “Becky Bekker” enquanto crescia.”

“Eu entendo perfeitamente. Eu sei como as crianças podem ser cruéis. Sua mãe sabe que você está aqui?”

“Eu não preciso dela aqui, preciso? Quero dizer, eu prefiro que ela não esteja aqui. Papai está morto e eu tenho 21 anos.”

“Sim, e o fundo não exige mais a participação de sua mãe. O espólio simplesmente vai para você depois da morte dele.”

“É sobre isso que eu preciso falar com você.”

“Você sabe, você está autorizada a ser representada pelo seu próprio advogado.”

“Eu sei disso, mas eu não acho que preciso de um. Eu só gostaria de saber o que está acontecendo com a disputa.”

“Nós estamos em litígio. Na verdade, nós acabamos de interrogar um dos requerentes hoje.”

“Qual a sua opinião sobre o caso deles?”

“Não há garantias, você entende. Mas, honestamente, eu não acho que o caso deles tenha muita chance. Todas as evidências apontam para o fato que o seu pai foi assassinado. Eu não consigo ver nenhum juiz sustentando aquele bilhete escrito de próprio punho como um testamento ou doação sob estas circunstâncias.”

“Eu tentei falar com os detetives sobre o caso do meu pai. Eles não me falarão nada.”

“Eu coloquei o investigador do espólio nisso também. Qualquer coisa que ele descobrir irá ajudar na investigação.”

Rebecca olhou de uma forma aliviada. Seus olhos pesados levantaram um pouco. “Obrigada,” ela disse.

“De nada.”

“E mais uma coisa. Por favor, você poderia não falar para a minha mãe que eu estive aqui ou que nós nos falamos?”

“Claro.”

“Obrigada.”

Quando Rebecca saiu do escritório de Brent, ele não podia deixar de se sentir triste pela pobre garotinha rica.

Cerca de uma hora depois, Brent finalmente foi para o seu carro. Tinha começado a chover: não os habituais chuviscos dispersos a que ele estava acostumado no sul da Califórnia, mas uma genuína chuva torrencial. Ele adorava ouvir o barulho da chuva nos telhados, principalmente à noite, mas ele nunca gostou de dirigir nela. Este tipo de chuva era tão chocante para as pessoas de Santa Bárbara que elas simplesmente perdiam todas as suas habilidades de direção.

Brent traçou o normalmente seguro percurso de cinco minutos até sua casa, que se estendeu para quinze minutos devido à falta de visibilidade. As gotas caíam como cascatas contra o parabrisas, provocando um borrão que os limpadores não conseguiam acompanhar. Ele seguiu o traço de luzes vermelhas até sua casa, passou por vários carros parados embaixo do viaduto da autoestrada e por cima da crista da onda para ir ao mercado Lazy Acres pegar peixe fresco para o jantar.

Finalmente em casa, Brent escapou do dilúvio quando entrou pela porta da frente. A habitual vista do porto de Santa Bárbara estava bloqueada por uma parede de nuvens e neblina. O vento jogava a chuva contra a parede de vidro que ficava de frente para o porto e a fazia escorrer sobre a parede como se ela tivesse se transformado em uma fonte. Ao invés de vir para a porta da frente como normalmente fazia, Calico encolheu-se em um canto, olhando a chuva cair pela janela como se alienígenas tivessem acabado de pousar na varanda. Brent a convenceu de ir para a cozinha com a promessa de peixe para o jantar, enquanto ele respingava todo o chão da sala de estar no caminho.

Brent ligou para Angela para fazer uma oferta que ela não poderia pensar em recusar.

“Por que você não faz uma mala para um pernoite e vem para cá para uma festa do pijama?”

“Com esta tempestade?”

“Noites de tempestade são as melhores. Eu estou fazendo Linguado à Meuniere.”

“Ahh,” ela disse com seu melhor sotaque falso francês. “Soa très bien, Monsieur. A que horas eu sou esperada?”

“Assim que você chegar aqui.”

A gata estava atenta e continuava chovendo a cântaros enquanto Brent e Angela bebericavam Pouilly Fumé e se mimavam com pedaços perfeitamente amanteigados de linguado que qualquer restaurante adoraria se vangloriar de servir. A chuva fez a temperatura baixar do lado de fora, mas a crepitante lareira fazia com que ficasse perfeitamente aconchegante dentro de casa enquanto lançava sombras aleatórias contra as paredes da sala à luz de velas.

CAPÍTULO DEZESSETE

Gerald Finegan ligou a luz, mas nada aconteceu. Ele mexeu no interruptor para cima e para baixo. Nada acontecia.

“Não está funcionando, Gerry,” disse uma voz que vinha do fundo da sala de estar.

“Quem está aí?”

“Você sabe quem eu sou,” disse a voz sem demonstrar emoção.

O coração de Finegan batia mais forte. Ele olhou ao redor em pânico.

“Não há lugar para ir, Gerry.”

“O que você quer de mim?”

“Você não recebeu a minha mensagem?”

“Que mensagem?”

O Estranho soltou um suspiro. “Agora, Gerry, você quebrou uma das regras mais importantes. Você mentiu para mim. Eu sei que você recebeu a minha mensagem. Eu vi que você leu o seu e-mail. Mas, infelizmente, você escolheu não dar atenção a ela. E isso é uma pena.”

“Por favor, por favor,” disse Finegan, suando em bicas enquanto ele via a forma do Estranho emergir das sombras. “Não, não!”

A cabeça do Estranho apareceu no seu campo de visão e ele a balançava para frente e para trás.

“Isso é tudo culpa daquele advogado – Brent Marks. É ele quem está se metendo no caso Bekker.”

“Gerry, Gerry. Você não sabe que tudo que você faz na vida tem consequências?” O Estranho estalou seus dedos e sorriu: um conjunto de dentes perfeitamente brancos que quase brilhava no escuro. “Agora você tem que aceitar estas consequências.”

“Eu pensei que ninguém tivesse permissão para ver seu rosto.”

“Ninguém vê o meu rosto, Gerry. Nunca. Você é um dos privilegiados.”

“O que você vai fazer?”

“O que *nós* vamos fazer, Gerry? Nós vamos dar uma volta no seu carro. Aí você pode me contar tudo sobre o advogado.”

Foi uma manhã extraordinariamente rotineira. Tinha chovido a noite toda e a evaporação da chuva tinha espalhado uma camada de cheiro fresco sobre todo o território de Santa Bárbara. Brent estava arrumando sua papelada quando ele recebeu uma ligação de Gee-offrey.

“Parabéns, Marks.”

“Pelo que?”

“Eu estou desistindo da contestação do testamento e do fundo.”

“O que?”

“Os clientes querem sair.”

“E Finegan?”

“Você não soube?”

“Soube o que?”

“O pobre bastardo jogou seu carro fora da estrada e caiu em um precipício na noite passada. Partiu.”

“Ele está morto?”

“Sim, então eu imagino que eu não preciso do consentimento dele para desistir. Porém nós ainda não vamos deixar você em paz, Marks. Você ainda nos deve cinquenta mil dólares e nosso objetivo é receber isso.”

“Bem, boa sorte com este assunto. Eu estou um pouco sem dinheiro no momento.”

“Tudo bem. Nós vamos pegar isso assim que você apresentar qualquer conta para o espólio. Eu até já escolhi um carro novo.”

“Bom para você.”

Brent desligou, chocado. *Será que eu sou um terrorista conspirador ou isso soa suspeito?* Ele ligou para Jack imediatamente.

“Jack, Gerald Finegan foi morto em um acidente de carro na noite passada. Partido em pedacinhos.”

“Você quer que eu averigue isso?”

“Você leu a minha mente, Jack. Você pode ir até Phoenix e descobrir qualquer coisa que conseguir?”

CAPÍTULO DEZOITO

Por mais que aquilo o revoltasse, Brent sentia que tinha que escavar através da escória de difamação da Internet para apurar se não havia quaisquer pistas que pudessem levar ao assassino de Allen Bekker ou a misteriosa morte de Gerald Finegan. Ele começou a partir daquele dia e foi fazendo o caminho de volta pelas postagens no Hotstocks. O que havia em comum em todas as postagens era a convicção que Brent e Bekker estavam trabalhando em conjunto para ludibriar cada investidor que tivesse perdido dinheiro em algum dos negócios de Bekker. O evasivo *Fantasma* não estava entre os caluniadores. Ele comparou as transcrições de mensagens particulares requeridas por intimação com as postagens, de acordo com as suas datas correlacionadas. Nada parecia mostrar algum padrão revelador.

Depois de muitas horas tediosas cavando fundo nesta pilha difamatória, Brent deparou-se com algo interessante. Curiosamente, parecia um anúncio. Era uma postagem do *Buscador da Verdade* divulgando uma página na Deep Web* chamada *Erasure.onion*. Brent usou seu navegador Tor para acessar a dark web e dali para ir até a página, que tinha a imagem de uma enorme borracha e informações de contatos, junto com a introdução de uma única linha para o site: *Precisa apagar alguém? Eu sou o seu apagador. Contate-nos para mais informações*. Então, em um impulso, ele decidiu contatar o site. Para fazer isso, ele escreveu uma mensagem criptografada para o *Erasure.onion* usando o código de criptografia PGP deles. Isso tinha todas as armadilhas de uma operação secreta e Brent se sentiu um pouco estúpido fazendo isso. Mas, apesar disso, ele sentia que aquilo tinha que ser feito.

Caro Erasure,

Esta é a primeira vez que eu estou fazendo uma coisa como esta. Eu fui recomendado para vocês por um bom amigo, que me assegurou o maior

**NT: Deep Web (também chamada de Deepnet, Web Invisível, Undernet ou Web oculta) se refere ao conteúdo da World Wide Web que não é indexado pelos mecanismos de busca.*

nível de confidencialidade. Ele não revelou o que vocês fazem ou como vocês fazem isso, mas me disse que os seus serviços eram muito eficazes para eliminar o meu problema. Por favor, esclareçam os próximos passos.

Atenciosamente,

John Doe

Brent assinou o e-mail como “John Doe” para se esconder em completo anonimato. Ele continuou checando sua correspondência física e trabalhando em um sumário que era esperado em breve para ser peticionado em uma próxima moção para rejeitar um processo que ele tinha registrado no tribunal federal. O processo exigia alguma pesquisa potencialmente interessante na área de fraude de hipotecas. A denúncia de fraude de hipoteca de seu cliente foi contestada pela moção do banco, rejeitada por falta de uma reinvidicação. Como os grandes bancos estavam, aparentemente, acima da lei, era praticamente impossível convocá-los para atribuir qualquer tipo de fraude em hipoteca. Os processos eram simplesmente sumariamente rejeitados em seus estágios iniciais. Talvez um juiz com alguma consciência fosse se agarrar a esta questão. Talvez não.

Depois de algumas horas, Brent recebeu uma resposta do seu e-mail. Decodificada, estava escrito:

Caro John Doe,

Você terá que identificar qual o problema que você precisa que seja eliminado na maneira mais simples possível. Você será avaliado como um cliente e, se for aprovado, você simplesmente paga 30 mil dólares em bitcoins e o seu problema será apagado. Não existe um serviço de atendimento ao cliente e nenhum recurso de cancelamento. Uma vez que você fizer o pedido, ele será efetuado. Obrigado pelo seu interesse.

Erasure.onion

Brent leu a mensagem várias vezes, se perguntando se isso era alguma brincadeira ou farsa. *Quem em seu juízo perfeito enviaria esta quantidade de dinheiro para alguém que não conhecesse?* A pergunta e a resposta eram provavelmente as mesmas – ninguém em seu juízo perfeito faria isso. *E como o “problema” seria eliminado?* Ele decidiu discutir isso com Jack quando ele voltasse para casa vindo de Phoenix.

Jack se encontrou com o detetive Mark Bigelow do Departamento de Polícia de Phoenix. Se Bigelow fosse bem mais magro e dez anos mais jovem, seu corpo teria combinado com o corte de cabelo estilo escovinha que ele ostentava. Jack imaginava que ele fosse um ex-fuzileiro naval. O militar que se aposentou quando completou vinte anos de carreira e arrumou um trabalho no funcionalismo público para ter uma segunda aposentadoria do governo.

“O que posso fazer, Sr. Ruder?” Bigelow cumprimentou Jack com um aperto de mão sem se levantar da sua escrivaninha.

“Bem, Detetive...”

“Mark, por favor. Nós dois somos tiras, eu sei.”

“Sim, Mark. Eu nunca fui capaz de escapar disso, infelizmente. Eu sou um investigador para o Espólio de Allen Bekker.”

“Eu ouvi falar sobre isso. O cara rico de Beverly Hills que morreu em circunstâncias misteriosas.”

“Este mesmo. Eu estou aqui para averiguar a morte de um dos requerentes do espólio que também morreu em circunstâncias bastante suspeitas – Gerald Finegan.”

“Sim, não foi nada agradável. Essas cenas de trânsito são bastante assustadoras. Nunca me acostumei a elas, mesmo depois de tanto tempo na luta.”

“O que você pode me dizer sobre isso?”

“Um acidente comum, na verdade. Existem muitas curvas realmente perigosas na Apache Trail.”

“O que você imagina que ele estava fazendo lá?”

“Indo muito rápido, por algum motivo. Eu não sei o que ele estava fazendo, mas se você não prestar atenção na estrada, você está fazendo algo muito perigoso. Não é um lugar para se viajar à noite.”

“Você pode me falar sobre a investigação?”

“Nada para mencionar. A Polícia Rodoviária o encontrou no lugar pela manhã. Perdeu o controle de seu carro no Fish Canyon. É uma queda de mais de 200 metros ali, eu sei.”

“Nenhuma autópsia planejada?”

“Nenhum sinal de ato criminoso.”

“Mesmo assim, eu gostaria que nós fizéssemos uma.”

“Você teria que falar com a família dele sobre isso. Fora da nossa jurisdição. Mas eu posso te dar uma cópia dos autos.”

“Isso seria ótimo.”

“Isso vai levar apenas um segundo,” disse Bigelow, telefonando para o seu escrivão.

Jack dirigiu até a Apache Trail. No Fish Canyon, onde o carro de Finegan foi encontrado, existia uma estrada de terra de mão única. As pedras coloridas da Superstition Mountain e as paisagens de tirar o fôlego valiam a pena ser vistas durante o dia, mas Bigelow estava certo: não havia motivo para ir lá à noite, pois teria sido breu sob um fraco luar e um cobertor de estrelas.

Fish Canyon era uma descida espetacular. Usando as coordenadas do GPS do arquivo, Jack parou o carro perto do lugar onde Finegan tinha saído da estrada. A fina barreira de alumínio que marcava o lugar onde Finegan tinha feito seu último salto ainda não tinha sido consertada. No seu lugar estavam sinais de aviso de alumínio com luzes vermelhas piscando. Ele quase pisou em um lagarto enquanto saltava do carro.

“Desculpa, companheiro. Eu sou o intruso,” ele disse para o lagarto enquanto levantava seus binóculos até seus olhos e olhava para baixo pelo desfiladeiro, localizando o provável ponto onde o carro teria sido achado com o seu desafortunado ocupante. *Isso só pode ter sido suicídio*, ele pensou. *Suicídio ou assassinato*.

Jack dirigiu de volta para a cidade, resistindo ao desejo de continuar dirigindo por mais lugares turísticos. O carro de Finegan já tinha sido apreendido e levado para o pátio. Ele era um monte de metal torcido que algum dia já tinha sido um Volvo, anunciado como o carro mais seguro do mundo. Não para Gerald Finegan. Impressões digitais não tinham sido procuradas no carro. Nenhum sinal de ato criminoso – nenhuma razão. Mas Jack tinha recebido permissão para examiná-lo e ele fez uma revista completa com seu conjunto de equipamentos de indícios, apesar dele não esperar achar nada.

Depois de algumas horas analisando minuciosamente o carro, Jack chegou à casa funerária Augusta, para onde o corpo de Finegan tinha sido levado.

“Nós recebemos instruções da família para cremá-lo,” disse o diretor da casa, um homem alto, com os olhos astutos e que disfarçava a careca com uma fina mecha de cabelo penteada de um lado ao outro da cabeça. “Uma boa coisa. Não haveria mais muito que nós pudéssemos fazer por ele.”

Jack pensou que isso era uma irônica escolha de palavras enquanto ele olhava para o amontoado de sangue e ossos que um dia tinha sido Gerald Finegan.

“Entretanto, nós tentamos limpá-lo. Um pouco.”

Jack analisou o que pôde. Finegan não era de falar com seus vizinhos e não tinha amigos para conversar. Se existissem algumas pistas para serem achadas, elas estavam prestes a virar fumaça.

CAPÍTULO DEZENOVE

No dia seguinte, Brent encontrou Jack para o almoço no The Wine Bistro na Coast Village Road em Montecito. Era um lugar aconchegante em uma rua pitoresca. Brent esperou por Jack em uma tranquila mesa de canto no terraço.

“Brent, que romântico,” Jack provocou enquanto ele se aproximava.

“Jack, eu não sabia que você se importava. Como foi em Phoenix?” Brent perguntou, enquanto Jack tomou um lugar.

“Quente.”

“Além disso.”

Jack atualizou Brent sobre Phoenix enquanto comiam. Sushi de peixe com caviar verde para Brent e costelas de porco para Jack.

“Você deveria provar isso, Jack. É realmente muito bom,” disse Brent, segurando um pedaço de peixe cor de rosa junto com um bolinho de arroz.

“Não, obrigado. Eu prefiro peixe quando eles não estão mais vivos.”

Depois do relatório de Jack, foi a vez de Brent contar sobre a investigação que tinha feito na Internet.

“Eu pensei que tínhamos concordado que você não faria mais investigações?”

“O que vai acontecer? Eu serei eletrocutado pelo meu mouse?”

“Não, sério, Brent. Você interagiu com alguém ou com um grupo de pessoas que você não conhece. Esta provavelmente não foi a melhor ideia.”

“Por que não?”

“Eles disseram que iriam investigar você, certo?”

“Sim, e daí?”

“Então, eles não perguntaram nada sobre você, certo?”

“Certo.”

“Isso prova que eles têm meios de investigar você sem fazer perguntas.”

“Eu usei um e-mail anônimo.”

“Eu desconfio que não seja um grande desafio para estes caras descobrir quem você é,” disse Jack, limpando um pouco de molho barbecue do seu lábio inferior.

“O que vamos fazer?”

“Nós esperamos. Mas temos que ser proativos. Eu vou colocar um cara com você o tempo todo, 24x7. E você deveria ficar na casa da Angie. Eles provavelmente não vão rastreá-la.”

“E o que farei com a Calico?”

“Feche a casa. Leve a gata com você. Na verdade, você deveria fazer as malas agora. Eu vou com você.”

“Sério?”

O olhar de Jack estava extremamente sério. “Assim que eles descobrirem quem você é, nós poderemos ter problemas. Você se lembra daquele cara que tentou te matar há alguns anos?”

“Sim. Joshua Banks.”

“Então finja que ele está atrás de você de novo. Mas desta vez, você não o verá chegando.”

“Você não parece muito satisfeita em me ver,” Brent disse para Angela quando ele parou na sua porta da sua casa. “Nem a minha gata.”

“É que eu pensei que eu e Jack tínhamos dito para você não investigar mais. Agora você pode ter se colocado em apuros.” Angela abriu a porta, chegou para trás e apontou para dentro. “Entre.”

“Eu tenho certeza que vocês dois estão exagerando,” Brent disse enquanto Angela fechava a porta.

“Dois homens já estão mortos. Nós não podemos correr riscos.”

Brent deixou Calico sair de sua caixa de transporte e ela começou a explorar o apartamento de Angela. Ela parecia mais paranoica do que como Angela e Jack agiam, se agachando no chão enquanto verificava cada canto e procurava pelos melhores esconderijos.

“Você poderia tomar umas aulas com a sua gata,” disse Angela.

“Quanto tempo você acha que eu tenho que ficar aqui?”

“Isso é difícil para você?”

Brent sorriu. “Claro que não: vai ser ótimo. Não foi isso que eu quis dizer.”

“Eu sei. É difícil responder. Nós não sabemos realmente o que está acontecendo, se é que algo está acontecendo.”

“Angie, você vai para a janela a cada cinco minutos, como uma viciada em cocaína,” disse Brent enquanto Angela levantava rapidamente da mesa, ao que parecia a Brent ser a quinta vez.

“Desculpe. Só estou fazendo o meu trabalho.”

“Mas não se esqueça de que eu sou o seu namorado, não um dos seus casos.”

Angela sorriu e suas bochechas ficaram rosa. “Eu sei. Imagino que quando eu entro no ‘modo trabalho’ eu fico muito séria.”

“Sem brincadeira. Parece que você se transforma em outra pessoa.”

Depois do jantar, a gata achou um lugar aconchegante perto da lareira, mas ela era a única capaz de relaxar. Brent se aninhou perto de Angela, acariciou seus cabelos e eles começaram a se beijar. Mas alguma coisa não parecia bem.

“Você não está afim, está?” ele perguntou a ela.

“Desculpa. Eu não sei por que.”

“Eu sei. Provavelmente é o ‘modo trabalho’ de novo.”

“Provavelmente você está certo,” Angela suspirou.

“Eu tenho certeza que isso é passageiro.”

“Eu também. Estou apenas preocupada e isso ocupa todos os meus pensamentos. Eu continuo pensando sobre você quase ter sido atropelado por aquele carro no aeroporto e a estranha morte deste tal de Gerald Finegan.”

“Eu e Jack vamos resolver tudo isso.”

“Eu tenho certeza que vocês vão.”

O fogo estourou e chiou, e sua luz e sombras tremularam por toda a sala, tendo um efeito hipnótico sobre Brent e Angela. Finalmente, com toda resistência afastada, eles se recolheram para o quarto principal. Angela fechou a porta pelo lado de dentro e, depois de tomar banho, escondeu sua arma debaixo da coberta, entre a cabeceira e o colchão.

“Nós realmente precisamos de uma arma conosco na cama?” Brent perguntou.

“Às vezes uma arma é o melhor amigo que você tem,” ela respondeu.

Quando as luzes se apagaram, Angela parecia dormir com um dos olhos abertos.

CAPÍTULO VINTE

Gee-offrey tinha entrado com uma ação por desobediência de sentença por que Brent ainda não tinha pago os honorários dos advogados que foram concedidos para a sua firma quando eles ganharam a moção PECPP contra Brent. Já que olhar para aquele processo o deixava enojado, Brent adiou sua contraproposta até o último dia que ela poderia ser entregue. A arte da protelação parecia só se aplicar aos seus problemas pessoais.

Brent xingou Gee-offrey bem baixinho enquanto ele pesquisava a jurisprudência. Ele claramente poderia não ter desobedecido à sentença por falta de pagamento de uma decisão judicial, mas Gee-offrey não podia esperar pelo primeiro pagamento do espólio de Bekker – ele tinha que conseguir seu pagamento a qualquer custo, e Brent suspeitava que o juiz Kronendork ficaria feliz em forçá-lo de alguma maneira.

Depois de desperdiçar metade de um dia de seu precioso tempo com a contraproposta, Brent finalmente liquidou este assunto bem a tempo de sua reunião da tarde – outro caso de divórcio. Alguma coisa pela frente.

O cliente potencial era um contador de Goleta, baixo, magro, mas forte, com cara de bobo como Mr. Bean. Olhar para aquele rosto durante toda a entrevista fez Brent sentir que todo aquele exercício era falso. Ele resistiu a dar gargalhadas e se segurou para o que certamente seria uma explosão de risos depois que o homem saísse.

Quando Mr. Bean se sentou no escritório de Brent usando seu paletó esportivo barato de lã, Brent o imaginou segurando seu ursinho de pelúcia, reprimindo o riso que queria sair e que formava lágrimas em seus olhos.

“O senhor tem filhos, Sr. Bee, uh-Sr. Reynolds?”

Mr. Bean olhou Brent com olhos selvagens arregalados e levantou suas sobrancelhas. “Por que eu deveria ter filhos?”

Uma pergunta respondida com uma pergunta. Bastante justo.

“Por quanto tempo o senhor foi casado?”

“Dez anos.”

“É um longo tempo. Então agora o senhor quer o divórcio. Mas nós teremos que examinar suas respectivas finanças para determinar a sua possibilidade de pagar pensão para sua esposa.”

Mr. Bean franziu a testa e seus lábios fizeram um bico, exatamente como o verdadeiro Mr. Bean. “Ah, não, não! Eu não quero um divórcio. Eu quero uma anulação.”

“Sr. Reynolds, um divórcio é o que o senhor pode pedir. Tudo que nós temos que fazer é alegar que o senhor tem diferenças irreconciliáveis com a sua esposa. Entretanto, para uma anulação, nós teremos que mostrar outros tipos de motivos.”

“Será que o fato do casamento nunca ter sido consumado é um motivo suficiente?”

“O senhor quer dizer que nunca fez sexo com sua esposa em dez anos?”

“Isso mesmo.”

“Como pode isso, Sr...?”

Mr. Bean interrompeu, “Será que eu tenho que explicar isso mais claramente para o senhor?” e sorriu. De repente Brent se deu conta que o Mr. Bean deveria ser gay e disse: “Não, eu acho que entendi.”

“Bom. Agora eu tenho mais alguns advogados para entrevistar, só para você saber.”

“Ótimo.” Brent realmente se sentia aliviado.

Porém, enquanto o homem estava saindo, ele se virou para trás e disse, “Eu aposto que você me achou parecido com o Mr. Bean, não é? Diga a verdade, Sr. Marks.”

Surpreso, Brent franziu seus olhos. “Realmente, sim. Eu achei.”

Então, de repente o homem ficou sério e o seu olhar atravessou a espinha de Brent percorrendo um caminho gelado. Ele tinha visto muitas vezes aquele tipo de olhos nos dias em que seu mentor, Charles Stinson, o colocava na lista de advogados particulares atuando como defensores públicos para violadores de liberdade condicional.

“As coisas nem sempre são do jeito que parecem,” ele disse, se virou e saiu.

A vontade de rir desapareceu naquele momento. Brent examinou a folha de cadastro que o homem tinha preenchido antes da entrevista. Ele correu para a recepção.

“Mimi, onde está aquele guarda-costas do Jack?”

“Acho que ele saiu para comer.”

“Ótimo.”

Brent ligou para o telefone residencial indicado na folha de cadastro.

“Obrigado por ligar para o McDonalds. Eu sou o Jim. Como eu poderia te ajudar?”

“Jim, um senhor Brian Reynolds trabalha aí?”

“Não, senhor, sinto muito. Nós não temos nenhum Brian Reynolds aqui.”

“Você tem certeza? Ele é contador. Aproximadamente 1,75 metro de altura, cabelos castanhos. Parecido com o Mr. Bean.”

“Sim, claro que eu tenho certeza. Eu teria me lembrado de alguém assim. Eu conheço todo mundo na escala de serviço. Eu sou o gerente aqui.”

Brent desligou e ligou para o Jack. “Eu estou indo para aí fazer a varredura do local,” ele disse.

“Está limpo,” Jack disse enquanto juntava seu equipamento. “Nenhum grampo, nem outra coisa. Este cara não deixou nada para trás.”

“Incluindo sua real identidade, eu desconfio.”

“Isso foi provavelmente seu processo de análise.”

“Foi o que eu pensei.”

“De qualquer maneira, eu vou checar. Verificar se ele é real ou ...”

“Um fantasma.”

“Exatamente. Mas será que ele é *O Fantasma*?”

“É o que nós temos que descobrir.”

“Eu, Brent. Não nós. Não vá procurar mais verdades sem mim.”

“Eu não irei.”

“E onde está o guarda-costas inútil que eu coloquei para você?”

“Eu acho que ele foi almoçar.”

“Maravilha. Bem, se ele não pode ficar em seu trabalho, nós teremos que colocar outro. Se eles conseguem chegar até você bem dentro do seu escritório, eles podem te matar muito facilmente. A partir de agora, mantenha a porta trancada e me deixe verificar todos os clientes potenciais antes que eles entrem.”

Brent não recebeu nenhum e-mail do Erasure.onion: nenhuma mensagem de boas-vindas, nem uma “nós recusamos a sua solicitação.” Mas a sua mais forte suspeita era que a sua solicitação, de fato, tinha sido rejeitada. Agora ele só esperava que eles o considerassem inofensivo. Se Gerald Finegan tinha sido um alvo, a ameaça de Brent para o Erasure.onion poderia ser considerada como qualquer coisa, menos inofensiva. Isso não era um simples caso de tribunal. No mundo dos assassinos profissionais, não havia arbitragem.

CAPÍTULO VINTE E UM

Brent mergulhou novamente na pasta fechada da contestação de testamento de Gee-offrey e procurou os nomes e endereços dos requerentes que, de repente e misteriosamente, tinham retirado o caso deles contra o espólio de Bekker. A trilha que levaria à resposta do mistério provavelmente começava ali. Ele começou a averiguá-los, em modo oculto, no seu computador.

David Marsen, também conhecido como *Feto Abortado*, era um empregado aposentado dos Correios que morava nos arredores de Los Angeles. Ele agora passava seu tempo livre surfando na Internet, tentando ganhar um milhão de dólares apostando no mercado de ações baratas, usando o dinheiro de sua aposentadoria de quatro dígitos.

Myron Talbot (*quem daria o nome de Myron a seu filho?*), também conhecido como *Buscador da Verdade*, era um ex-fuzileiro naval, aposentado, que trabalhava como gerente financeiro de uma concessionária de automóveis em San José. Ele seria o cara que sempre dizia que a concessionária estava vendendo o carro a preço de custo, enquanto ao mesmo tempo conseguia lucros enormes para os seus chefes. Quando ele não estava imprimindo contratos de venda e financiamento de carro no seu grande computador no trabalho, ele estava em casa em frente ao seu computador menor, acompanhando o mercado de ações de manhã, planejando usar esses bônus em um belo barco na costa dos Açores e assistindo à pornografia à noite.

Jeremy Williams, também conhecido como *Detetive da Bolsa*, era um gerente de centro comercial no Mall of America, que passava cada cinco minutos do seu tempo livre sonhando ser outra pessoa. Ele traçou seu sonho americano no decorrer de apostas no mundo de grandes sonhos e decepções das empresas pequenas de quinta categoria.

Se Brent pudesse ser uma mosca na tela do computador deles, talvez ele conseguisse descobrir o que estava acontecendo e o que isso tinha a ver com ele.

Brent acordou cedo na manhã seguinte para a longa viagem até o centro de Los Angeles para a moção de seu caso no tribunal federal. John Westhofen tinha financiado a casa de seus sonhos em Calabasas, Califórnia, quando ele estava no auge do seu poder aquisitivo como supervisor no escritório central da AT&T na Melrose Avenue em West Hollywood. Ele não só perdeu a casa dos sonhos durante a crise de 2008, como agora estava sendo perseguido por uma agência de cobrança contratada pelo banco J.P.Cheney para cobrar o empréstimo imobiliário da sua segunda hipoteca.

A acusação alegava que o antecessor do J.P.Cheney, um grande banco que tinha sido um dos principais financiadores de empréstimos imobiliários antes do colapso, tinha emitido tanto uma primeira hipoteca quanto um empréstimo imobiliário para cobrir o preço de compra da casa do seu cliente. Depois de ignorar uma oferta aceitável para uma venda abaixo do valor devido, Cheney pediu a reintegração de posse da propriedade. E agora o banco está tentando cobrar o empréstimo imobiliário.

A juíza Karen Milfern era menos ameaçadora que Kronendork, ao que Brent estava agradecido. Hoje era a proposta do J.P.Cheney para rejeitar a acusação de Westhofen de incapacidade de fazer uma reivindicação sobre a qual poderia ter sido concedida ajuda. Também foi o dia de ouvir a moção de

Brent para uma medida cautelar contra Cheney denunciando o empréstimo imobiliário como uma classificação depreciativa no perfil de crédito de Westhofen. O momento decisivo do caso seria hoje: ou ele seria rejeitado ou colocaria o banco em uma posição insustentável, que forçaria a um acordo.

A juíza Milfern abriu a sessão e austeramente estabeleceu as regras básicas. Ela não tinha dado uma decisão preliminar e cada lado teria 10 minutos para “ressaltar apenas os pontos mais importantes,” como ela colocou, alertando a eles para não repetir nada que eles já tivessem fundamentado em seus recursos escritos.

A juíza deu a Brent a primeira oportunidade de falar. Ele tinha decidido argumentar o caso por todo o seu mérito, apesar de não haver nenhuma chance dela decidir contra o banco. Afinal, o banco era o alicerce do clube dos privilegiados e de todos os políticos ricos e homens de negócio que tinham sido a força motriz da sua nomeação. Sendo um verdadeiro azarão, Brent ficou em pé altivamente na tribuna e deu tudo de si: um capitão afundando com o navio.

“Meritíssima, como nós apontamos em nossa contraproposta para o pedido de anulação, o artigo 580(b) do Código de Processo Civil da Califórnia proíbe a cobrança de uma ação de inadimplência em uma hipoteca onde o proprietário do imóvel empresta dinheiro para o comprador adquirir o imóvel. Esta segunda hipoteca pode ser chamada de um “empréstimo imobiliário”, mas foi usada para complementar o preço de compra remanescente da casa para a qual o meu cliente não poderia se qualificar na primeira hipoteca. Assim isso caracteriza um empréstimo feito pelo proprietário, assim como é a primeira hipoteca. Como as pessoas dizem, se parece um pato e grasna como um pato, então provavelmente é um pato.”

A tentativa de Brent de fazer humor fracassou e foi um fiasco. A juíza nem se abalou. Ela parecia perturbada por ele ter repetido até mesmo um ponto irrelevante que já estava detalhado em seu recurso. Brent continuou com sua argumentação suicida.

“Isso também é um indício de uma fraude enorme da parte do J.P.Cheney porque eles não moveram uma ação judicial contra o meu cliente, na tentativa de cobrar esta ação de inadimplência que eles não podem cobrar legalmente, por uma questão de direito. Não, esta ação judicial deveria ser rejeitada pelo tribunal imediatamente! Eles estão usando uma agência de cobranças para intimidá-lo e forçá-lo a aceitar uma classificação errônea no seu perfil de crédito.”

Nenhuma mudança no comportamento da juíza. Ela olhava impacientemente para Brent, como se ela estivesse pensando no próximo caso ou organizando sua lista de compras.

“Em segundo lugar, Cheney afirma que, conforme os termos do seu contrato com o FDIC* quando ele assumiu o Country Bank, ele assumiu apenas os ativos do banco e não os seus passivos, dando-lhe a posição indefensável de ser capaz de cobrar os saldos deficitários do empréstimo imobiliário do meu cliente sem ter que enfrentar defesas de cobrança que o meu cliente tem o direito de apresentar. Isso é inconcebível, Meritíssima: assim como no caso *Allen versus United Financial Mortgage Corp.*, Cheney não pode se afastar completamente sem ônus. Ele tem que assumir todos os passivos que o Country Bank tinha como o dono e gestor do empréstimo. Como o empréstimo é incobrável pelas leis da Califórnia, esta é uma submissão irrevogável contra J.P.Cheney.

*NT: FDIC (Federal Deposit Insurance Corporation) é uma agência federal dos Estados Unidos cuja principal função é a garantia de depósitos bancários.

“Finalmente, Meritíssima, Cheney argumenta que apenas o FTC* tem o direito de trazer medida preventiva sob a Lei de Divulgação do Crédito Justo (Fair Credit Reporting Act - FCRA) e que um indivíduo como o meu cliente está proibido de fazer isso. Entretanto, como nós sabemos do caso *Andrews versus Trans Union Corp.*, não há indícios na Lei de Divulgação do Crédito Justo que medida preventiva não esteja facultada para indivíduos que movam ação judicial sob esta lei, a não ser que este poder tenha sido proibido ou restrito, e então ela *está* disponível.

“É de interesse público que Cheney não tenha permissão para informar saldos deficitários pendentes, cuja cobrança é proibida pelos estatutos do governo que foram promulgados para dar ajuda aos consumidores. Essas leis foram feitas para equilibrar a justiça entre o consumidor e os bancos, para proteger o consumidor e dar a ele poder contra instituições como o réu, um dos maiores bancos do mundo.”

“Obrigada, Sr. Marks, seu tempo acabou. Sr. Albertson?”

**NT: FTC (Federal Trade Commission) é uma agência federal independente que trabalha para garantir os direitos dos consumidores e uma competição forte nos mercados.*

Thomas Albertson se dirigiu à tribuna de maneira arrogante, usando seu terno feito sob medida, confiante de que tinha gastado dinheiro suficiente do grande banco para destruir adequadamente a argumentação de Brent assim como fazê-la ter mais furos que um pedaço de queijo suíço. Seu parecer era uma obra-prima que tinha custado ao banco dezenas de milhares de dólares. Ele assumiu uma postura na tribuna como se o mundo inteiro estivesse prevendo o que ele tinha para dizer, apesar dele estar falando apenas para uma pessoa.

“Meritíssima, com todo o respeito devido ao Sr. Marks... *(Agora, eu vou te dizer que você não deveria ter nenhum respeito por ele.)*... Seus argumentos não têm base nos fatos nem na lei e deveriam ser desconsiderados. Na forma mais pura da legislação contratual, J.P.Cheney está isento de quaisquer reivindicações do requerente conforme os termos do seu contrato com o FDIC. De acordo com o caso *Rosenfeld versus JP Morgan Chase Bank*, responsabilidades dos consumidores são mantidas pelo receptor do FDIC e não são transferidas para o Cheney.”

“Na medida em que as tentativas do Sr. Marks em usar a Lei de Divulgação do Crédito Justo para obrigar o meu cliente a não informar a dívida, o uso de uma ação privada sob a Lei de Divulgação do Crédito Justo é limitado, Meritíssima. Eu cito o caso de *Matthiesen versus Banc One Corp.* Por todas estas razões, a denúncia deve ser rejeitada. E, como eu abordei em meu parecer, o projeto de lei por trás do estatuto mostra muito claramente que medida preventiva é *apenas* válida para o FTC. Ela não é válida para o consumidor. Se a Corte não está propensa a rejeitar a denúncia neste momento, ela não deveria ordenar medida preventiva, já que não tem poder para fazer isso.”

A juíza agradeceu Albertson pelo sua argumentação, então tirou seus óculos e olhou firmemente para ele. Confiante, Albertson a olhou de volta nos olhos, sabendo que não havia chance de uma juíza federal dizimar milhares dos chamados ‘créditos ruins’ com os quais Cheney ia se dar bem no processo de cobrança de bilhões de dólares. O banco era “grande demais para falhar” em qualquer lugar, até no tribunal. Era uma regra tácita. A recompensa pelo resgate financeiro do governo federal foi construída com sucesso na pele dos consumidores que perderam suas casas durante a maior crise financeira desde a Grande Depressão e o patrimônio do Cheney mais do que quadruplicou. Nenhum tribunal federal ousaria permitir que algum caso de fraude hipotecária contra os grandes bancos avançasse além das fases de contestação. Nenhum deles iria a qualquer júri, ponto final.

“Eu pensei muito sobre as questões apresentadas neste caso,” disse a juíza. *Lá vem ela*, pensou Brent, se preparando para a derrota.

“Eu acho que a única hipótese razoável para tomar um empréstimo imobiliário na época da compra é para comprar a propriedade, nenhuma outra mais. Em outras palavras, Sr. Marks, a Corte concorda com o senhor. Isso é um pato.”

Brent olhou surpreso da sua mesa de advogado. Albertson se esforçou para pegar sua caneta. Ele tinha um olhar perplexo e apavorado em seu rosto, como um cachorro perdido.

“Eu também acho que é inconcebível para um financiador de empréstimos cobrar tal empréstimo com impunidade e sem responsabilidade pelas consequências de quaisquer de suas ações de cobranças. Portanto, a moção do acusado foi negada. A Corte também acha que o requerente comprovou a hipótese de sucesso nos méritos do seu caso e que a balança da justiça e do interesse público se inclina em favor

do requerente. J.P.Cheney está fornecendo informações depreciativas para agências de informação baseadas em um débito que provavelmente é legalmente proibido de ser cobrado, e está proibido de fazer isso enquanto aguarda a conclusão do caso. O senhor terá meu parecer até o fim da semana.”

Brent sorriu. Sua sorte estava finalmente mudando. Ele já estava criando o comunicado para a imprensa em sua cabeça e podia ver centenas de casos de fraude hipotecária vindo em sua direção. Albertson parecia fraco e pálido, como uma vítima de ressaca procurando um vaso sanitário.

“Nós temos que falar sobre isso, Marks,” ele disse enquanto Brent arrumava suas coisas. Brent sorriu, e então de repente, pelo canto do olho, ele viu alguém com aparência familiar no fundo da sala do tribunal. O homem, percebendo que estava sendo observado, se levantou e saiu correndo pela porta com pressa.

“Eu tenho que ir!” disse Brent para Albertson, e ele correu atrás do homem.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Brent viu o homem (que ele reconheceu como “Feto Abortado” pela sua fotografia) entrar no elevador quando as portas estavam fechando. Ele correu para a escada rolante e, usando uma técnica que ele não usava desde que era um adolescente, pulou sobre os degraus enquanto deslizava seus braços nos corrimãos, parando momentaneamente para deixar passar algum passageiro preguiçoso no lado esquerdo.

Brent chegou correndo ao saguão da Spring Street e conseguiu ver o Feto Abortado saindo pelas portas duplas da entrada. “Segurem ele!” ele gritou para os policiais judiciários, que olharam surpresos para ele e sua gravata voadora.

Brent se espremeu pelas portas duplas e saiu em uma claridade monumental: não havia tempo para colocar os seus óculos escuros. Ele desceu os degraus e foi atrás do Feto Abortado, que estava correndo pela Spring Street o mais rápido que suas pernas gordinhas podiam aguentar, na direção do viaduto da autoestrada.

“Pare! Eu preciso falar com você! Pare!” ele gritou enquanto desviava dos pedestres. Feto Abortado olhava para trás, nervoso, e tentava se perder na multidão.

Brent o alcançou, seus pés sentindo a rigidez do caminho como se eles estivessem descalços, protegidos pela fina sola de couro dos seus sapatos sociais italianos de 350 dólares, que, definitivamente, não foram feitos para corrida. Feto Abortado passou voando pelo cruzamento com a Aliso, não respeitando o sinal vermelho, atravessou o viaduto da autoestrada e, novamente, atravessou o sinal vermelho da Arcadia Street, desviando dos carros enquanto Brent corria bem perto atrás dele. Ele virou à direita na Paseo Luis Olivares. O coração de Brent estava palpitando e ele se sentia cada vez mais fraco. Ele não estava em boa forma física para correr deste jeito. Mesmo assim, ele não desistiu e ficou na cola do Feto Abortado enquanto ele o via se enfiar na histórica Olvera Street.

Feto Abortado se esquivou de turistas entre as barracas coloridas de souvenirs e se meteu atrás de um prédio de tijolinhos em um beco deserto. Brent o avistou, saiu em sua direção e o atacou, nocauteando ambos. Feto Abortado esbarrou em uma parede de latas de lixo, mas se levantou rapidamente. Brent deu um soco certeiro no estômago dele, mas Feto Abortado absorveu o impacto com a sua ampla camada de gordura e revidou com um gancho de esquerda no queixo de Brent, empurrando ele para trás. Brent pulou no torso de Feto Abortado, mas Feto Abortado o empurrou para trás e o agarrou, segurando na sua garganta.

De repente, as mãos de Feto Abortado ficaram fracas, mas Feto Abortado foi jogado contra ele. Parecia que ele tinha sido empurrado por uma força desconhecida, porém muito forte, como se ele tivesse sido atropelado por um carro. Feto Abortado gemeu, como se estivesse tentando dizer alguma coisa, e caiu em cima de Brent, derrubando ele no chão. Enquanto tentava se levantar, ele foi atingido por um líquido morno. Quando ficou de pé, ele viu uma faca enfiada nas costas de Feto Abortado e percebeu que ele estava coberto de sangue. Brent deu um passo para trás, com nojo. Ele sentiu o aço duro e frio contra a sua têmpora e se virou para ver seu agressor, um homem mascarado vestido de preto.

“Tire a faca ou eu acabo com você”, disse o homem sem nenhuma emoção. “Faça isso agora!” ele ordenou e Brent obedeceu. Foi difícil retirar a faca. Brent usou as duas mãos e puxou com toda a sua

força, ouvindo um barulho de sucção quando ela saiu. Brent se virou para encarar o seu agressor, que tinha ido embora. Ele deixou a faca cair, em estado de choque, enquanto o beco começava a se encher de espectadores curiosos.

Subitamente Brent foi atirado contra o chão. Seu rosto foi forçado contra a calçada e ele podia sentir o cheiro do asfalto gorduroso do beco misturado com o odor do lixo e do sangue de Feto Abortado. Ele sentiu um joelho em suas costas e algemas frias sendo colocadas em seus pulsos.

Brent foi fotografado, despido e jogado em uma cela provisória na Cadeia Metropolitana do Departamento de Polícia de Los Angeles. Ele evitou falar com qualquer um, repetindo apenas as seis palavras “Eu quero falar com meu advogado.” Finalmente a oportunidade lhe foi dada. A ligação que Brent fez foi para Ruder.

“Jack, eu fui preso por assassinato.”

“Assassinato?”

“Sim: por favor, ouça porque eu não tenho muito tempo. Ligue para Hannaford e o coloque no caso. Eu estou detido no centro, na Cadeia Metropolitana do Departamento de Polícia de Los Angeles, mas eles provavelmente irão me mandar para a cadeia de Twin Towers.”

“O que aconteceu?”

“Armaram para cima de mim. Eu vi o Feto Abortado na galeria do tribunal hoje, o persegui até o lado de fora e por todo o caminho até a Olvera Street. Alguém o esfaqueou e me mandou tirar a faca dele, me ameaçando com uma arma.”

“Você viu o cara?”

“Ele usava uma máscara.”

“Então, suas impressões digitais estão na faca, o sangue da vítima está todo sobre você e não tem defesa.”

“Exato. A única saída que eu vejo para isso é resolver o caso em que nós já estamos trabalhando.”

Brent sentou na sala de espera do advogado, se perguntando como foi que ele tinha ido parar do outro lado da sala depois de todos esses anos visitando clientes na cadeia. Quando ele ouviu a explosão de risos, ele soube que o seu advogado, Richard Hannaford, tinha chegado. Richard com certeza estava fazendo o aquecimento do pessoal com a sua mais recente piada. Ele tinha sido agraciado com o dom da eloquência. Deus tinha lhe dado este dom em contraste com o enorme nariz, que Brent supunha que Deus também tivesse incluído para dar a Richard senso de humor, humildade ou apenas para reforçar seu caráter.

Brent estava algemado à mesa olhando para Richard, que estava em pé em frente a ele com um sorriso de palhaço embaixo do nariz. Cronologicamente, Richard estava com mais de 80 anos, mas ele parecia nunca ter saído dos 21 anos. Ele fez um gesto com suas mãos para Brent, indicando que Brent estava do lado errado da sala.

“Você não acha que eu sei disso, Richard?”

Richard deixou o sorriso de lado enquanto se sentava em frente a Brent e começou o assunto. “Eu tive uma conversa com Deus hoje,” ele disse. Brent esperou. Richard nunca dizia alguma sem uma razão.

“Ele me disse que eu devo ser louco de pegar este caso. Realmente, Brent: se você não matou este cara, então este é o melhor caso de provas forjadas de crime que eu já vi. Até mesmo o seu advogado adversário e a juíza federal viram você sair correndo do tribunal atrás deste cara, sem mencionar metade

da população de Los Angeles, vovozinhas de Des Moines Iowa, e um bando de turistas italianos que viram você caçando ele.”

“Eu sei que parece ruim.”

“Não, Brent, não: isso não apenas parece ruim.” Richard balançou a cabeça. “Isso parece muito pior do que é. Eu não suponho que você queira tentar conseguir um acordo de delação?”

“Claro que não. Apenas me tire daqui, Richard. Se eu sair, eu posso trabalhar neste assunto e nós podemos ganhar isso. Se eu ficar preso aqui, bem, então eu não vejo nenhuma saída para isso.”

Richard fez uma pausa. Brent quase podia ver as engrenagens girando atrás da sua testa franzida.

“Eu vou conseguir o máximo de depoimentos que eu puder – de juízes, promotores – e cada um deles dirá que você não é uma pessoa que pretende fugir. Eu vou conseguir que o Benny, o escrevente, escreva a sua fiança. Você ainda tem aquela bonita casa na colina com a vista do porto, não tem?”

“Sim.”

“Bom, ele vai precisar dela como garantia. Nós vamos tirar você daqui, Brent. Por Deus, nós vamos!”

Brent já se sentia melhor, mas então o sorriso de Richard desapareceu. “Claro, não há garantias.”

“Eu conheço os riscos, Richard. Claro que não. Apenas faça o seu melhor.”

O pior de Richard Hannaford era dez vezes melhor que o melhor de qualquer um.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A Corte Central de Acusações na Prisão Central para Homens não é um lugar divertido. O próprio prédio parece que faz parte da cadeia. Seu feio e sombrio complexo branco fica atrás de uma cerca que exibe a placa “Prisão Central para Homens” e os três grupos de portas duplas de segurança reforçada lembram a entrada de um corredor de presídio. O lugar estava repleto de advogados circulando de forma confusa, pessoas esperando na galeria seus casos serem chamados e detentos em custódia aguardando suas acusações. Brent era um deles.

O juiz Stephen Penrod estava quase duas horas atrasado quando subiu à tribuna. Primeiro ele chamou os casos em custódia: um executivo acusado por porte de cocaína, uma dupla de doidões com cabelos punk acusada de estar sob o efeito de metanfetamina e, finalmente, o advogado Brent Marks, acusado de assassinato.

“População versus Brent Marks,” disse o juiz.

Richard Hannaford e a representante da Promotoria Pública se declararam presentes. Então Richard fez uma inspiração profunda e roubou os holofotes de qualquer outra pessoa, incluindo o juiz.

“Meritíssimo, Brent Marks é um advogado respeitado com laços indissociáveis com a comunidade. Ele não apenas fez um próspero exercício da advocacia aqui, como também é bem respeitado por seus companheiros juristas e pelos juízes locais. Muitos deles deram seu testemunho diante do senhor na tribuna,” disse Hannaford enquanto se levantava vistosamente da mesa de advogado para fazer a sua performance. Como se ele tivesse sido coagido, o juiz analisou as cartas que foram colocadas na frente dele pelo escrivão, que, obviamente, tinha sido objeto da atenção integral de Hannaford antes do juiz subir à tribuna.

Hannaford se virou e fez gestos para Brent, que estava em pé no meio dos outros acusados no cercado destinado aos jurados. “Sr. Marks é um respeitado membro da advocacia sem qualquer antecedente criminal, que estabeleceu residência aqui no sul da Califórnia há muitos anos e o nosso escrevente de fianças está presente no tribunal, pronto para protocolar uma fiança. Em resumo, Meritíssimo, este homem não oferece risco de fuga e não é uma ameaça à sociedade. Também estão presentes aqui no tribunal para atestar que o Sr. Marks não oferece risco de fuga ou perigo para outras pessoas a agente especial do Federal Bureau of Investigation Angela Wollard e o ex-agente do FBI Jack Ruder,” disse Hannaford, fazendo gesto para ambos. Angela e Jack ficaram em pé na galeria.

“Obrigado, Sr. Hannaford,” disse o juiz e se virou para a jovem promotora pública assistente. “Srta. Freling?”

“Meritíssimo, este é um caso de assassinato. O Sr. Marks foi visto por testemunhas oculares perseguindo a vítima. A arma do crime – uma faca – foi vista em suas mãos e suas impressões digitais estão nela. E ele tinha o sangue da vítima por toda a sua roupa. A População neste caso solicita que não seja depositada fiança.”

Hannaford sustentou um olhar de indignação no seu rosto. “Meritíssimo, uma das razões principais para o procedimento desta Corte é garantir a notificação de acusação e uma oportunidade para ser ouvido. A Promotora está argumentando os méritos deste caso sem dar ao meu cliente seu direito constitucional garantido de confrontar e interrogar as testemunhas de acusação, e de ter os testemunhos

ouvidos por um júri de seus pares. E ele não está diante do senhor sendo acusado de um crime capital: a População o acusou de assassinato de segundo grau. Sob estas circunstâncias, meu cliente tem assegurado uma fiança adequada.”

“Eu estou satisfeito, especialmente com os testemunhos de vários juízes importantes dos condados de Santa Bárbara e Los Angeles que o Sr. Marks não oferece risco de fuga. Eu determino uma fiança de 500 mil dólares.”

Depois que a fiança foi afixada, Brent foi processado e liberado. Quando ele saiu da prisão, Angela estava esperando por ele, sacudindo seu dedo para ele. Ela o abraçou e eles seguiram para o carro. Assim que entraram, ela mandou o seguinte recado para ele.

“O que nós dissemos para você, Brent? Você está lidando com profissionais aqui e é óbvio que você não é tão bom quanto eles.”

“Eu sei, eu sei. Mas Feto Abortado não parecia um profissional. Eu só queria descobrir por que ele estava me perseguindo.”

“Não me venha com essa, Brent. Você estava trabalhando neste caso e agora isso está um caos.”

“Está, né?” disse Brent, baixando sua cabeça.

“Nós vamos encontrar com Jack agora e eu quero que você nos diga tudo que sabe.”

“Será que nós podemos nos encontrar em algum lugar que eu possa comer? Eu estou morrendo de fome.”

Brent e Angela encontraram Jack no restaurante mexicano favorito de Julia Child, Los Agaves em Milpas. Entre porções generosas de fajitas, Brent colocava ambos a par do que tinha acontecido do lado de fora do tribunal.

“O problema é que nós estamos enfrentando um assassino completamente anônimo,” disse Angela enquanto mergulhava um salgadinho de milho no guacamole.

“Ou assassinos,” acrescentou Brent.

“Brent escancarou o assassinato de Bekker e, de repente, a contestação do testamento é abandonada e aquele que se recusa a desistir é morto. Depois, ele faz uma consulta ao Erasure.onion, outro dos requerentes é morto e Brent é declarado como o responsável pelo assassinato,” disse Jack.

“Soa como uma conspiração,” disse Angela.

“A conspiração é entre os perseguidores cibernéticos. Eu acho que eles negociaram Bekker como queima de arquivo,” disse Brent.

“E quando eles pressionaram o caso e nós chegamos muito perto, os apagadores se tornaram conhecidos, apagaram todos os vestígios do que tinha acontecido e incriminaram você,” disse Angela.

“Mas ainda há *Detetive da Bolsa* e *Buscador da Verdade*.”

“Você tem que fazer pressão neles, Jack,” disse Angela. “Mas tenha cuidado.”

“Sim, um acusado de assassinato de cada vez,” disse Brent.

“E você!” Angela disse, apontando seu dedo para Brent. “Você está em prisão domiciliar!”

Brent não tinha mais que se preocupar com a gestão da sua reputação. O resultado das primeiras três páginas de busca no Google sobre “Brent Marks” eram histórias sobre a sua prisão misturadas com

fofocas da turma habitual de perseguidores cibernéticos, que parecia crescer em número desde o sensacional evento.

Eu te disse que o Marks era um trambiqueiro.

Cuidado com o que você diz nos grupos. Este inescrupuloso Marks também pode te matar! Rindo alto!

Todos os jornais da Califórnia traziam a estória nas suas primeiras páginas. Em Santa Bárbara, ela estava na primeira página. No lugar de um famoso advogado, que defendia os oprimidos e marginalizados, Brent tinha se tornado um infame criminoso.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Jack desceu do avião em Minneápolis e alugou um carro para a curta viagem até Bloomington. O Mall of America tinha alguma coisa para todo mundo – todas as maiores lojas de departamento e boutiques para as mulheres, um parque temático e um aquário para as crianças, e até um restaurante Hooters para os rapazes. Mas Jack deixou de lado todo o entusiasmo. Ele tinha agendado uma entrevista de emprego com Jeremy Williams, também conhecido como Detetive da Bolsa. Jack, claro, estava usando um gravador e seu objetivo principal era gravar tudo que Williams dissesse. Ele esperava ter muito que registrar.

Williams tinha um escritório modesto na área administrativa do imenso shopping, que empregava mais de doze mil pessoas. Jack seria entrevistado para o cargo de chefe da segurança do shopping.

“Para lhe dizer a verdade, Sr. Templeton, o senhor é um pouco qualificado demais para este cargo,” disse Williams, enquanto ele analisava a candidatura de Jack. Williams era um cara pequeno e pouco sociável, que só pensava em trabalho, com olhos atentos e que usava uma gravata borboleta amarela com uma camisa branca sem paletó.

“Eu não me importo, Sr. Williams. Eu sempre tive vontade de dirigir um destes patinetes elétricos. Mas eu tenho que confessar, eu realmente não quero este emprego.”

Williams levantou os olhos para Jack surpreso. “O que o senhor quer dizer?”

“O que eu quero dizer é que eu vim aqui para falar com você sobre Allen Bekker.” Jack estava vendo como as coisas se encaminhavam para agir de acordo. O comentário atingiu um ponto nevrálgico que ligou a chave de adrenalina de Williams.

A dúvida de Williams entre ficar ou largar imediatamente foi resolvida: largar. Ele balançou sua cabeça para frente e para trás, procurando uma saída que não levasse a qualquer lugar perto de Jack.

“Eu fiz o que me mandaram!” ele insistiu. “Eu desapareci! Eu não sei de nada e eu não disse nada a ninguém! Eu juro!”

A secretária de Williams tocou seu interfone. “Sr. Williams, está tudo bem?” ela perguntou. Jack fez um sinal para ele responder e colocou seus dedos sobre os lábios fazendo um gesto de silêncio.

Williams timidamente apertou o interfone e respondeu, “Sim, senhorita Davis, está tudo bem, obrigado. Você – você pode sair para almoçar agora.”

Williams olhou para Jack. “O que você vai fazer?”

“Isso vai depender do senhor, Sr. Williams.”

“Eu concordei com tudo. Eu desisti do caso, mas Finegan não queria isso. Não foi minha culpa!”

Jack apenas olhou para Williams firmemente e ouviu. Às vezes você consegue mais respostas se não fizer mais perguntas.

“Eu tenho esposa, eu tenho uma família!” Williams suplicou. Suas mãos estavam tremendo e ele suava como se tivesse tomado alguma droga.

“Sr. Williams, nós sabemos de tudo isso. Diga-me algo que nós não sabemos.”

“Foi ideia do Finegan deixar o bilhete. E Marsen foi o voluntário para seguir o Marks. Ele só estava concordando!”

“Marsen está morto.”

A boca de Williams ficou aberta. Morto? Por favor! Por favor! Eu sou invisível. Eu realmente sou.”

“Eu não estaria aqui se houvesse outra solução.”

“Por favor!” Williams começou a chorar. “Eu faço qualquer coisa!”

“Primeiro, você tem que se responsabilizar pelo que você fez – o que *todos* vocês fizeram. É a única maneira de salvar sua vida.”

“O que eu posso dizer?”

“Tudo, Sr. Williams. Finja que eu sou o seu padre confessor. Eu quero uma confissão completa.”

Os lábios de Williams balançavam e Jack sorria por dentro. O pequeno nerd confessou todo o esquema do assassinato por encomenda. Um caso resolvido, outro para resolver. Ele, Feto Abortado, Finegan e Buscador da Verdade juntaram todo o dinheiro deles para apagar o contrato de Bekker. Depois que eles contrataram o site, eles foram informados que se encontrariam com um “representante” da Erasure.onion. “Mas eles não nos disseram onde seria este encontro,” ele disse.

Jack saiu do escritório de Williams e ficou esperando no shopping até ele sair do trabalho para poder segui-lo até sua casa. Ele fez um lanche no Hooters, depois assistiu às chefes de torcida do Minnesota Vikings dar um show grátis na Rotunda. Foi muito mais divertido assistir a um bando de chefes de torcida “supostamente oficiais” pulando em seus delicados uniformes brancos e roxos do que uma garçonete peituda servindo comida vestida com uma camiseta.

Às cinco horas em ponto, Williams saiu correndo de seu escritório como um ratinho, olhando em volta apreensivamente. Jack o seguiu a uma distância segura, mas logo pôde perceber que ele não estava sozinho em seus esforços. Um homem de altura mediana também estava seguindo Williams, vestido discretamente com calças jeans, tênis e uma camiseta bege. Ele se movimentava com a agilidade de um gato perseguindo sua presa.

Jack acompanhou o seguidor enquanto ele perseguia Williams pelos corredores de serviço que levavam ao shopping e por todo seu caminho até o estacionamento. Ele manteve uma distância segura dos dois quando eles chegaram ao estacionamento, observando e filmando eles com sua mini câmera de vídeo enquanto Williams entrava no seu carro Toyota Prius branco e o seguidor entrava em uma caminhonete cinza. Quando o Prius começou a andar, Jack rapidamente procurou em volta um veículo para usar na perseguição. Ele localizou uma motocicleta Yamaha Seca que estava perto, correu até ela e rapidamente fez uma ligação direta. Jack saiu correndo pela rampa do estacionamento e localizou o Prius branco de Williams e a caminhonete que o perseguia quando eles viraram na 24th Avenue. Ele pegou seu celular e ligou para Angela.

“Angela, eu estou perseguindo o suspeito do assassinato.”

“Eu também,” Angela disse, surpresa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Angela estava observando Myron Talbot sair do escritório de vendas da Cadillac quando percebeu um homem usando roupas escuras que parecia estar observando Talbot jogar seu cigarro fora e caminhar em direção a um Ford bege que estava perto, parado na rua. Em um palpite, ela pegou a guimba do cigarro e colocou em uma sacola plástica, pois poderia ser uma pista. Então ela entrou no seu carro, que estava parado a meio quarteirão dali.

Talbot tirou seu Cadillac CTS vermelho do estacionamento da concessionária e virou à esquerda na San Carlos Street. Como se estivesse magnetizado, o Ford bege saiu correndo atrás dele. Angela tinha começado a segui-los quando Jack ligou.

“Mas eu pensei que você estivesse em Minneápolis?”

“Eu estou,” disse Jack.

“Então como você pode estar seguindo o suspeito quando ele está aqui, neste momento, em San José?” Angela perguntou, enquanto o CTS virava à direita na Market Street com o Ford bege bem atrás dele.

“Só pode ter mais de um assassino,” disse Jack.

“Ou um deles está trabalhando para o outro. De qualquer maneira, eu acho que o tempo destes caras está acabando. Se eles estão sendo seguidos, um deles ou ambos pode ser preso a qualquer momento.”

“Eu também acho. O que devemos fazer?”

“Eu só posso falar por mim mesma. Eu não deveria estar fazendo isso, mas caso veja alguma coisa, eu posso avisar às autoridades locais. Até agora, é apenas um cara seguindo outro.”

“A mesma coisa aqui.”

“O problema é que, uma vez que tenha alguma coisa para denunciar, eu receio que outro assassinato possa acontecer.”

O CTS pegou a estrada I-280 em direção ao sul e Angela seguiu o Ford bege enquanto ele perseguia Talbot.

Jack manteve a Yamaha na pista da direita enquanto ele seguia o Prius e a caminhonete que ia atrás dele. Eles saíram da estrada e o Prius finalmente parou na entrada de uma área residencial de casas separadas. Williams saiu do carro e entrou em sua casa, mas a caminhonete e seu ocupante ficaram parados. O tempo de Jack era limitado, já que ele estava em uma motocicleta e tinha certeza que seria descoberto pelo estranho da caminhonete se ficasse muito tempo. Além disso, alguém estava prestes a dar falta da motocicleta ou, pior, a denunciar que ela tinha sido roubada. Jack estacionou a moto, tentou parecer alguém da vizinhança e torceu para que ninguém – principalmente o cara da caminhonete – o visse.

Do outro lado do país, os suspeitos de Angela saíram da Estrada em Milpitas, também em uma área residencial, onde Talbot estacionou o CTS em sua garagem e entrou em casa. Angela parou atrás, a aproximadamente dois quarteirões, desejando ter podido comer seu jantar mais cedo, já que parecia que a noite seria longa.

Brent estava aproveitando a sua liberdade e tentando garantir que ele teria mais disso pela frente. Sentado no sofá com seu laptop no colo e Calico ao seu lado, ele procurava agitadamente por pistas na Internet. Ele pensava em todas as palavras de busca que podia e descobriu que na Deep Web (ou “Dark Web”, como era geralmente conhecida), assassinato por encomenda não era incomum. Usando o navegador TOR, Brent entrou no buraco do Coelho da Internet, no mundo sórdido da Dark Web.

Eu não sei nada sobre você e você não sabe nada sobre mim. Sua vítima simplesmente deixará de existir. E isso sempre parecerá um acidente ou um suicídio.

A leitura deste comentário fez Brent sentir um formigamento do cóccix até a ponta dos seus dedos. Eram muitos sites de assassinato por encomenda e Bitcoin parecia ser o método preferido de pagamento. Isso não podia ser rastreado. Tinha até mesmo um site de *crowdfunding* (financiamento coletivo) que aceitava contribuições anônimas para assassinatos políticos, oferecendo os restos mortais para qualquer assassino que pudesse provar que tinha feito a façanha. Brent soube por Angela que pelo menos um dos sites teve que ser administrado por agentes secretos do FBI e do DEA disfarçados de assassinos, mas ele não sabia qual deles. De intimidação anônima a assassinato por encomenda anônimo, a Internet tinha alguma coisa para cada preferência doentia.

Richard Hannaford conseguiu que o corpo de David Marsen passasse por uma segunda autópsia feita pelo Dr. Jaime Orozco. A teoria de Brent era que a posição das suas impressões digitais na faca poderia ser condizente com alguém retirando a faca, mas não com o verdadeiro esfaqueamento. Isso estava fora de alcance, mas era a única pequena evidência física possível que eles tinham e que poderia tirar a acusação de Brent ser o assassino.

O seguidor misterioso na caminhonete partiu logo depois do pôr-do-sol e Jack saiu correndo com a motocicleta, voltando para o shopping para devolvê-la. Ele chegou à rampa do estacionamento e refez seus passos para o andar onde ele tinha encontrado a motocicleta. Havia muitos carros elétricos da segurança do shopping, alguns seguranças usando patinetes elétricos e um carro de polícia com dois guardas uniformizados. Parecia que a polícia estava fazendo um relatório. Assim que Jack se virou para escapar do inferno que estava ali, um dos seguranças em um patinete elétrico gritou, “Ei! Pare aí!” e, seguido por um segundo segurança de patinete elétrico, saiu correndo atrás de Jack.

Ah, ótimo! Ex-tira de Los Angeles, ex-agente do FBI foi pego com motocicleta roubada por Paul Blart, tira do shopping.

Os patinetes elétricos estavam à altura da motocicleta para as voltas e reviravoltas na rampa do estacionamento, mas eles não seriam capazes de emparelhar com Jack do lado de fora da rua. Jack apenas torcia para que a saída não estivesse bloqueada e assim ele pudesse se perder deles. A cada volta ele olhava por cima de seu ombro apenas para ver que os patinetes ainda estavam na sua cola. Eles deveriam ser os novos modelos turbinados, capazes de andar a mais de 40 quilômetros por hora. Ele deitava nas curvas como um piloto de motocicleta, o que permitia colocar distância entre ele e os patinetes elétricos.

Felizmente a saída não estava bloqueada e Jack saiu voando dali. Ele não estava sendo seguido pela polícia, pelo menos era o que ele achava (*Caçada em alta velocidade a ladrão de motocicleta acaba em captura de ex-agente do FBI.*). Ele encontraria um lugar para se limpar e se desfazer da moto. Então voltaria para o shopping para pegar seu carro alugado.

A noite de Angela foi mais longa, mas menos movimentada. Seu suspeito esperou do lado de fora da casa de Talbot até aproximadamente meia-noite e depois foi embora. Angela esperou por mais uma hora

caso ele voltasse ou caso Talbot recebesse outra “visita.” Depois da expectativa e emoção iniciais, as duas diligências que aconteceram em lugares diferentes do país acabaram monótonas. Seu substituto, Paul Beeker, um detetive particular de San José, chegou à uma hora. Beeker faria vigília do lado de fora da casa de Talbot até ele sair para o trabalho e então o rastrear lá. Jack também colocaria alguém do lado de fora da casa de Williams cedo na manhã seguinte.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O voo de conexão de Angela vindo do Aeroporto Internacional de Los Angeles pousou um pouco depois das oito e meia. Brent a esperava na área de desembarque com um buquê de rosas amarelas. Angela passou com dificuldade pela porta dupla de vidro, parecendo um soldado cansado. Mas ela sorriu quando viu Brent e sua oferta de reconciliação.

“Isso seria para compensar o fato de eu ter passado meus dias de férias em uma diligência ao invés de em uma praia em Maui?” ela perguntou enquanto pegava as flores e beijava Brent.

“Não. Isso é só porque eu te amo. E eu queria que você soubesse que eu tenho me comportado bem. Nenhuma interação: apenas pesquisas na Internet. Estes sites de assassinato por encomenda são muito assustadores.”

O que era mais assustador era o anonimato de tudo isso: um contato não rastreável em uma página não rastreável e pagamento feito em Bitcoin. Então era impossível seguir o dinheiro. Nenhum encontro com o líder tatuado dos Hell’s Angels que tinha uma tatuagem no crânio e nariz adunco: apenas aperte um botão e mate alguém. Isso era tão impessoal como a própria Internet, o sistema responsável por conectar você com pessoas há muito tempo perdidas na sua vida (assim como várias outras novas pessoas, sendo que você nunca verá nenhuma delas).

Dr. Jaime Orozco limpou um resto de maionese do canto de sua boca com a sua língua enquanto saboreava seu sanduíche de presunto e queijo e começava a estudar o relatório do médico legista sobre a autópsia de David Marsen, feita antes da sua própria avaliação. Marsen era um homem adulto aposentado dos Correios, com 55 anos de idade, cabelos castanhos finos de comprimento médio e olhos castanhos. Ele não tinha histórico patológico. Orozco examinou a superfície do corpo. Nenhuma cicatriz significativa ou tatuagens. Todavia, parecia que ele tinha retirado o apêndice em algum momento.

Orozco examinou cuidadosamente o ferimento à faca. Marsen foi esfaqueado uma vez no lado esquerdo das costas. O ferimento foi de aproximadamente quinze centímetros e perfurou o rim e a artéria renal. O sangramento da artéria renal foi a causa da morte. Parecia que o ferimento tinha sido direcionado na vertical, o que significava que o agressor tinha enviado a faca de forma ascendente durante o ataque. *Parece ter sido um profissional*, pensou Orozco. O assassino obviamente sabia como fazer um atentado fatal com um único golpe.

Orozco examinou as fotografias e os laudos sobre a arma do crime enquanto esperava por Kevin Lawler, o perito forense de Brent, para uma consulta sobre a trajetória da faca e os indícios das impressões digitais. Toda a vida de Brent estava naquelas quatro mãos.

Kevin Lawler, o perito forense, era alto e magro. Ele seria o Laurel e o Dr. Orozco seria o Hardy, como na dupla o Gordo & o Magro. Eles já tinham trabalhado juntos antes e ambos conheciam Brent muito bem. Lawler foi capaz de examinar a faca e de tirar suas próprias fotografias, assim como fazer as imagens digitais periciais para compilar um detalhado modelo 3D com cada detalhe, que poderia ser girado para examinar cada superfície da faca, incluindo as impressões digitais. Lawler inseriu o disquete no computador do Dr. Orozco e manipulou o movimento na tela.

“Isso é quase melhor do que examinar o próprio objeto,” disse Lawler enquanto ele demonstrava como ele podia girar a imagem da faca e ampliar pedaços que, do contrário, só poderiam ser visíveis em um microscópio.

“Impressionante!” responde Orozco. “Você acha que nós poderíamos capturar uma imagem 3D do ferimento gerada por uma ressonância magnética e depois fundir as duas em um modelo misto para mostrar o que realmente aconteceu?”

“Eu acho que nós podemos pegar imagens de tomografia computadorizada e de ressonância magnética e criar um modelo 3D – um cadáver cibernético. Nós podemos ver os ferimentos de qualquer ângulo que a gente queira e qualquer parte do corpo que a gente queira, como esta faca.”

Orozco e Lawler inicialmente concordaram que o ângulo das impressões digitais que apareciam na faca não era condizente com o aperto que resultaria na quantidade de força que poderia fazer aquele único ferimento de penetração, que passou pelo tecido cutâneo e pelo músculo a uma profundidade de quinze centímetros, em um impulso ascendente. Orozco tinha que começar os exames de ressonância magnética e tomografia computadorizada imediatamente para formular o modelo. Ele não tinha muito tempo, mas assim que os exames estivessem prontos, o modelo iria documentar todas as provas legais mesmo depois de o corpo ter se decomposto ou sido cremado.

Richard Hannaford apareceu para o momento da revelação vestindo jeans e camiseta. Ele não estava com o seu habitual uniforme de três peças usado no tribunal e, por isso, eles quase não o reconheceram.

“Richard! Você chegou bem a tempo,” disse Lawler. As bochechas gorduchas do Dr. Orozco se esticaram em um sorriso.

“Sim, Richard. Deixa eu te mostrar o ferimento fatal e depois o Kevin vai te mostrar a imagem computadorizada 3D da faca.”

“Será que eu poderia ver a imagem computadorizada de ambos?” disse Richard, franzindo o nariz.

“Exatamente o que pensamos!” disse Orozco. “Nós estamos examinando o corpo todo.”

“E será preenchido com as cores dos órgãos e tecidos...” disse Lawler.

“Um cadáver virtual!” disse Orozco, não tentando disfarçar seu entusiasmo. “Agora, veja aqui, Richard,” ele disse enquanto abria o corpo e iluminava o hematoma com uma luz. Hannaford recuou com nojo diante desta cena.

“Senhores, eu estou muito feliz que ambos estejam animados com as suas descobertas, mas os senhores poderiam me *falar* sobre elas?”

“Ah, Richard, isso não seria nada divertido!” disse Orozco.

“Não, não seria nada divertido,” disse Lawler, sacudindo a cabeça.

“Senhores, eu sou um orador, não um cientista.”

“Deixa disso, Richard. Ele não pode te machucar – ele está morto!” disse Orozco, explodindo em um riso conjunto com Lawler.

Hannaford colocou seu lenço sobre o nariz e relutantemente observou Orozco demonstrar o caminho da faca que tinha causado o ferimento fatal. Então ele e Lawler explicaram, usando o modelo 3D da faca, como eles achavam que as evidências mostravam que as impressões digitais no cabo da faca eram consistentes com a sua retirada e não com o ato de enfiá-la.

“Então, como um bom promotor poderia levantar a hipótese, não poderia o agressor que enfiou a faca ser o mesmo que a retirou?” perguntou Hannaford.

“Sim, mas neste caso, você poderia esperar ver marcas nas duas direções: para frente, quando a força da pressão é aplicada, e depois para trás, quando a faca é retirada,” disse Lawler. “Nós só vemos marcas para trás aqui. Como se o esfaqueamento tivesse sido feito por um fantasma.”

“Ou *O Fantasma*,” disse Richard. Lawler e Orozco olharam para ele surpresos.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Brent estava de volta ao seu escritório, gerenciando os casos para os quais ele tinha sido contratado. Muitos clientes tinham telefonado, querendo substituí-lo por outro advogado. A notícia da prisão de Brent não tinha incutido muita confiança neles. No meio do êxodo de clientes, Brent tinha uma reunião agendada com Jack.

“O que significa estar na frente de um suspeito, Jack?” Brent perguntou enquanto Jack Ruder se mexia inquieto na cadeira do outro lado da escrivaninha de Brent e girava seus polegares.

“Não são suspeitos. Eu e Angela observamos estes sujeitos sob vigilância, mas não como assassinos.”

“Então são suspeitos de que?”

“Se nós soubéssemos isso, o caso estaria resolvido. Eu acho que o assassino tem pessoas observando eles para ver com quem eles estão falando e conhecer suas rotinas para poder marcá-los para eliminação.”

“Ou assassinos.” Brent detalhou para Jack sua teoria de assassinato por encomenda pela Internet.

“Isso explicaria por que Williams não parecia saber de nada.”

“A audiência preliminar é amanhã,” disse Brent. “Eu não imagino que nós estaremos mais perto de resolver isso amanhã do que nós estamos hoje?”

“Não parece isso.”

Brent abaixou a cabeça e a colocou entre as mãos, acima da testa. “Nós precisamos de algum milagre, Jack.”

“O que está acontecendo com o Dr. Orozco e o cara da reconstrução do acidente?”

“Eles estão trabalhando em um modelo 3D que eles dizem que mostrará que as impressões digitais na faca provam que eu apenas a retirei. Isso significa que, se eu fosse o assassino, eu teria esfaqueado o Feto Abortado usando luvas e então teria tirado as luvas antes de retirar a faca dele.”

“Parece promissor.”

“Mas isso é apenas uma opinião do perito contra uma montanha de provas circunstanciais.”

“Nós temos que achar este cara.”

“Exatamente.”

Jeremy Williams estava atrasado para o trabalho. Ele passou a noite toda deitado em sua cama ouvindo cada chiado e pancada da madrugada. Quase às seis horas ele finalmente conseguiu fechar os olhos, para abri-los somente às nove e meia porque ele tinha se esquecido de ajustar o despertador. Agora ele tinha a possível perda do emprego para colocar no topo de sua lista de preocupações. *Não precisarei de um emprego se eu estiver morto.*

Williams cumpriu sua rotina matinal em alta velocidade. Ele telefonou para o trabalho para avisar sua secretária que ele tinha tido um problema com seu carro e que chegaria um pouco atrasado. Então, como um agorafóbico, ele espiou lá fora para o desconhecido. Será que tinha alguma surpresa esperando por ele ali? Ele desejou e rezou para que fosse só mais um dia monótono.

Fazendo uma respiração profunda, Williams olhou para a esquerda e para a direita até cada um dos finais da rua e então saiu correndo até o seu carro. Antes de abrir a porta, ele verificou o banco de trás, apenas para ter certeza que ninguém estava esperando por ele lá dentro. Então, imaginado que quando ele ligasse o carro ele poderia explodir, ele se ajoelhou e olhou embaixo dele. Não vendo nada além dos habituais dispositivos mecânicos cobertos com lama e poeira, ele suspirou aliviado, entrou no carro, fechou e trancou a porta. Williams engrenou a marcha ré, vez a volta e saiu correndo da vizinhança o mais rápido que pôde.

Lance Butler esperou até Williams sair em segurança da vizinhança antes de arrancar atrás dele. Afinal de contas, Lance sabia para onde Williams estava indo. Ele não queria ser visto pelo estranho misterioso que, como Jack tinha observado, estava vigiando Williams. Lance era um ex-policia! do Departamento de Polícia de Minneápolis que construiu uma vida decente rastreando maridos e mulheres traidores, remexendo o lixo das pessoas e verificando dados de computadores. Este trabalho não lhe renderia apenas um bom dinheiro, mas era a oportunidade de fazer parte de uma coisa maior – ajudar a solucionar casos de assassinato por encomenda.

Lance ficou de olho em todo o caminho do Prius de Williams para o Mall of America até a rampa do estacionamento. Williams saiu do carro, girando sua cabeça nervosamente para os lados como um pássaro. Então ele saiu com um andar rápido, olhando por cima do ombro, como um condenado que acabou de fugir da prisão. Lance saiu do carro despreocupadamente e se misturou com o resto das pessoas que se encaminhavam para o shopping, enquanto ele seguia Williams.

Do outro lado do país, Myron Talbot estava acordando. Paul Beeker já estava alerta e fazendo seu trabalho, esperando em seu carro parado a cerca de um bloco e meio de distância.

Brent estava trabalhando desde cedo, examinando a Internet e os registros telefônicos que ele assegurou com as intimações. *Alguém tem que ter feito alguma merda em algum lugar. Não pode ser tão fácil contratar um assassino.* Ele ficou horas analisando os registros, comparando os de Marsen com os de Williams e de Talbot, mas não conseguia descobrir nenhum padrão, com exceção do fato que eles tinham enviado mensagens uns aos outros. Porém, desde que a contestação do testamento foi abandonada, eles pararam com qualquer comunicação. Talvez Talbot tenha cometido um erro e quebrado uma das regras do assassino. Ou talvez o assassino apenas quisesse se livrar de Brent. A resposta tinha que estar em algum lugar. A liberdade de Brent dependia disso.

Hannaford tinha requisitado os discos rígidos e os computadores de Marsen para examinar suas informações sobre histórico de navegação e arquivos temporários. Não foi surpreendente que tudo tivesse desaparecido. Nenhum arquivo rígido. Apenas as cascas que costumavam conter a vida na Internet de David Marsen (também conhecido como 'Feto Abortado'). De alguma maneira, Brent tinha que por as mãos nos computadores de Williams e de Talbot. Ele não poderia pedir a Jack para fazer isso porque envolveria um elemento de ilegalidade que nem ele nem Jack estariam a fim de encarar. Mas, se ele pudesse desmascarar o esquema de assassinato por encomenda, ele talvez fosse capaz de usar toda a força e recursos do governo federal. Brent ligou imediatamente para Angela para conversar sobre esta ideia.

“O que você acha, Angie? Isso é viável?”

“Se você conseguir recolher provas suficientes para um mandado, nós talvez pudéssemos fazer isso.”

“Talvez alguns de seus companheiros já estejam trás do Erasure.onion e qualquer coisa que nós possamos oferecer a eles será suficiente para deixá-los loucos.”

“Eu já me antecipei nisso. Eu já fiz consultas a todas as pessoas que eu conheço.”

Depois de falar com Angela, Brent começou a se sentir menos sem esperanças e se atirou na busca de provas que pudessem ser usadas para garantir um mandado. Mandados já tinham sido expedidos com menos informação, mas o governo não tinha razão para se preocupar com Brent e sua situação. Se fosse um site de pornografia, provavelmente já haveria dúzias de agentes secretos nisso. Não tinha importância que Angela fosse uma agente federal. Ela não era uma pessoa influente. Para obter a ajuda do governo, eles tinham que ser manipulados para pensar de acordos com seus interesses.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A audiência preliminar era normalmente o lugar onde o promotor se destacava. Afinal, não havia nada para ele fazer a não ser exibir um mínimo de suas testemunhas (geralmente policiais) perante o juiz e convencê-lo de que havia causas prováveis suficientes para levar o acusado a julgamento. Isso era meio piada de mau gosto para a defesa porque, apesar de dar a aparência de um procedimento idealizado para proteger os direitos do acusado, era uma espécie de tribunal de cartas marcadas, onde o promotor sempre “ganhava”, uma vez que em 99% das vezes o juiz considerava que havia causas prováveis suficientes para indiciar o acusado. No caso de Brent, esta seria a piada de mau gosto antes da piada definitiva – o julgamento em que ele não teria defesa – com exceção de dois entusiasmados peritos como testemunha, que estavam construindo a versão deles de um cadáver virtual 3D. Uma apresentação sem necessidade de óculos 3D para o júri.

Apesar de não haver esperança para uma rejeição do caso de Brent na audiência preliminar, Richard Hannaford, sendo ele o mestre da eloquência do teatro jurídico, não poderia abster-se de seu interrogatório. Era como uma represa transbordando por suas comportas. “Não desperdice seu entusiasmo aqui, Richard. Guarde-o para o julgamento,” Brent disse a ele, sabendo muito bem que isso não faria diferença.

Hannaford interrogou o policial, que era a única testemunha, com ímpeto. Mas foi tudo inútil, já que na audiência preliminar os policiais eram autorizados a testemunhar como se tivessem ouvido os rumores ditos pelas testemunhas leigas. Quando a poeira abaixou e Richard pronunciou seu discurso final de paz, isso não fez nenhuma diferença para o juiz (apesar de ter sido divertido). Até mesmo o oficial de justiça prestou atenção ao invés de ler sua revista “Popular Mechanics” e o juiz ouviu ao invés de tirar uma soneca com seus olhos bem abertos. No fim da audiência, Brent foi intimado a depor e uma data para a denúncia foi colocada na comunicação que o promotor público já tinha preparado para apresentar.

Com a data do julgamento final se aproximando, o taxímetro continuava rodando na vigilância em San José e Minnesota, com nada mais relevante a relatar do que dois sujeitos que iam e vinham dos seus locais de trabalho e, ocasionalmente, saíam nos fins de semana. Nenhum “fantasma” misterioso (ou mesmo aprendizes fantasmagóricos) jamais apareceu.

Entretanto, o site Erasure.onion provou ser mais do que um interesse casual para os agentes federais, que obviamente não o reconheciam como um dos seus, e estavam interessados em derrubá-lo como um esquema de fraude ou descascar as camadas desta cebola para ver o que realmente estava por baixo. Esta era a rede profunda. Um lugar escuro onde todas as pessoas execráveis que se pudesse imaginar traficavam drogas, pornografia infantil e toda atividade desprezível que a Internet pudesse apresentar. O governo desprezava isso ou eles precisavam disso para alimentar suas atividades de combate à criminalidade. De qualquer maneira, isso não importava. As provas que Brent reuniu a partir das intimações, assim como as declarações de Jack sobre a “confissão” que ele conseguiu de Williams, eram provas suficientes para um procurador federal assistente arriscar solicitar um mandado de busca.

Às cinco horas em ponto pelo horário do Pacífico, oito horas pelo horário do leste, agentes do FBI e do ATF* atacaram as respectivas residências de Myron Talbot e Jeremy Williams, levando com eles tudo que lembrasse remotamente equipamentos de informática. O próximo passo seria um pouco mais

complicado: tentar examinar provas em um caso para ser usadas em outro caso para o qual o governo poderia não estar dando a mínima atenção. Entretanto, desde que eles tinham tido mais interesse no assassinato de Allen Bekker do que os policiais locais, havia uma chance de Jack ser capaz de fazer uma inspeção de forma sorrateira nos discos rígidos – ou pelo menos ter acesso aos relatórios.

Brent estava surpreso que o Erasure.onion não tivesse despachado Talbot e Williams, mas ele suponha que eles tinham calculado que o limite que eles tinham apertado em volta de Brent era hermético e que eles eram tão anônimos que os únicos criminosos que poderiam ser encontrados para ser processados eram Talbot e Williams. Uma vez que o governo tivesse

**NT: Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives - órgão federal de segurança pública do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.*

trancado e jogado a chave fora, eles poderiam observar tudo que eles quisessem como coconspiradores, mas chegariam de mãos vazias.

Como a data do julgamento se aproximava perigosamente, Jack finalmente foi capaz de convencer o detetive Gray que ele iria parecer um idiota se ele não tivesse pelo menos seu próprio parecer de um perito sobre os discos rígidos e os relatórios dos agentes federais. Gray chamou Jack até seu escritório para lhe dar primeiro as boas notícias e depois as más notícias.

Jack encontrou o detetive Arnold Gray na delegacia de polícia da comunidade de West Los Angeles em Beverly Glen. O escritório de Gray não presenciava muita ação. A maioria dos crimes que ele investigava eram assaltos e confusões domésticas. Talvez isso pudesse explicar a razão pela qual o caso de Bekker estava abandonado em sua escrivaninha. Desde que o FBI começou a se interessar por ele, o sentimento de competição de Gray foi despertado e ele finalmente deixou Jack entrar em seu santuário íntimo. O escritório de Gray era repleto de fotos dos seus filhos em várias fases da juventude. Ele tinha aproximadamente 55 anos e ainda faltavam mais uns dez anos para chegar a sua aposentadoria.

“O que você conseguiu para mim, Arnie?”

“Aqui estão os relatórios sobre os discos rígidos. Eles foram totalmente apagados,” Gray disse, empurrando o material sobre a mesa até Jack.

Jack rebateu seu desapontamento. “Eles usaram peritos para a reconstituição de tudo que foi deletado? Histórico de navegação e arquivos temporários?”

“Sim e eles não encontraram nada. O departamento não vai bancar um perito independente neste caso, então se você quiser o material dos computadores, você vai ter que solicitar isso.”

“Eles ainda não devolveram este material, né?”

“Não, então eu sugiro que você entregue estas intimações antes que eles devolvam o material e tudo acabe perdido ou destruído.”

“Não diga mais nada. Obrigado, Arnie,” disse Jack enquanto se despedia rapidamente e se retirava do escritório. Então ele telefonou para Hannaford para lhe contar as novidades.

Hannaford teve as intimações do caso *População versus Marks* rascunhadas, assinadas, enviadas por e-mail e entregues para Talbot e Williams na velocidade da luz. Ele mandou Jack, com os comprovantes das notificações para Talbot e Williams, notificar o FBI e eles inverteram as provas inúteis contra ele em conformidade com as intimações oficiais. Todos os esforços finalmente recompensados. Jack recebeu os equipamentos em conformidade com as intimações.

Jack telefonou para Brent entusiasmado e lhe disse: “Eu consegui os discos rígidos.”

“Bom. Leve-os até o T.J. Eu te encontro lá.”

Timothy Jones (ou “TJ” como seus amigos o chamavam) era um especialista em informática que controlava uma boa parte dos pequenos negócios de suprimentos de computadores do Vale de San Fernando. Brent tinha conhecido TJ em outro caso e tinha mantido contato com ele. O escritório de TJ ficava em sua casa. Era um laboratório de computação com todo tipo de hardware que se pudesse imaginar – fios, cabos e uma enorme quantidade de monitores: sua Disneylândia tecnológica.

Quando Brent chegou, Jack já tinha enviado os discos rígidos e eles estavam instalados. TJ deu a Jack e a Brent um curso intensivo de recuperação de arquivos enquanto ele examinava os discos, procurando os arquivos perdidos.

“Um computador que está conectado à Internet utiliza servidores DNS que convertem *hostnames* em endereços IP,” TJ explicou. Isso não significava absolutamente nada para Brent e para Jack. “Isso provavelmente não significa nada para vocês, mas estas solicitações são armazenadas em uma *cache*. Quando você esvazia seu histórico de navegação, a *cache* do DNS não é modificada. Então é lá que você normalmente vai para procurá-las.”

“Isso é ótimo!” exclamou Brent.

TJ digitou alguns comandos e olhou desapontado para Brent e Jack. “Vejam, o problema é que quando o computador é reiniciado, a *cache* DNS é esvaziada.”

TJ digitou mais alguns comandos. “Em seguida, nós examinamos seus roteadores para apurar todas as conexões que foram estabelecidas.”

Um grupo de palavras incompreensíveis apareceu na tela. “Veem esta lista de endereços IP? Estes três correspondem aos roteadores.”

TJ rapidamente olhou os endereços. Um deles era Hotstocks.co, o outro Attorneys.net e um terceiro que ele não foi capaz de rastrear. “Esta é provavelmente a conexão deles com o navegador TOR,” ele disse.

A cabeça de Brent caiu até a metade do caminho em direção ao seu colo. “Não fique desanimado,” TJ disse. “Nós mal começamos a lutar. Os arquivos temporários estão aqui em algum lugar. Nós apenas temos que usar programas de recuperação para achá-los, da mesma forma que procuraríamos por quaisquer arquivos deletados.”

“Sim, mas o FBI já fez isso e não encontrou nada.”

“Eu sei. Eu vi o relatório. Mas o FBI não tem o Mágico de Oz.”

“O que é o Mágico de Oz?”

“O Mágico de Oz é um programa especial de recuperação que eu mesmo desenhei que ajuda a localizar e reconstruir quaisquer arquivos excluídos, incluindo rastros deixados pelo navegador Tor. Deixe eu e o mágico olharmos se nós podemos achar o cérebro de espantalho.”

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Enquanto TJ estava ocupado cuidando do mágico, Jack continuou sua investigação e Brent e Richard se prepararam para o julgamento. Brent organizou anotações, perguntas para avaliação do júri, interrogatório e perguntas para as testemunhas de defesa como ele faria em qualquer julgamento. Ele entregou tudo para Richard e ficou com uma cópia para ele.

No meio da preparação Jack ligou para Brent.

“Nós encontramos Mr. Bean.”

“O que? Isso é ótimo, Jack!”

“Na verdade, não. Mas você vai entender o que eu quero dizer. Nós estaremos no seu escritório em meia hora.”

“Você está com ele?”

“Sim, a polícia o liberou, mas ele concordou em ir falar com você quando eu lhe disse como você está enrolado.”

Jack conduziu Mr. Bean para dentro do escritório como um policial faz com um prisioneiro e praticamente o empurrou na cadeira do cliente no escritório.

“Ele é um ator,” disse Jack.

“Um ator?”

Mr. Bean estava inquieto na cadeira e, de repente, fez uma careta do “Mr. Bean” para provar que Jack tinha razão.

“Brent, este é o Bradley Smith.”

“Smythe,” Bradley corrigiu.

“Que sotaque é este, Bradley, você não é britânico.” Bradley parecia tanto com Rowan Atkinson, o ator que interpretava o Mr. Bean, que esta era a única coisa que ele podia representar.

Mr. Bean afirmou com a cabeça. “Infelizmente, eu estou preso neste papel, mas, ao contrário de Atkinson, nunca ganhei nada com isso.”

“Quem contratou você?” perguntou Brent.

“Eu não sei.”

“Como assim, você não sabe?”

“Eles me contrataram pelo meu site, me pagaram em bitcoin.”

“Você aceita bitcoin?”

“Paypal também.” Bradley sorriu como Mr. Bean.

“Para com isso, Bradley!” mandou Jack.

“Ele nunca soube quem o contratou.”

“Eles apenas me disseram para te entregar aquela mensagem – você sabe, que nem sempre as coisas são o que parecem.”

“Ele recebeu uma mensagem criptografada. Ninguém foi capaz de rastreá-la.”

Depois que Brent e Jack deixaram Mr. Bean seguir o seu caminho, Jack expôs o resto das más notícias.

“Nós também descobrimos as identidades dos sujeitos que estavam seguindo Detetive da Bolsa e Buscador da Verdade.”

“Uau! Quem eles são?”

“Não é realmente ‘uau, Brent. É a mesma estória do Mr. Bean. Ambos são investigadores particulares, contratados anonimamente através dos sites deles para observar e registrar movimentações.”

“Deixe-me adivinhar, eles foram pagos com bitcoin.”

“E seus clientes nunca mais fizeram nenhum contato com ele.”

“Para que, Jack? Apenas para me causar problemas?”

“Ou para te assustar e dissuadir.”

“O que não funcionou.”

“E o que agora te colocou na atual confusão em que você está metido.”

Brent foi para o seu encontro com Hannaford com menos confiança no que nunca. Ele se sentou na cadeira em frente à escrivaninha de Hannaford, enquanto ele observava Richard acender um charuto e morder sua ponta.

“Brent, eu acho que nós devemos deixar uma coisa clara,” Richard disse, soprando anéis de fumaça no ar.

“O que é?”

Richard tirou o charuto da boca e olhou para Brent atentamente. “Eu valorizo todo este trabalho e eu considero tudo. Mas eu tenho que ser o único advogado neste caso. Você não pode assumir a liderança disso da cadeira do cliente.”

“Eu sei, Richard.”

“E você tem que acreditar em mim.”

“Ah, eu acredito.”

“Nós temos diferentes estilos e diferentes pontos de vista.”

“Richard, por favor, compartilhe comigo o que você acha que é a nossa defesa porque eu não tenho a mínima ideia.”

“É fácil. Nós não temos uma defesa.”

Brent olhou para Richard, com a boca aberta, e Richard continuou. “Geralmente, você tem uma defesa para apresentar. Por exemplo, se foi legítima defesa, você admite o homicídio e depois mostra que foi legítima defesa pertinente.”

“Ninguém no júri vai achar que isso foi legítima defesa.”

“Exatamente. Aí então, é a defesa ‘Eu não fiz isso’. Neste caso, você usa os fatos que se prestam à exoneração.”

“Como?”

“Infelizmente, não há nenhuma em seu caso. Eles têm testemunhas oculares que viram você em cima do corpo e suas impressões digitais na faca ensanguentada.”

“Então o que nos resta?”

“Bem, há apenas a boa e velha defesa da dúvida razoável. Nós exploramos quaisquer inconsistências: falhas no procedimento da polícia, alguma coisa que possa nos ajudar a argumentar que a População não provou o caso além de uma suspeita fundamentada.”

“Ok. Eu sei isso, mas...”

“Mas nós também não temos nada disso.”

“Então qual é a sua sugestão?”

“Simples, meu rapaz. Esta foi a razão para o charuto. Ele é minha ferramenta demonstrativa.” Ele bateu a cinza no cinzeiro, então sugou o charuto e soltou uma generosa quantidade de fumaça. “Nós vamos encher a bola deles.”

Ah, a defesa de encher a sua bola. Eu me sinto tão mais confiante agora, pensou Brent.

“Claro, nós podemos aceitar o acordo. Alegar homicídio culposo com uma pena de onze anos. Você vai cumprir oito anos.”

“E terei meu registro profissional cassado. Por que este acordo seria vantajoso?”

“A pena obrigatória para assassinato de segundo grau varia de quinze anos à prisão perpétua.”

“Eu escolho a opção número um.”

“Bom. Nós vamos intimidar os dois preguiçosos – que vão dizer que não são obrigados a responder às perguntas, claro. Mas só depois que eu plantar a semente na cabeça dos jurados de que eles são responsáveis pelo assassinato de Bekker, insinuando que eles estão por trás do assassinato de David Marsen, e construir você, o advogado com histórico quase imaculado, como o perfeito bode expiatório.”

Richard continuou, “Isso vai implicar colocar uma ênfase enorme no testemunho dos nossos especialistas.”

“O que seria consistente com meu próprio depoimento.”

“Se eu decidir que você pode depor. Nós não temos defesa, lembra? Você vai testemunhar que um homem mascarado colocou uma arma na sua cabeça e mandou você tirar a faca do corpo, certo?”

“Sim.”

“Um homem mascarado que ninguém que estava lá viu?”

“Sim.”

“Um fantasma, se você quiser.”

“Richard, você deveria estar do meu lado.”

“Eu estou. Eu só estou te dizendo que você vai falar abertamente no interrogatório, no qual você não será capaz de dar uma explicação lógica sobre o surgimento desta aparição nem sobre o seu desaparecimento. Talvez seja melhor apenas lançar o dado da dúvida razoável como parte da defesa de encher a bola e ver se eles aprovam ou retiram a queixa.”

“Você quer dizer a defesa de 'encher a bola com fumaça de maconha'. Eu devo esperar que o júri fique alucinado com a sua exposição.”

Hannaford se levantou e bateu com a sua mão no ombro de Brent. “Eu só posso te garantir uma coisa, meu rapaz. É que eles vão ficar alucinados. Eu darei a eles uma performance como eles nunca viram nem na televisão nem no cinema.”

De volta a seu escritório, Brent não conseguia terminar os preparativos de última hora. Principalmente porque nem tudo estava alinhado para a sua defesa.

“Como está indo o Mágico de Oz, TJ?” perguntou Brent pelo telefone.

“Bem, ele acabou de mandar a Dorothy ir trazer de volta a vassoura da Bruxa Má, mas não se preocupe. Eu acho que nós vamos conseguir alguma coisa.”

“Faltam dois dias para o julgamento. Nós temos que encontrar alguma coisa.”

“Você se lembra da real capacidade do Mágico de Oz, não é, Brent? O espantalho tem um cérebro o tempo todo. Ele apenas precisa aprender como usá-lo.”

CAPÍTULO TRINTA

Enquanto TJ perseguia macacos alados, Brent e Hannaford estavam nas dificuldades finais de preparação do julgamento. Dr. Orozco e Dr. Lawler tinham seu cadáver virtual multifuncional pronto para uma demonstração interativa da única defesa real de Brent, que iria mostrar que ele tinha retirado (mas não tinha empurrado) a faca. Richard passou o fim de semana preparando sua defesa de “encher a bola”.

Brent sonhava com a liberdade e com as praias de areias brancas das Maldivas – qualquer lugar que ele pudesse ir para escapar do que ele pressentia ser a inevitável realidade do encarceramento.

“Eu não tenho mais muita esperança, Angie,” ele confessou.

“Mas, Brent, você é inocente!” ela alegou.

O velho ditado ‘Quem não deve, não teme’ pode ter confortado muito um cidadão cumpridor da lei e era o mantra da aplicação da lei, mas Brent, como um advogado especialista em julgamentos, conhecia as coisas. Ele sabia que a justiça raramente era concedida entre as quatro paredes de uma sala de tribunal. Isso era uma brincadeira de gato e rato, da qual participava uma promotoria que não se importava com quem era o ‘verdadeiro culpado’ desde que as evidências apontavam na direção de Brent. E Richard Hannaford, o melhor advogado de defesa que Brent não tinha dinheiro para pagar (e, de fato, o melhor no condado de Santa Bárbara, se não em todo o estado da Califórnia), não podia pensar em uma defesa melhor do que encher a bola com fumaça.

“Isso é uma fantasia que eles ensinam aos agentes do FBI em Quantico, Angie. Isso é mais do que um desafio para mim.”

Quando eles se despediram no domingo, Brent sentiu um desespero que ele nunca tinha sentido antes. Ele revisou cada anotação, cada descrição e cada pergunta, mas o caso sempre fracassava na defesa a cada vez. Calico pulou para cima do sofá, se colocou em uma posição confortável e começou a ronronar. O ritmo foi acalmando Brent, que se sentia como se estivesse perdendo a cabeça.

O Edifício dos Tribunais da Corte Superior Criminal de Los Angeles recebeu um novo nome longo, mas era o mesmo velho tribunal porcaria que sempre foi. O ‘Centro de Justiça Criminal Clara Shortridge Floy’ era para tratar de assuntos penais e não de justiça. O Departamento 56, no sétimo andar, era o lugar onde Brent passaria suas duas últimas semanas de “liberdade”. O interior das salas de tribunal não tinha mudado muito desde a década de 70. As paredes folheadas de madeira eram pardas e simples. A cadeira do juiz não ficava em um lugar tão alto quanto nos tribunais federais ou mesmo em Santa Bárbara. Podia-se dizer que o condado de Los Angeles estava realmente no meio de uma crise orçamentária ou que certamente ninguém se importava com o que acontecia neste tribunal.

O juiz Theodore Renfrew não tinha uma personalidade fácil, mas Hannaford tinha decidido não desafiá-lo porque ele era muito menos implacável do que os outros que poderiam ser colocados para fazer esta contestação. Ele era um senhor baixo, careca e com um grande nariz vermelho, mas não tão grande quanto o de Hannaford. Cada dia ele usava uma gravata borboleta de cor diferente, que sobressaía nas suas togas pretas. Todos os dias, na abertura da sessão, seu rigoroso escrivão baixinho dizia em voz alta as palavras ritualísticas.

“Todos de pé,” disse o escrivão enquanto o juiz Renfrew entrava por uma pequena porta ao lado da tribuna. “Na presença da bandeira americana e dos princípios pelos quais ela está hasteada, a Corte Superior da Califórnia para o condado de Los Angeles está agora em sessão, presidida pelo respeitável juiz Theodore Renfrew.”

O juiz Renfrew subiu à tribuna e disse: “Bom dia, senhoras e senhores. Por favor, sentem-se,” e o espetáculo tinha começado.

“Nós estamos aqui para o caso *População versus Brent Marks*. Promotor, por favor, relate os acontecimentos.”

“Matthew Brednick em nome da População, Meritíssimo.” Brednick estava com quarenta e poucos anos, mas fadado a passar o resto de sua carreira em um nível intermediário da Promotoria Pública. Ele era um promotor que seguia o manual de conduta, com pouco talento teatral: apenas os fatos (ou a sua visão deles). Com cerca de 1,80 metro de altura e alguns quilos a mais do que ele já deveria ter pesado, ele não poderia ser considerado gordo. Apenas um homem comum fora de forma.

Richard Hannaford se levantou para encarar o juiz e adotou uma postura de estadista, como se ele estivesse se dirigindo ao Congresso americano. “Se isso satisfaz a Corte, Meritíssimo: Richard Hannaford, advogado, comparecendo pelo acusado, Brent Marks, advogado.”

Richard não conseguia falar nada de uma maneira simples. Ele sempre tinha que usar o seu talento teatral, mesmo que fosse para dizer apenas “oi”.

“Obrigado, senhores. O escrivão da Corte vai chamar o primeiro grupo de prováveis jurados.”

Este juiz não perdia tempo com o protocolo. O grupo, uma mescla de negros, americanos de origem mexicana e alguns brancos, entrou e as pessoas sentaram em seus lugares na galeria. O escrivão sorteou os primeiros doze nomes e eles se sentaram na área reservada aos jurados.

Brent se sentou quase imóvel na mesa do advogado, perto de Hannaford, que ouvia atentamente a cada resposta dada pelos possíveis jurados, procurando por tendências e preconceitos. Não ajudava que ele tivesse um advogado como cliente. As pessoas geralmente não se importam muito com advogados. Eles são muito pomposos, muito indiferentes e utilizavam muitas palavras.

“Você está comigo?” ele perguntou a Brent durante o intervalo feito na metade da avaliação dos prováveis jurados.

Brent levantou os olhos dos desenhos de nuvens feitos no seu bloco pautado de anotações. “Sim.”

“Você não está me passando nenhuma observação sobre os jurados.”

“Você está indo bem, Richard. Vá em frente.”

“Brent, por favor, você pode pelo menos tentar parecer inocente na frente dos jurados?”

“O que?”

“Você está parecendo um homem condenado indo para a forca.”

“É assim que eu me sinto.”

“Bem, não faça disso uma profecia que se cumpriu. O júri capta cada sutileza do seu comportamento.”

“Richard, eu sei. Eu fui um advogado especialista em julgamentos por mais de 25 anos.”

“Sim, e é por isso que você deveria saber como a sua aparência é tão importante como todo o resto – especialmente em uma defesa de encher a bola.”

“Desculpe, Richard.”

“Pareça inocente. Tenha esperança.”

“Está bem.”

“E lembre-se...”

“O que?”

“Até O.J. Simpson foi absolvido.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

No final do processo de avaliação dos prováveis jurados, o júri terminou com a seguinte formação: seis homens negros (dois mecânicos de automóveis, um gerente de restaurante e dois supervisores da AT&T), duas mulheres brancas aposentadas dos Correios e quatro homens brancos (um físico, um contador da Price Waterhouse, um representante de vendas da indústria farmacêutica e um executivo de uma indústria local).

“Não é uma composição ruim. Nós temos uma boa possibilidade de estimular pelo menos oito cérebros emotivos,” declarou Richard, o que significava que os homens brancos não estavam propensos a votar a favor de um veredito de defesa sem uma discussão, mas eles poderiam ser capazes de dobrar o júri se pudessem convencer os outros. Na composição do júri, um advogado tinha que pragmaticamente simular ser racista, atribuindo hipóteses para cada jurado potencial de acordo com as suas aparências.

“Sr. Brednick, o senhor pode fazer sua intervenção inicial,” declarou o juiz.

“Obrigado, Meritíssimo,” disse Brednick enquanto ele arrumava a sua gravata, se levantava e se aproximava do suporte para papel que tinha sido colocado em frente ao lugar reservado ao júri.

“Senhoras e senhores, este é um caso muito simples e não será muito difícil acompanhar. O acusado, Sr. Marks que aqui está, foi denunciado por assassinato de segundo grau. A População tem o ônus de demonstrar, acima de qualquer dúvida fundamentada, os seguintes aspectos: Primeiro, que o Sr. Marks provocou a morte de David Marsen. Segundo, que ele tinha a intenção de matar o Sr. Marsen, que as consequências naturais e prováveis de seu ato eram perigosas para a vida humana e que ele tinha consciência disso. E terceiro, que o homicídio ocorreu sem desculpa ou justificativa legal. Eu simplesmente irei expor as evidências que a População pretende apresentar, que irão demonstrar aos senhores que todos estes elementos estão presentes.”

“Em primeiro lugar, nós chamaremos o detetive Antônio, que irá testemunhar sobre os elementos do crime encontrados no local e como eles foram preservados e catalogados. Ele irá testemunhar que a faca foi encontrada no local do assassinato pelos policiais do Departamento de Polícia de Los Angeles e que o Sr. Marks também estava no local do assassinato próximo ao corpo do Sr. Marsen. Nós chamaremos um perito em impressões digitais, que irá testemunhar que as impressões digitais do Sr. Marks foram encontradas na faca. E o médico legista irá testemunhar que a causa da morte foi um rompimento da artéria renal causado por um ferimento de faca e que o sangue na faca encontrada no local corresponde ao sangue da vítima.”

“Por fim, nós chamaremos testemunhas oculares que estavam no local, que irão testemunhar que viram o Sr. Marks segurando a faca ensanguentada enquanto ele permanecia ao lado do cadáver da vítima. O Sr. Hannaford irá alegar que todas estas evidências foram circunstanciais, mas eu tenho certeza que, quando os senhores ouvirem tudo, os senhores não terão nenhuma dúvida fundamentada que foi Brent Marks quem provocou a morte de David Marsen. E que ele fez isso com uma faca – um perigoso instrumento de morte e grandes danos corporais. Qualquer um só pode deduzir que o acusado conhecia as perigosas consequências para a vida humana que o seu uso resultaria e que não há desculpa ou justificativa legal para o homicídio, como a legítima defesa.”

“O Sr. Marsen estava desarmado e estava, de fato, sendo perseguido e procurado pelo Sr. Marks antes do esfaqueamento. Senhoras e senhores, todas as evidências físicas apontam para um único autor deste crime hediondo, e ele é o Sr. Brent Marks,” disse Brednick enquanto ele apontava seu dedo gorducho para Brent.

Brent olhou para Hannaford em desespero.

“Lembre-se, a sua única participação aqui é não parecer culpado,” sussurrou Richard enquanto ele colocava sua mão no ombro de Brent, se levantava e olhava convictamente para o júri. Hannaford avançou a passos largos até a tribuna como se ele fosse o presidente dos Estados Unidos se perguntando por que a corte não estava saudando ‘Viva o Chefe’. Ele colocou suas mãos nas laterais do suporte para papel e olhou no fundo de cada par de olhos no júri.

“Bom dia, senhoras e senhores. Eu tenho certeza que todos já viram a estátua de Justitia, a deusa da Justiça. Ela é a senhora com venda nos olhos, segurando a balança da justiça em sua mão. Por que ela está vendada, os senhores podem perguntar? Porque a justiça tem que ser cumprida objetivamente, sem medo ou favor, independente de dinheiro, poder ou identidade, e com imparcialidade. Por isso a expressão *justiça cega*.”

Hannaford se virou para o quadro negro. Era hora de apresentar e falar. Ele escreveu três frases: Presunção da Inocência, Provas Documentais e Provas Circunstanciais. Ele jogou o giz na moldura de baixo do quadro, limpou suas mãos e se virou novamente para o júri.

“Senhoras e senhores, o Sr. Marks veio a este tribunal coberto com a presunção da inocência,” disse Hannaford, apontando para a frase ‘Presunção da Inocência’. “Ele deve permanecer coberto de inocência e considerado não culpado por cada um dos senhores até que o último elemento de prova seja apresentado. A menos que a promotoria seja capaz de provar a cada um dos senhores, passando de uma dúvida fundamentada para uma convicção duradoura, que cada um dos elementos do crime foi cometido, é sua obrigação solene absolvê-lo.”

“As duas outras expressões são essenciais para suas obrigações juramentadas neste caso, senhoras e senhores. ‘Provas Documentais’ é quando se tem uma testemunha ocular que diz ‘Eu vi tudo que aconteceu!’” disse Richard, com seus braços esticados para o teto.

“Seu trabalho, sob estas circunstâncias, é ponderar a credibilidade desta testemunha e avaliar o seu depoimento. Entretanto, neste caso, não há ninguém que venha até aqui dizer, ‘Eu vi o que aconteceu’. Por que? Porque *ninguém* viu o que aconteceu. Todas as evidências que meu estimado colega, o promotor, irá apresentar serão circunstanciais. Prova circunstancial é prova que não pode comprovar diretamente a definição de um fato. É uma evidência de outro fato ou grupo de fatos a partir do qual se pode logicamente inferir a presença do fato em questão.”

“Deixe que eu lhes diga uma coisa sobre o perigo da prova circunstancial. Eu me lembro dos biscoitos com pedaços de chocolate que a minha mãe costumava fazer. Depois que ela os tirava do forno, ela os colocava em uma tábua em cima da bancada da cozinha para esfriar. Era a melhor hora para comê-los, quando estavam gostosos e quentes. Os senhores sabem, quando eles ainda estão um pouco moles e os pedaços de chocolate ainda estão derretidos. Um dia eu não pude resistir. Subi em uma cadeira para alcançar a bancada e comi todos os biscoitos. Mas isso não começou assim. Primeiro eu comi um e depois outro. Eles estavam tão deliciosos que antes que eu finalmente percebesse, só tinha sobrado um. Então, claro, eu comi o último também. Eu ouvi minha mãe se aproximando, entrei em pânico e, sem querer, deixei a tábua cair no chão. Claro que o cachorro tinha observando o meu plano nefasto o tempo todo. Quando a tábua bateu no chão, ele começou a lambê-la. Bem, eu não preciso lhes dizer que, quando minha mãe entrou na cozinha e viu o cachorro lambendo a tábua, ele levou a maior surra da vida dele.”

“Por que eu estou lhes contando esta estória? Porque antes que os senhores confiem em provas circunstanciais para considerar que o acusado é culpado, é de importância vital que os senhores estejam convencidos que a População provou cada fato essencial além da dúvida fundamentada. Existem muitas

possibilidades para cada grupo de fatos apresentados. Só existem três pessoas que sabem o que realmente aconteceu naquele dia na Olvera Street: o Sr. Marks, o Sr. Marsen (que está morto e não pode lhes contar o que aconteceu) e o verdadeiro assassino.”

Hannaford fez uma pausa e olhou para o júri, esperando para aprofundar quando Brednick contestou: “Argumentativa!”.

“Meritíssimo, nós estamos apenas esboçando as evidências que nós pretendemos trazer para o caso. Sendo assim o Sr. Marks dirá ao júri, sob juramento, o que realmente aconteceu.”

Este ponto reforçado de Hannaford para o júri fez Brednick se arrepender do seu protesto.

“Rejeitado. Por favor, siga Sr. Hannaford.”

“Obrigado, Meritíssimo. Senhoras e senhores, o Sr. Marks não tem obrigação de testemunhar neste caso. A promotoria tem o ônus da prova de cada elemento do suposto crime além da dúvida fundamentada. Entretanto, o Sr. Marks quer contar aos senhores o que realmente aconteceu e ele fará o relato sobre um esquema de assassinato por encomenda em que o Sr. Marsen, o falecido, estava envolvido. Nós vamos chamar os parceiros do Sr. Marsen, que conspiraram com Marsen para contratar um pistoleiro pela Internet para matar o cliente do Sr. Marks, Allen Bekker. Ele era um divulgador de ações de empresas que eles acusavam de fraude e cujo testamento eles requereram para recuperar as perdas que tiveram, antes que o Sr. Marks revelasse que a morte do Sr. Bekker foi um assassinato.”

“O próprio Sr. Marks irá testemunhar que ele reconheceu o Sr. Marsen, que o estava perseguindo no tribunal no fatídico dia em que ele perdeu sua vida. O Sr. Marks tentou falar com ele, mas Marsen saiu correndo da sala do tribunal e Marks foi atrás dele, apenas para conversar. Quando ele finalmente encontrou Marsen na Olvera Street, os dois discutiram. Entretanto, esta discussão foi abruptamente encerrada por um assassino mascarado que esfaqueou Marsen pelas costas e obrigou o Sr. Marks, colocando uma arma na sua cabeça, a retirar a faca para incriminá-lo pelo assassinato. O agressor fugiu e as testemunhas viram o resultado, o que é consistente com a versão dos fatos do Sr. Marks.”

“Nós então chamaremos o Dr. Orozco, um médico legista independente, e o Dr. Kevin Lawler, um especialista em reconstituição de acidentes, armas e impressões digitais. Eles irão demonstrar que as evidências físicas são consistentes com a retirada da arma pelo Sr. Marks, mas *não* são consistentes com ele ser a pessoa que enfiou a faca no corpo de David Marsen. Quando os senhores tiverem ouvido todas as evidências, os senhores não terão outra alternativa a não ser absolver o Sr. Marks de todas as acusações neste caso.”

Hannaford olhou para o júri como se o seu trabalho estivesse terminado. Eles estavam livres para dar seus votos de ‘inocente’ agora. E a verdade era que muitos deles provavelmente já tinham se decidido. Brent sussurrou para Hannaford, “A estória de sua mãe e dos biscoitos é verdadeira?”.

“Hum, não. Licença poética. Eu apenas achei que se encaixava bem.”

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Brednick chamou o detetive Javier Antônio para ficar de pé. Antônio foi o primeiro policial sênior que chegou ao local e quem ficou encarregado de proteger as evidências de adulteração. Isso não seria surpresa aqui. O detetive testemunhou que ele chegou ao local do crime e encontrou os policiais Branley e Davidson, que tinham cercado a cena com fita amarela e detido Brent e as testemunhas oculares. Antônio pegou o depoimento das testemunhas, prendeu Brent, leu para ele os seus direitos e o levou em custódia. Ele também esperou pelo médico legista, que realizou um exame do corpo e o removeu para autópsia.

Os fotógrafos da polícia, sob a supervisão de Antônio, tiraram fotografias detalhadas de Brent, de suas roupas ensanguentadas, da faca ensanguentada e da cena violenta onde o corpo morto de David Marsen estava deitado. Fotografias sinistras do corpo e de Brent com suas roupas cobertas de sangue foram passadas perante os olhos do júri e reconhecidas como evidências. As mulheres do júri fizeram caretas de horror, enquanto os homens desviavam seus olhos da carnificina. Brednick levantou a arma do crime em frente ao júri quando ela foi reconhecida por Antônio. Tudo era feito segundo as instruções do manual. Este seria um caso perfeitamente óbvio até Richard Hannaford abrir sua boca para fazer o interrogatório.

“Detetive Antônio, o senhor não estava na cena do crime na hora em que ele ocorreu, estava?”

“Não, não estava.”

“Então o senhor não pode nos dizer se foi Brent Marks ou um agressor anônimo quem matou o Sr. Marsen, pode?”

“Eu sei que as impressões digitais...” começou Antônio, mas foi interrompido por Hannaford.

“Protesto, Meritíssimo! Falta de fundamento!”

“Advogados, vejam até aqui,” determinou o juiz.

Ao se aproximar, Hannaford argumentou: “Meritíssimo, esta testemunha não é qualificada para testemunhar sobre as impressões digitais encontradas na faca e, desde que ele realmente não viu o assassinato, ele está desqualificado para formar uma opinião sobre quem cometeu o ato.”

“Meritíssimo, é evidente quem fez isso. Este homem chegou até o local, Marks estava coberto de sangue e a faca estava sob seu domínio,” alegou Brednick.

“Sim, há uma evidência nisso. Isto é um interrogatório, Sr. Brednick, e eu concordo com o Sr. Hannaford.”

Hannaford sorriu de orelha a orelha, enquanto voltava de maneira confiante para a mesa do advogado. Ele parecia o “Curinga” do Batman.

“Meritíssimo, se isso agrada à Corte, eu vou reformular a pergunta. Detetive Antônio,” disse Hannaford, olhando primeiro para o júri e depois direto nos olhos do detetive. “O senhor não pode nos dizer se foi Brent Marks ou um agressor desconhecido que matou o Sr. Marsen, pode?”

Antônio, com um olhar em seu rosto que indicava que ele tinha sido obrigado a engolir um sapo, disse, “Não”.

Hannaford se virou para o júri e olhou para eles para reforçar, repetindo a resposta de Antônio: “Não. Obrigado, detetive. Não tenho mais perguntas, Meritíssimo,” disse Hannaford e se sentou.

Em seguida Brednick chamou as testemunhas oculares: uma senhora idosa de Des Moines, Iowa, e uma família de turistas italianos, que todos testemunharam que tinham visto Brent em pé ao lado do cadáver de David Marsen. Hannaford interrogou cada um deles na verdadeira maneira de “encher a bola”.

“A População chama Samuel Martin.”

Samuel Martin era um turista de 42 anos de New Jersey que estava de férias com sua família e tinha testemunhado o terrível desfecho do assassinato de David Marsen. Ele era ao mesmo tempo sincero e confiável.

“Sr. Martin,” perguntou Brednick. “Por favor, o senhor poderia descrever o que o senhor viu e ouviu no dia em questão?”

“Sim. Eu tinha acabado de comprar alguns feijões saltadores para as crianças em uma barraca de souvenir quando eu ouvi um alvoroço vindo do beco ao lado. Eu disse para a minha esposa tomar conta das crianças e corri até lá.”

“E o que o senhor viu quando chegou lá?”

“Eu vi este homem,” ele disse, apontando para Brent. “Ele estava em pé ao lado do corpo ensanguentado de um homem que parecia morto e ele segurava uma faca em sua mão.”

“O senhor tem certeza que era este homem, Sr. Brent Marks?” perguntou Brednick, apontando para Brent.

“Sim, eu estava a apenas 5 metros dele.”

Brednick foi até a mesa das provas e pegou a faca.

“Esta se parece com a faca que o senhor viu?”

“Sim, mas quando eu a vi, ela estava coberta de sangue.”

“Coberta de sangue,” repetiu Brednick, olhando para os jurados, que tinham seus olhos fixos na testemunha. Nenhum detalhe deste depoimento escapou de qualquer um deles.

O juiz Renfrew já tinha julgamento suficiente para um dia e declarou, “Senhores, agora são 16h55 e eu pretendo suspender por hoje”.

Brednick teve uma sincronização excelente. Ele tinha chamado suas testemunhas fora da ordem e esta seria a história de horror que os jurados não seriam capazes de tirar de suas cabeças quando se deitassem e ficassem se revirando em suas camas.

Hannaford, não querendo que Brednick ou sua testemunha tivesse a última palavra, insistiu: “Meritíssimo, eu tenho somente uma pergunta neste interrogatório”.

“Então o senhor pode prosseguir, Sr. Hannaford.”

“Sr. Martin, é verdade que o senhor não viu o Sr. Marks, o acusado, esfaquear a vítima?”

“Sim, é verdade.”

O ponto da pergunta de Hannaford deveria ter sido esclarecido, mas a única imagem que o júri deveria levar para casa com eles daquele dia seria Brent Marks, com roupas ensanguentadas, em pé ao lado de um cadáver ensanguentado com uma faca que também pingava sangue. Mesmo Clarence Darrow não poderia ter desprezado isso.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Thomas Albertson, o advogado adversário de Brent no processo federal, foi chamado. Ele testemunhou que Brent percebeu alguém nos fundos da sala do tribunal e correu atrás dele. No interrogatório, Hannaford seguiu uma linha de questionamento sem se desviar dela.

“Sr. Albertson, o senhor tem sempre oportunidade de comparecer à corte federal na Spring Street, 210 em Los Angeles?”

“Sim, eu tenho.”

“Aproximadamente quantas vezes por ano o senhor estima que comparece a este tribunal de justiça?”

“Ah, eu diria que pelo menos uma vez por semana. Não menos do que isso.”

“Então em aproximadamente 52 vezes o senhor compareceu àquele tribunal de justiça e em cada vez, não importando a sala de tribunal, o senhor primeiro foi obrigado a passar pelo posto de segurança na entrada principal, que é monitorado pela Polícia Federal, certo?”

“Sim.”

“E neste posto de segurança o senhor tira o seu cinto, seus sapatos, seu paletó e os coloca em um recipiente para rastreamento de raios-X, certo?”

“Sim.”

“E o senhor esvazia seus bolsos e coloca todo o conteúdo em um recipiente para rastreamento, certo?”

“Sim.”

“E o senhor retira todos os seus aparelhos eletrônicos de qualquer tipo de sua pasta e também os coloca em um recipiente, certo?”

“Sim.”

“E a sua pasta, assim como todos os outros itens que eu lhe perguntei, passam por uma máquina de raios-X observada por um policial sentado em frente a ela, certo?”

“Sim.”

“É um milagre eles não pedirem para o senhor tirar todas as suas roupas e caminhar pelado, não é, Sr. Albertson?”

Algumas risadinhas vieram do júri. Albertson franziu sua testa e parecia desconcertado. Brednick contestou a pergunta como argumentativa.

“Retire a pergunta, Meritíssimo.”

Hannaford andou até a mesa de provas e pegou a faca, mostrando para o júri e para a testemunha.

“O senhor nunca seria capaz de passar pelo posto de segurança com isso, seria, Sr. Albertson?”

“Protesto! Solicitação para especulação! Argumentativa!” exclamou Brednick.

“Eu acho que não!” Hannaford retrucou.

“Eu vou rejeitar a contestação, mas eu acho que o senhor já demonstrou seu ponto de vista, Sr. Hannaford. Vamos seguir em frente,” disse o juiz.

“É só isso, Meritíssimo. Sem mais perguntas.”

O médico legista, Dr. Elias Hale, foi chamado ao local das testemunhas e não houve surpresas. Ele testemunhou que a causa da morte foi uma facada nas costas que tinha perfurado a artéria renal. Ele

atestou que o ferimento foi de aproximadamente 15 centímetros. Quando perguntado para comparar a faca com o ferimento, ele atestou que o ferimento era compatível e que poderia ter sido feito por aquela faca.

“Dr. Hale, o senhor atesta que o senhor não pode concluir que, dentro de certo nível de segurança médica e comparando a lâmina desta faca com o ferimento, foi *esta* faca que provocou o ferimento fatal?” perguntou Hannaford, segurando a faca.

“Pelo fato do sangue da vítima estar na faca, eu concluí que foi esta faca que causou os ferimentos fatais.”

“Solicito a anulação como não adequada, Meritíssimo. Esta é uma pergunta para o júri.”

“A resposta está anulada. O júri vai desconsiderá-la. Por favor, responda a pergunta, doutor.”

“Eu não posso dizer pela minha análise do ferimento e da lâmina desta faca que foi esta faca que provocou o ferimento fatal, apesar da lesão ser condizente com o trauma que seria causado por uma faca deste tipo.”

“Obrigado, doutor. Então o senhor não fez a correlação dos ferimentos com a lâmina desta faca com nenhum tipo de imagem médica, como uma tomografia computadorizada ou uma ressonância magnética?”

“Não, eu não fiz. Não havia motivo para isso.”

“Solicito a anulação depois de ‘Não, eu não fiz’, Meritíssimo.”

“Concedido. A resposta será válida até ‘Não, eu não fiz’ e o júri irá desconsiderar tudo depois disso.”

“Doutor, pelo seu exame do ferimento, o senhor não poderia dizer que, em sua opinião, a trajetória da arma que causou esta fatalidade foi vertical e para cima?”

“Eu poderia.”

“Então seria condizente que a retirada da arma tivesse sido um movimento vertical e para baixo, certo?”

O médico pensou por um momento e então respondeu, “Sim”.

Brednick depois chamou Norman Jacobson, um técnico de laboratório forense do condado de Los Angeles, que testemunhou que as impressões digitais na faca, tiradas depois da sua prisão, correspondem às de Brent Marks e também às do cadastro da Secretaria de Segurança da Califórnia. Ele também testemunhou que o sangue na faca, assim como nas roupas de Brent, correspondia ao da vítima.

“Sr. Jacobson,” perguntou Hannaford. “o senhor não comparou a faca com o ferimento fatal, certo?”

“Certo, eu não fiz isso.”

“E pelo exame das impressões digitais que o senhor fez na faca, o senhor não pode dizer se elas foram decorrentes da faca ter sido enfiada na vítima ou retirada dela, certo?”

Jacobson juntou seus dedos e encostou em seu queixo.

“Não, eu não posso dizer se as impressões digitais foram da faca sendo enfiada na vítima, retirada *ou ambas*,” respondeu Jacobson. Hannaford olhou para Brent e sorriu.

Brednick chamou John Slevish (o CEO do Hotstocks.co e do Attorney.net) para a tribuna. Ele testemunhou que Marsen colocou mensagens nos dois sites com o pseudônimo de “Feto Abortado,” e reconheceu como prova cada peça de lixo difamatório que ele sempre postou sobre Brent.

Inescrupuloso Marks perde ação judicial. Outra maior está por vir.

Brent Marks é um crápula, trapaceiro e um advogado sem ética. Ah, eu também contei que ele é um trapaceiro? Apenas minha humilde opinião, AMHO.

Brent abaixou a cabeça. Ele não aguentava ver ou ouvir isso tudo isso de novo em tempo real.

“Levante a cabeça, garoto,” sussurrou Hannaford. “Pareça digno, pareça inocente.”

Marks é um ladrão.

Depois da destruição da reputação, o juiz perguntou, “Sr. Hannaford, quer interrogar?”.

“Sem perguntas, Meritíssimo.”

Hannaford não queria incutir o depoimento nos cérebros dos jurados.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Ao final do terceiro dia de julgamento, Brednick tinha cumprido com todas as promessas que ele tinha feito para o júri. A População tinha demonstrado que as provas apontavam para mais ninguém além de Brent como o assassino. O promotor tinha cumprido o seu ônus da prova. Não havia mais nada para o júri fazer além de assistir à encenação inventada feita por Richard Hannaford e, quando o show terminasse, condenar Brent Marks por assassinato.

“A População concluiu seu trabalho, Meritíssimo.”

“Sr. Hannaford, o senhor pode chamar sua primeira testemunha.”

“Obrigado, Meritíssimo. A defesa chama o agente aposentado do FBI Jack Ruder.”

Jack, vestindo seu tradicional terno cinza de detetive, fez o juramento e se sentou na cadeira da testemunha. Hannaford o apresentou ao júri como ex-policial do Departamento de Polícia de Los Angeles e agente de carreira do FBI.

“Agente Ruder, por favor, o senhor poderia descrever o trabalho que realizava no FBI?”

“Protesto, Meritíssimo, por esta caracterização da testemunha como um agente do FBI.”

“Mantido.”

Hannaford fingiu indignação.

“Agente *aposentado* do FBI Ruder, por favor, o senhor poderia descrever o trabalho que realizava no FBI?”

“Claro. Eu dediquei 21 anos ao FBI como agente especial no escritório de Los Angeles, sendo que os últimos 10 anos foram na Divisão de Crimes Violentos.”

“E que tipo de trabalho o senhor fazia na Divisão de Crimes Violentos?”

“Como o nome sugere, eu investigava todos os tipos de crimes violentos. Eu também acompanhei muitos grupos de trabalho de assassinato em série, incluindo o caso Caçador da Noite.”

“Então este não é o primeiro caso de assassinato que o senhor é chamado para testemunhar, não é?”

“Claro que não.”

“Quantos casos de assassinato o senhor poderia dizer que já investigou?”

“Muitos. Eu diria que centenas.”

“E o senhor investigou a morte de David Marsen, a vítima deste caso?”

“Investiguei.”

“Por favor, resuma as conclusões da sua investigação.”

“Nossa investigação se concentrou em todos os possíveis suspeitos que tinham motivo para matar o Sr. Marsen. Isso incluiu Myron Talbot, que também postou mensagens nos sites Attorneys.net e Hotstocks.co com o pseudônimo de ‘Buscador da Verdade,’ e Jeremy Williams, que postou mensagens nos mesmos sites com o pseudônimo de ‘Detetive da Bolsa.’”

Jack identificou as postagens de Talbot e Williams, assim como as postagens interativas entre eles e Marsen.

“Trabalhando com os detetives da polícia de Los Angeles, eu também acompanhei a investigação de um esquema de conspiração de assassinato por encomenda no qual a vítima era suspeito, assim como Talbot e Williams. Os discos rígidos de Talbot e Williams foram confiscados pelo FBI juntamente com

um mandado de busca e depois entregues para o Departamento de Polícia de Los Angeles, que autorizou que o nosso especialista em computadores, Timothy Jones, os analisasse.”

“O senhor percorreu a pé o percurso entre o tribunal de justiça federal, na Spring Street, 312, até a Olvera Street, onde o corpo do Sr. Marsen foi encontrado?”

“Percorri.”

“Qual a distância aproximada?”

“Usando um aparelho de GPS Garmin 301, eu medi 700 metros.”

“Quanto tempo o senhor levou para andar até lá?”

“Em um ritmo médio, foram aproximadamente sete minutos.”

“E o senhor calculou o tempo se fosse correndo?”

“Eu também fiz o percurso correndo levemente e levei menos que cinco minutos.”

“Então, se o senhor estivesse perseguindo um sujeito, correndo, o senhor teria tempo para parar no meio do caminho, no seu carro, por exemplo, pegar uma faca e depois continuar a correr atrás do sujeito?”

“Protesto! Apelos para especulação!”

“Retiro a pergunta, Meritíssimo. Agente aposentado Ruder, o senhor investigou os coconspiradores suspeitos do Sr. Marsen no esquema de assassinato por encomenda que o senhor descreveu?”

“Investiguei.”

Jack continuou a descrever a investigação de assassinato por encomenda de Talbot e Williams, o site Erasure.onion e o infame “Fantasma.”

“E como parte desta investigação, o senhor entrevistou o suspeito, Jeremy Williams?”

“Entrevistei.”

“Quais foram os resultados da sua investigação sobre o Sr. Williams?”

“O Sr. Williams envolveu o Sr. Marsen, Gerald Finegan e Myron Talbot no esquema de assassinato por encomenda.”

“Protesto: boato!”

“Meritíssimo, nós podemos nos aproximar?” perguntou Hannaford, e ele e Brednick chegaram perto do juiz.

“Sr. Hannaford, isso é um boato.”

“Meritíssimo, de acordo com o parágrafo 1350 do Código de Evidências da Califórnia, eu não creio que possa haver alguma controvérsia sobre a vítima ser uma testemunha inacessível.”

“Talvez não, mas o senhor mesmo sinalizou que pretende chamar o Sr. Williams como testemunha, não foi?”

“Sim, Meritíssimo.”

“Então eu vou manter o protesto, a não ser que o senhor apresente provas de que o Sr. Williams também é inacessível.”

“Meritíssimo, o advogado do Sr. Williams, em resposta à intimação, sinalizou que ele não deveria comparecer e está reivindicando sua prerrogativa de não incriminar a si próprio, conforme a quinta emenda da Constituição americana.”

“Neste caso, o protesto está rejeitado.”

Quando os dois advogados retornaram, Jack apresentou a gravação que ele tinha feito do depoimento de Williams, no qual ele contou todos os seus segredos.

Jeremy Williams de repente acordou e olhou para o relógio. “3h40 da manhã! Que merda!” ele disse para si mesmo. O quarto estava muito gelado, como se alguém tivesse ligado o ar condicionado. “Isso é impossível! Judy e as crianças estão na casa da mãe dela.”

“Olá, Sr. Williams.” Uma voz estranha, encoberta pela escuridão, vinha do canto do quarto.

Vários jurados reagiram àquela voz assustadora, como se estivessem assistindo a um filme de terror.

Williams pulou da cama com seu coração palpitando. “Quem está aí? Eu apertei o alarme!”

“Deixe disso, Sr. Williams. O senhor não acha que eu sei como desarmar um simples sistema?”

Williams alcançou a luz na mesinha de cabeceira.

“Nada de luzes, Sr. Williams. Eu não posso ser visto por ninguém.”

“Quem é você?”

“Você não sabe?”

Williams pensou por um segundo e depois reconheceu quem poderia ser.

“Você é...?”

“Sim, Sr. Williams. Tudo tem que ser mantido em absoluto segredo. É assim que nós garantimos sigilo. Eu nunca posso ser visto. Esta é a regra principal.”

“Qual o próximo passo?”

“Primeiro, eu tenho que definir se eu vou pegar este caso. Eu nunca tive um grupo de clientes antes nem nenhuma solicitação especial como você e os seus amigos querem. Se eu decidir aceitar vocês, eu entrarei em contato com outras instruções. A propósito, o valor é 40 mil dólares. Eu acrescentei um extra de 10 mil por sua solicitação, apesar de que isso parece divertido.”

“Como eu vou saber se você aceitou o caso?” Williams perguntou, mas não teve resposta – somente silêncio. Ele esperou com medo, sem se atrever a sair da sua cama por longos quinze minutos, até ter certeza que estava novamente sozinho.

Hannaford voltou para a mesa do advogado e deu uma piscadela reservada para Brent. Ao final do dia, ele tinha feito uma apresentação impressionante, como sempre, mas aqueles sentimentos de desespero e impotência tinham voltado para a alma de Brent.

O juiz advertiu os jurados para não conversarem com ninguém sobre o caso, agradeceu pelo serviço deles e suspendeu o julgamento durante o fim de semana, deixando Brent, apesar do encorajamento de Hannaford, com a sensação de que tudo estava totalmente perdido.

“Coragem, meu garoto. Nós estamos indo para a reta final,” disse Richard, enquanto dava um tapinha nas costas de Brent.

“É disso que eu tenho medo. Não me leve a mal, Richard: você é o melhor. Mas nós precisamos de um milagre.”

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Brent deu um beijo de boa noite em Angela, que lhe pareceu ser a última vez, e foi para casa fazer suas preparações de última hora para o fim do julgamento que iria marcar o mais importante – e mais infame – momento decisivo de sua vida. Ele evitou todas as notícias e eventos corriqueiros, que pareciam estar repletos de boatos sobre o julgamento por homicídio do advogado de Santa Bárbara Brent Marks. Enquanto ele olhava atentamente as linhas gerais do julgamento e os sumários das provas, a gata tentava ajudar abanando seu rabo no nariz dele e batendo nas bordas do papel. Sua mente deu um branco e imagens da vida na prisão por um longo tempo da melhor parte do resto de sua vida começaram a aparecer e a monopolizar seus pensamentos, transformando eles de cinza em preto. Depois de ficar deprimido por algumas horas, tudo em que ele podia pensar era afogar o desespero que morava dentro dele com tequila – misturada com alguma coisa ou pura. Então Brent Marks, o antigo defensor das causas perdidas que tinha se transformado em figura pública sem direito à privacidade (e em breve reduzido a um famoso assassino), afogou suas mágoas no seu terraço virado para o porto de Santa Bárbara com todos os líquidos disponíveis no seu armário de bebidas.

A voz sensata da lógica se tornou obscura e estúpida e quase desapareceu. Em seu lugar, a fera irracional apenas com o entusiasmo por prazeres simples e pensamentos que contrariavam toda a lógica começou a disputar com alguém debilitado e sensato.

Isso não é justo! Eu não matei Feto Abortado!

Ser justo é irrelevante. Esta é a lei – não tem nada a ver com justiça.

Tem que ter uma saída – tem que ter!

Sempre tem uma saída – mas nem todas elas são sempre legais.

Hmmm.

Sábado foi um borrão que se virou sozinho para clarear até o anoitecer, quando a realidade nua e crua se estabeleceu novamente. Então, de manhã cedo no domingo, Brent se viu dirigindo em direção ao norte pela costa cantarolando ‘Mrs. Robinson’. “Dee dee dee dee dee dee dee dee dee dee dee, doo doo doo doo doo doo doo doo.”

Depois de passar por Buellton, ele começou a cantar ‘Do You Know the Way to San Jose’ enquanto continuava correndo em direção ao norte, movido por uma força interior que ele desconhecia e que se recusava a aceitar que ele estava a uma semana de ser condenado por um assassinato que ele não tinha cometido.

*Do you know the way to San José? I’ve been away so long, I may go wrong and lose my way...**

*NT: Você conhece o caminho para San José? Eu estive fora tanto tempo, eu posso errar e perder meu caminho...

As belas colinas com bosques de carvalho deram lugar à pitoresca cidadezinha de San Luis Obispo – ainda Main Street USA e porta de entrada para a rodovia Highway One, cujo percurso foi traçado pelo litoral deslumbrante do Pacífico até o final em Monterey e de Santa Cruz até San Francisco. Mas Brent

não tinha tempo para passeios turísticos. Ele parou para ir ao banheiro e comprar seu café da manhã, um muffin e um copo de café para levar, e logo se dirigiu diretamente para a rodovia 101.

*I'm going back to find, some peace of mind in San José...**

Pelas terras agrícolas de Salinas Valley – do livro “As Vinhas da Ira” de John Steinbeck – a mente de Brent vagava. Ele sabia que era sempre melhor ter um plano, ou pelo menos uma dica, quando você começava a fazer alguma coisa. Mas neste caso, ele ainda não sabia o que esta coisa seria.

*With a dream in your heart you're never alone...***

**NT: Eu vou voltar a encontrar alguma paz de espírito em San Jose...*

***NT: Com um sonho em seu coração você nunca está sozinho...*

Brent chegou a San José assim que o sol anunciava que passava do meio-dia e continuou sua jornada em direção ao norte até Milpitas, finalmente chegando à frente da casa de Myron Talbot. Ele saiu de seu carro com as pernas dormentes por causa da longa viagem, foi direto até a porta da frente e bateu, ainda sem um plano a não ser ter ligado o mini gravador que estava no bolso direito de seu casaco.

“Quem está aí?” ele ouviu de dentro enquanto o gravador funcionava.

“Entrega para Myron Talbot,” respondeu Brent.

Talbot abriu a porta, parecendo que tinha acabado de sair da cama, vestindo uma camiseta branca manchada.

“O que é esta entrega?”

“Eu vim trazer más notícias,” disse Brent.

Talbot imediatamente empurrou a porta para fechá-la, mas Brent impediu com seu pé e empurrou ela para trás, entrando no refúgio de Talbot e quase jogando ele no chão.

“Você – você é o advogado!” exclamou Talbot.

“Isso mesmo. E você é o cafajeste que contratou um pistoleiro para assassinar Allen Bekker. Este problema é seu, não meu!” Brent disse enquanto andava na direção de Talbot e o empurrava para a sala de estar.

“O que, o que você vai fazer?”

“Eu ainda não decidi. Você tem algumas facas na cozinha?”

Talbot recuou horrorizado.

“O que você acha de nós conversarmos primeiro?” perguntou Brent, colocando seu braço no ombro de Talbot e forçando ele para baixo no que deveria ter sido a sua cadeira favorita até aquele momento.

“Eu não vou conversar com você. Eu tenho o direito de permanecer em silêncio.”

“Para mim você não tem. Você vai falar,” Brent disse enquanto mexia no seu mini gravador dentro do bolso do casaco, fingindo que tinha uma arma. “É só uma questão de tempo. Você já viu um ferimento de bala. É uma coisa bastante desagradável. Eu já vi muitos deles ao longo do tempo no meu trabalho. Não, não é uma bela visão. E depende muito das balas que eles utilizam. Eu prefiro as balas *wad-cutters*. Elas se desintegram com o impacto e ficam quicando lá dentro, destruindo todos os órgãos vitais.”

Talbot olhou para cima na direção de Brent com olhos apavorados enquanto Brent continuava. “Ferimentos de saída de bala em uma vítima de tiro são particularmente nojentos. Você já viu um tiro na cabeça? Eu os vi quando explodiram quase que totalmente os cérebros. É como se fosse uma porcaria vermelha e sangrenta, quase como um vômito vermelho...”

“Pare! Pare! Não faça nada comigo! O que você quer?”

Brent sabia que uma confissão coagida não seria válida na ação judicial do governo contra Talbot e Williams, mas ele não estava preocupado com este caso. Ele só se importava com o dele.

“Eu quero saber tudo sobre você, Finegan, Williams e Marsen conspirando o assassinato de Allen Bekker. E eu quero saber por que eu fui incriminado pelo assassinato de David Marsen. Conte-me tudo.”

E Talbot contou – abriu o bico como um canário, como se falava nos filmes antigos. Talvez a melhor coisa que o assassino de aluguel pudesse ter feito fosse se livrar de Talbot, Marsen e Williams. Mas talvez ele não se importasse.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Na manhã de segunda-feira o espetáculo de Hannaford continuou com TJ e o Mágico de Oz.

“Eu chamo Timothy Jones.”

TJ era certificado como especialista em computadores e Internet, perito em trabalhar com sistemas de decodificação e tinha desenvolvido o seu próprio sistema, que poderia “desmascarar” mensagens enviadas pela rede TOR a partir de nós de saída salvos no computador do destinatário. A explicação que ele deu sobre Dark Web e rede TOR provou ser muito complicada para o júri.

“Sr. Jones, por favor, o senhor poderia descrever a Deep Web?”

“A Deep Web, que também é conhecida como ‘Dark Web’, é uma parte da Internet que está na rede escura (dark net), composta por redes que se sobrepõem a Internet pública e que requer configurações específicas ou sistemas de acesso. É como uma Internet paralela que muitas pessoas não têm ciência dela e que não é acessada por mecanismos tradicionais de busca como o Google.”

“Como alguém pode acessar esta Internet paralela?”

“O método mais popular de acesso é o navegador TOR, que qualquer um pode ter acesso baixando o pacote de programas TOR. O conteúdo da Dark Web é mantido criptografado pelo que chamamos de ‘roteamento cebola’.”

“Por favor, o senhor poderia explicar o ‘roteamento cebola’?”

“É uma técnica de comunicação anônima pela rede. Mensagens são enviadas criptografadas em camadas, que é de onde vem o nome ‘cebola’. Elas navegam por uma série de roteadores anônimos. O remetente permanece anônimo porque você só conhece a localização do roteador antes e depois da camada atual e a mensagem só é decodificada no lado do destinatário usando um PGP* ou chave pública.”

Os jurados pareciam entusiasmados quando a conversa sobre a Dark Web começou, mas depois que TJ se lançou na sua explicação técnica, alguns deles balançavam a cabeça e os outros olhavam para o vazio, provavelmente pensando sobre o que eles tinham para fazer e estavam se esquecendo em suas vidas reais. Brent passou um bilhete para Hannaford, *Os jurados estão entediados*, e Richard acenou com a cabeça.

“O que o seu sistema de decodificação faz?”

“Bem, cada mensagem criptografada tem um ‘nó de saída’ que decifra a última camada da mensagem criptografada para o destinatário. Qualquer computador que é usado na Internet irá sempre salvar alguns dados, como *cookies* e o histórico de navegação. Meu sistema captura a informação no nó de saída, que então é usada para reconstituir a informação contida na mensagem.”

*NT: *Pretty Good Privacy (privacidade muito boa)* é um programa de computador de criptografia e decodificação de dados.

Brednick se levantou rapidamente para protestar. “Meritíssimo, eu protesto contra a relevância deste depoimento.” Isso foi provavelmente uma boa coisa porque surpreendeu os jurados e os tirou de sua apatia.

“O que é relevante sobre este procedimento, Sr. Hannaford?”

“Se isso satisfaz a corte, dentro de pouco tempo eu vou associar a prova com a relevância.”

“Rejeitado, sujeito a desconsiderar a testemunha.”

“Sr. Jones, como o seu sistema foi utilizado neste caso?”

“Eu o utilizei para analisar as mensagens enviadas por Myron Talbot e Jeremy Williams através da rede TOR, tanto entre eles e David Marsen quanto as enviadas e recebidas de um site chamado *Erase.onion*.”

“Solicitando sua atenção para a prova em exibição, o senhor pode identificar este documento?”

“Sim, é uma impressão do website *Erase.onion*.”

“Por favor, diga ao júri o que este website pretende ser.”

“É um website de assassinato por encomenda onde você pode contratar um matador anônimo para ‘apagar’ alguém.”

De repente o júri parecia ter voltado à vida. O caso estava começando a ficar divertido de novo.

“Por favor, o senhor poderia ler a primeira página do site?”

Precisa que seu problema seja apagado? Eu sou o seu apagador. Entre em contato para mais informações.

Eu não sei nada sobre você e você não sabe nada sobre mim. Sua vítima simplesmente vai deixar de existir. E sempre irá parecer que foi um acidente ou suicídio.

O protesto de Brednick contra as mensagens entre Talbot e Williams foi mantido, mas as mensagens entre Talbot, Williams e Marsen foram protegidas pela restrição da regra do boato, pela qual Marsen, estando morto, era uma “testemunha inacessível”.

“Eu fui capaz de decifrar estas mensagens, enviadas três dias antes da morte de Marsen,” testemunhou TJ.

Marks está chegando perto da verdade. Nosso amigo me pediu para ajudar, disse Marsen para Talbot e Williams apenas alguns dias antes de sua morte.

Isso me parece muito perigoso. Mantenha-me fora disso, respondeu Williams.

Marks está ameaçando desmascarar todos nós, disse Marsen.

Brednick interrogou TJ, ressaltando que ele não tinha como validar que as mensagens tinham realmente sido enviadas ou recebidas por Marsen. Porém, os jurados não pareciam estar completamente acordados nesta parte do depoimento, o que significava que isso provavelmente os tinha impressionado.

Richard Hannaford chamou o Dr. Jaime Orozco para o lugar da testemunha, que apresentou suas vastas credenciais médicas adquiridas durante 40 anos, sendo trinta deles como patologista e médico legista. Ele era um médico registrado na Califórnia, apesar de seus pacientes nunca estarem vivos. Ele era graduado em Medicina, com doutorado e especialização em Medicina Legal, certificado em patologia clínica, anatômica e forense. Ele trabalhou como chefe dos médicos legistas no condado de Los Angeles por dez anos e mais dez anos no FBI.

“Dr. Orozco, o senhor foi o patologista que fez a segunda autópsia em Allen Bekker. Aquele que constatou que a morte dele foi um homicídio, não um suicídio, certo?”

“Sim, fui eu. O que desencadeou a investigação de homicídio do Sr. Bekker.”

“Eu entendo que o senhor também fez uma segunda autópsia no corpo do Sr. Marsen, certo?”

“Sim, eu fiz.”

“E o senhor concorda com a opinião do médico legista sobre a causa da morte?”

“Sim. Pela minha análise, a vítima foi esfaqueada uma vez no lado esquerdo das costas. O ferimento foi de aproximadamente 15 centímetros e perfurou o rim e a artéria renal, o que causou a morte.”

“O senhor também é da opinião que o ferimento foi provocado verticalmente?”

“Sim, parece que o ferimento foi provocado verticalmente, o que significa que o agressor enfiou a faca para cima durante o ataque e é condizente com o trabalho de um assassino profissional.”

“Como é isso, doutor?”

“A maioria dos ferimentos a faca são múltiplos e não causam a morte, a não ser que um órgão importante ou uma artéria seja atingido. Para esfaquear alguém uma única vez e provocar um estrago tão grande ao longo do tecido cutâneo e muscular, a pessoa tem que ser ou muito sortuda ou saber exatamente onde os órgãos vitais que ela está almejando estão localizados. Especialmente pelas costas. Eu suponho que o autor do crime seja ou um assassino profissional que já tenha feito isso antes, ou um militar especializado ou alguém com formação médica.”

O parecer do Dr. Orozco foi reconhecido como prova e então Hannaford o levou para outro nível.

“Depois do exame tradicional, doutor, o senhor submeteu o corpo a outros exames e, se fez isso, qual foi o propósito?”

“Juntamente com o Dr. Kevin Lawler, eu submeti o corpo a exames de tomografia computadorizada e ressonância magnética. O objetivo destes exames adicionais foi fazer uma composição virtual 3D do corpo, dos seus órgãos e ferimentos, para que eles pudessem ser vistos de qualquer ângulo e levando em conta cada camada de tecido.”

O Dr. Orozco explicou o exame de tomografia computadorizada como um tipo de raios-X 3D e o exame de ressonância magnética, seus princípios básicos e os seus resultados. Então ele explicou como os dados dos dois exames foram associados e cores usadas para preencher as imagens do tecido para proporcionar uma imagem de modelo de “carne e osso” na exibição no monitor do computador.

“Por favor, o senhor poderia demonstrar este modelo, doutor?”

O Doutor Orozco orientou o técnico de computador para projetar a exibição na tela para ele poder explicar os resultados dos exames feitos no corpo.

“Como os senhores podem ver aqui, como resultado dos dois exames, nós temos uma composição virtual 3D do corpo, a partir da qual nós podemos examinar qualquer parte dele de qualquer ângulo. Nós podemos realmente *entrar* no corpo para examinar os estragos nos tecidos.”

Orozco mostrou ao júri a pele, músculo, ossos e órgãos do corpo usando o modelo. Ele exibiu o horrível ferimento fatal que fez Hannaford quase vomitar. O júri foi alertado sobre tudo, mas duas mulheres pareciam estar um pouco enjoadas.

“Com o Dr. Lawler, nós demos um passo a frente e usamos seu modelo dimensional 3D da arma do crime para reconstituir a real disposição do ferimento.”

“O senhor está dizendo, doutor, que o senhor pode realmente comparar a faca com o ferimento que foi feito pela faca?”

“Sim. Nós podemos mostrar a trajetória da faca enquanto ela entrava no corpo e quando ela foi retirada.”

“O senhor quer dizer, doutor, que o senhor pode fazer a correspondência entre as imagens 3D da faca com as imagens 3D do corpo e assim nós podemos ver como o ferimento foi realmente feito?”

“Exatamente. Nós chamamos isso de *cadáver virtual*.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Depois Hannaford chamou Kevin Lawler para ocupar o lugar da testemunha e apresentou seus conhecimentos como um criminalista especializado em análise física, química e microscópica de provas materiais, como vestígios, tais como cabelos e fibras, e provas de impressão, tais como impressões digitais, documentos e marcas de ferramentas. Ele também era especialista em armas de fogo, armamentos e reconstituição de fatos. Ele exerceu a função de criminalista durante 20 anos no Departamento dos Delegados do Condado de Los Angeles e era formado, com mestrado e doutorado em Criminologia pela UCLA.

“Dr. Lawler, o senhor trabalhou com o Dr. Orozco na compilação do assim chamado ‘cadáver virtual’ que foi apresentado neste tribunal hoje, certo?”

“Sim. Certo.”

“Por favor, o senhor pode descrever a sua participação na criação do cadáver virtual?”

“Sim. Primeiramente eu examinei a arma do crime.”

“Esta arma – prova número 6?” perguntou Hannaford enquanto segurava a faca.

“Correto.”

“Por favor, conte ao júri os resultados da sua análise,” disse Hannaford enquanto se encaminhava para o local do júri e assim se tornava parte do grupo, ouvindo cuidadosamente como se estivesse escutando aquilo pela primeira vez.

“Eu examinei a faca, com especial atenção para a evidência de impressão digital e tirei fotografias, assim como imagens digitais forenses completas de toda a faca. A partir das imagens digitais, eu fui capaz de produzir um modelo 3D da faca no computador, que é preciso em cada detalhe, inclusive nas impressões digitais.”

“Isso é fascinante, doutor. Por favor, o senhor poderia mostrar o seu modelo 3D para o júri?”

“Sim,” disse Lawler ao mesmo tempo em que uma imagem da faca aparecia na tela. “Esta é a imagem 3D desta faca,” ele disse enquanto rodava a imagem usando um controle remoto.

“Agora eu estou girando a imagem. Você percebe como se pode examinar qualquer ângulo do objeto? Você também pode ampliar qualquer pedaço dele, que do contrario não seria visível a olho nu.”

Hannaford olhou para a tela. Depois voltou novamente para o júri para fazer parte do grupo e ter certeza que eles estavam prestando atenção. Eles estavam.

Lawler ampliou um pedaço da arma. “Neste caso, eu ampliei o cabo da faca onde aparecem as marcas de dedos. Você vê as manchas de cada marca na direção do fim do cabo, aqui?” Os jurados pareciam se curvar em seus assentos para observar.

“Eu também peguei os dados dos exames de tomografia computadorizada e de ressonância magnética do Dr. Orozco e os carreguei no computador para gerar uma imagem virtual do corpo da vítima. Deste modo, eu fui capaz de integrar as imagens da arma e da vítima para que elas pudessem ser comparadas e contrastadas umas com as outras.”

“Então, doutor, o senhor está dizendo que nós realmente podemos ver como o corpo da vítima foi esfaqueado pela faca?”

“Exatamente,” disse Lawler enquanto exibia a imagem do corpo juntamente com a faca na tela. “Eu relacionei os dados dos detalhes da faca com o ferimento e, como resultado, nós somos capazes de demonstrar para os senhores a trajetória da faca, assim,” ele disse enquanto a faca virtual entrava no cadáver virtual.

“Como os senhores podem ver, a faca entrou nas costas bem abaixo da costela do lado esquerdo da coluna vertebral, penetrando no rim e na artéria renal.”

“Doutor Lawler, pelas impressões digitais na faca, o senhor é capaz de constatar quando elas foram colocadas ali?”

“Sim. Como eu expliquei antes, nós vemos as marcas de dedos aqui,” Lawler explicou enquanto ampliava o cabo da faca, “estão manchadas na direção do cabo, indicando que foi feita pressão no cabo da faca para retirá-la com as duas mãos. Estas marcas de dedos são indicativas de uma pessoa arrancando a arma.”

“Há alguma marca de dedo que indique que a faca foi enfiada?”

“Nenhuma. Você esperaria encontrar marcas na direção dianteira quando a faca é enfiada e para trás quando é retirada. Mas, neste caso, só existem para trás.”

“Como o senhor explica isso, doutor?”

“Ou o autor do crime usava luvas quando ele enfiou a faca e tirou as luvas antes de retirá-la, ou havia duas pessoas: uma que enfiou a faca usando luvas e outra que retirou a faca, sem usar luvas.”

“Obrigado, doutor.”

O depoimento de Lawler estava prejudicando o caso de Brednick e, devido ao caráter exclusivo da demonstração, ele estava mal preparado para conduzir um interrogatório decente. Hannaford sorriu enquanto Brednick lutava para tentar desacreditar Lawler.

“Dr. Lawler, nem o senhor nem o Dr. Orozco publicou algum trabalho sobre o este ‘cadáver virtual’, não é?”

“Não, isso é muito recente.”

“Então este tipo de modelo nunca foi usado em algum outro caso, certo?”

“Não que eu tenha conhecimento.”

“Dr. Lawler, não é verdade que impressões digitais latentes são muito sensíveis?”

“Sim. Correto.”

“E também não é verdade que a qualidade de impressões digitais latentes é prejudicada por líquidos, que podem apagar ou manchar as digitais?”

“Sim.”

“O sangue não poderia ter um efeito similar ao da água nas impressões digitais?”

“O senhor está duvidando da integridade da comprovação das suas próprias impressões digitais?”

“Desconsiderar como resposta não adequada, Meritíssimo.”

“Concedido.”

“O sangue teria um efeito similar à água, mas neste caso, as manchas estão no sangue, o que sugere que a pressão foi aplicada na faca depois que ela já estava coberta de sangue.”

“A este respeito, doutor, não é possível que o sangue pudesse ter apagado as impressões digitais na faca depois que ela foi enfiada no corpo e que as únicas impressões digitais aparentes na faca fossem as digitais da retirada?”

“É possível que algumas impressões digitais possam ter sido apagadas, mas não é provável que todas elas tenham sido.”

Em seguida, Myron Talbot foi chamado ao lugar da testemunha. Talbot fez o juramento e se sentou na cadeira, mas ele não disse nenhuma palavra. Em vez disso, seu advogado, Stuart Mayfield, enfrentou a corte. “Meritíssimo, o Sr. Talbot deseja fazer valer sua prerrogativa da Quinta Emenda de não contribuir para a sua própria incriminação.”

O juiz advertiu os jurados que nenhuma conclusão poderia ser tirada pelo fato da testemunha ter reivindicado a prerrogativa de não contribuir para a sua incriminação e o lugar cedido para a última testemunha de defesa – Brent Marks.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Brent estava tremendo devido a uma dose de sua própria adrenalina quando chegou ao local da testemunha. Esta era uma perspectiva completamente diferente para ele: geralmente ele estava do outro lado, fazendo as perguntas. Todas as coisas que ele sempre disse para preparar as testemunhas para tribunais do júri passaram pela sua cabeça, se misturaram e se embaralharam umas com as outras. Mas o resultado parecia um monte de bobagens. Ele respirou fundo e tentou se acalmar. Tentou olhar para o júri sem tocar no seu rosto ou coçar seu nariz. Eram muitas coisas para lembrar.

Antes que seu tormento começasse, a porta da sala do tribunal se abriu e Angela apareceu. Ela se sentou no fundo da galeria. Os olhos de Brent brilharam quando ele a viu.

Hannaford pediu a Brent para explicar a difamação pela Internet, seu processo e a contestação do espólio de Allen Bekker. Brent contou ao júri sobre a descoberta de que Bekker tinha sido assassinado e como então o caso de contestação da custódia e do testamento tinha se transformado em uma investigação de homicídio. Brent manteve seus olhos no júri, esperando que o seu nervosismo não o fizesse parecer falso.

“O senhor ficou irritado com as postagens na Internet – Talbot, Finegan, Williams e Marsen?”

“Claro que fiquei irritado. Foi por isso que primeiro eu movi uma ação judicial contra eles.”

“Então, ao invés de resolver o problema com suas próprias mãos, o senhor utilizou a lei?”

“Sim.”

“E, depois que o seu processo de difamação foi indeferido, o que o senhor resolveu fazer?”

“O que eu poderia fazer? Eu sabia que em seguida viria um processo de ação dolosa e eu estava me preparando para me defender. E eu também estava trabalhando no caso de Bekker. Quando foi revelado que Allen Bekker foi assassinado, eu considerei que todos eles eram suspeitos e comecei a investigá-los.”

“Protesto, Meritíssimo: especulação,” interveio Brednick.

“Isso simplesmente demonstra o estado mental da testemunha, Meritíssimo,” argumentou Hannaford.

“Protesto rejeitado.”

“Então o seu objetivo era investigá-los como suspeitos e não tramar uma vingança?”

“Protesto: pergunta argumentativa e induzida.”

“Rejeitado. Eu vou permitir isso.”

“Correto.”

“Sr. Marks, o que o senhor descobriu como resultado da sua investigação?”

Brent expôs suas conclusões a partir das buscas na Dark Net: sobre o site Erasure.onion, o seu contato com o estranho personagem Mr. Bean, seu encontro com Finegan (que depois apareceu morto), como ele foi perseguido e quase assassinado no aeroporto na volta de Phoenix e a forma misteriosa como o processo de contestação do testamento e da custódia foi inesperadamente abandonado.

“Depois que o processo de contestação do testamento e da custódia foi abandonado, o senhor parou com as investigações?”

“Não. Principalmente depois que eu entendi que a minha própria vida estava em perigo. Eu solicitei que Jack Ruder investigasse Jeremy Williams e que outro detetive investigasse Myron Talbot.”

“E quando o senhor entrou no tribunal no dia em que o Sr. Marsen foi assassinado, o senhor passou pelo posto de segurança da Polícia Federal?”

“Sim. Passei.”

“O senhor passou bem pelo detector de metais e passou todos os seus pertences pelos raios-X?”

“Sim.”

“Então, podemos dizer que o senhor não trazia uma faca no seu corpo nem na sua pasta, não é, Sr. Marks?”

“Certamente que não.”

“E quando foi a primeira vez que o senhor viu esta faca?” perguntou Hannaford, segurando a arma do crime.

“Quando eu a vi ser retirada das costas de Marsen.”

“Sr. Marks, diga ao júri o que realmente aconteceu naquele dia fatídico em que o Sr. Marsen foi assassinado.”

Brent relatou ao júri que tinha reconhecido Marsen no fundo da sala do tribunal, depois que a sua reivindicação tinha sido ouvida, e que saiu para falar com ele. Quando ele viu que Marsen estava fugindo dele, ele correu atrás dele.

“Qual foi o motivo do senhor correr atrás do Sr. Marsen?”

“Eu queria conversar com ele sobre o Erasure.onion e o esquema de assassinato por encomenda em que eu suponha que ele estivesse envolvido.”

“O senhor conseguiu falar com ele?”

“Não, porque ele fugiu. E quando eu finalmente o alcancei, eu tive que confrontá-lo para falar com ele.”

“Qual foi a reação dele?”

“Ele me atacou e eu entrei no modo de defesa.”

“O senhor tinha esta faca ou alguma arma neste momento da discussão?” Hannaford perguntou, segurando a arma.

“Não, nós estávamos usando nossos punhos. Mas então ele bateu com força contra mim com algo que parecia ser mais do que o peso dele. Eu senti um líquido quente em mim e ele tossiu expelindo sangue. Depois caiu no chão. Em seguida eu vi um homem mascarado apontando uma arma para a minha cabeça e me dizendo para eu puxar a faca das costas de Marsen ou ele me mataria.”

Os homens do júri olhavam com desconfiança. *Eles não acreditam em mim*, pensou Brent. *Droga, se eu estivesse no lugar deles, eu não acreditaria em mim.* Até mesmo as mulheres do júri olhavam como se Brent estivesse contando uma mentira rebuscada.

“Como era este homem?”

“Ele vestia roupas escuras e uma máscara de esqui sobre seu rosto. Eu suponho que fosse alguém do Erasure.onion.”

“Protesto! Especulação! Desconsiderar a resposta.”

“Rejeitado. O senhor pode continuar, Sr. Marks.”

“E o senhor retirou a faca?”

“Sim, eu fui obrigado. Eu usei as duas mãos. Ela estava bem presa no lugar. Então eu olhei para cima e o homem de preto tinha ido embora, mas uma pequena multidão estava ali, assistindo. Eu larguei a faca. Só sei que em seguida eu estava sendo detido pela polícia.”

“Sr. Marks, o senhor tem alguma formação médica?”

“Não, eu não tenho.”

“O senhor serviu nas forças armadas?”

“Não, eu não servi.”

“Sr. Marks, o senhor matou David Marsen?”

“Não, eu não matei e posso provar isso.”

Brent contou ao júri como ele tinha ido até San José para confrontar Talbot sobre seu envolvimento no assassinato de Allen Bekker e como ele tinha conseguido gravar tudo. Brednick protestou contra apresentar a gravação, o que desencadeou uma discussão acalorada da parte de Hannaford em frente ao juiz.

“Meritíssimo, a vida deste homem está correndo risco. Ele acabou de contar uma história para o júri e parece que eles não estão querendo acreditar, a menos que lhe seja dada a oportunidade de confirmá-la com outra prova. E esta é a única outra prova que nós temos. Certamente, Meritíssimo, o senhor não vai permitir que a verdade seja silenciada nesta Corte. A Justiça exige que a gravação seja reproduzida!”

“Meritíssimo, o Sr. Talbot exerceu sua prerrogativa da Quinta Emenda de não contribuir para a sua própria incriminação.”

“A gravação não será reproduzida com o propósito de ser usada contra Talbot, Meritíssimo,” disse Hannaford. “Ela será reproduzida com o propósito restrito de comprovar o depoimento do Sr. Marks.”

O juiz concordou com Hannaford e a gravação começou. Antes, Brent explicou que ele estava mexendo no mini gravador dentro do seu bolso para insinuar a Talbot que ele estava armado, mas que ele não tinha nenhum tipo de arma. A sala do tribunal ecoou com a gravação.

“Sr. Talbot, foi o senhor, Gerald Finegan, a quem o senhor conhecia pelo pseudônimo de “Enganado”, Jeremy Williams, também conhecido como “Buscador da Verdade” e David Marsen, também conhecido como “Feto Abortado” que fizeram uma vaquinha para juntar dinheiro e contratar o Erasure.onion para matar o meu cliente, Allen Bekker, certo?”

“Sim. Nós fizemos isso.”

“Quanto vocês pagaram ao Erasure.onion?”

“Quarenta mil dólares. Cada um deu dez mil. Você não vai atirar em mim com isso, vai?”

“Apenas diga a verdade, Sr. Talbot. De quem foi a ideia de obrigar Bekker a escrever um novo testamento para doar seu patrimônio para suas vítimas de fraude?”

“Isso foi ideia do Finegan. Por isso teve um custo adicional de dez mil no contrato.”

“O senhor alguma vez viu o assassino?”

“Eu não, mas Williams disse que viu. Ele apareceu do nada dentro do quarto dele no meio da noite. Ele pensou que fosse ser apagado ali mesmo.”

“O senhor alguma vez falou com o assassino?”

“No início, antes de nós contarmos o site, nós enviamos e recebemos algumas mensagens particulares. Ele se autodenominava O Fantasma. Você sabe, ele vai me matar quando descobrir que eu contei.”

“Foi isso que aconteceu com David Marsen?”

“Diga-me você.”

“Não, Sr. Talbot, diga-me o senhor. O Marsen estava pensando em me atrair para que o assassino pudesse cuidar de mim?”

“Eu não sei. Tudo que eu sei é que Dave me disse que ele foi contatado pelo Fantasma, que queria que ele tivesse certeza que você o tinha visto no tribunal e que você o seguisse. Eu lhe disse que ele estava maluco e que eu não queria fazer mais nada com ele.”

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A sala do tribunal estava silenciosa e lembrava mais uma igreja do que uma corte de justiça. O juiz olhava o júri como se ele fosse o sacerdote pronto para ministrar a comunhão. Brednick, o homem que seguia o manual, parecia estar se perguntando onde deveria procurar naquele livro a munição que ele precisava para seu interrogatório. Entretanto, o caso estava longe de ser definido. Não havia jeito de ele ignorar isso. Brent ainda era o mais provável candidato a assassino, apesar daquela sinistra aparição que supostamente se autodenominava “O Fantasma”.

“Sr. Brednick, o senhor vai fazer algum interrogatório?”

“Sim, Meritíssimo. Por favor, posso ter um momento para reunir minhas anotações?”

“Está no horário do nosso intervalo da tarde. A Corte fará um recesso de quinze minutos.”

Assim que saiu da sala do tribunal, Angela se sentou com Brent e segurou sua mão. Richard se aproximou para deles para dar a Brent uma injeção de ânimo.

“Brent, meu garoto, eu acho que a maré mudou a nosso favor.”

Richard conhecia melhor aquilo e Brent também. Ambos já tinham perdido casos que eles tinham certeza que iriam ganhar e ganharam casos que eles estavam certos que seriam os perdedores. O júri tomaria sua decisão baseada no método “quem sabe o que”. O que significava que, por mais que ali houvesse advogados e jurados, os advogados estavam tentando descobrir como eles iriam tomar suas decisões. Era impossível para doze estranhos sem nenhuma formação jurídica aplicar a lei, que seria lida para eles pelo juiz e provavelmente entraria por um ouvido e sairia pelo outro, baseados em “provas” que eles tinham ouvido no tribunal. A única coisa que eles podiam fazer era seguir seus doze respectivos “instintos” para chegar a uma conclusão, as preferências que ninguém conseguia adivinhar.

“Como eles dizem, Richard, o júri ainda não chegou a uma conclusão. Mas eu acho que nós estamos em uma situação melhor depois da gravação do que quando eu contei a minha estória,” Brent retrucou.

“Eu suponho que eu te preparei melhor para o interrogatório agora, certo?”

“Eu suponho.”

Richard se curvou bem perto de Brent, colocou sua mão no ombro dele, olhou com olhos confiantes para ele e disse, “Certo, Brent, entre lá e dê a eles o que eles merecem!”.

“Então acabou?” Brent perguntou surpreso, inclinando sua cabeça para trás.

“Sim.”

“Mas eu esperava que o seu argumento final fosse brilhante, Richard.”

Hannaford levantou seu dedo e disse, “Eu posso te garantir, *mon frère*, você não ficará decepcionado. Será um argumento do tipo que não é visto desde que Lincoln debateu com Douglas em 1858. O mais eloquente desde a argumentação de A.J. Jennings para a defesa de Lizzie Borden. Desde o sumário do grande Clarence Darrow no julgamento de Bill Haywood. O maior...”.

“Certo, Richard, eu entendi. Eu acho que eles acabaram de nos chamar para voltar para dentro.”

“Exato.”

Brent retomou seu lugar na área da testemunha e todos os olhos do júri estavam nele. Ele tentou esquecer que este talvez fosse o momento mais importante da sua vida – aquele que iria definir onde ele iria passar o apogeu dela. Tentou tirar este fato da sua mente para que ele pudesse focar apenas em responder as perguntas sem que o júri interpretasse alguma coisa a mais no seu comportamento. Matthew Brednick olhou para ele com olhos ardentes de seu lugar na mesa do advogado e começou a inquisição.

“Sr. Marks, o senhor não vai negar que correu atrás de David Marsen quando o viu na sala do tribunal, vai?”

“Não, eu não nego isso.”

“E o senhor o perseguiu por todo o caminho até Olvera Street, correto?”

“Sim.”

“E, quando o senhor o alcançou, o senhor o enfrentou em um beco ao lado da Olvera Street. Isso também está correto?”

“Sim.”

“O Sr. Marsen não o provocou para esta agressão, não é?”

“Protesto, Meritíssimo: a resposta da pergunta é uma especulação e não um fato ocorrido,” gritou Hannaford.

“Isso é uma especulação, Sr. Brednick. O senhor pode refazer a sua pergunta?”

“Certamente, Meritíssimo. Sr. Marks, o senhor foi o que começou a bater, correto?”

“Sim, mas...”

“Desconsiderar a resposta depois de ‘mas’, Meritíssimo.”

“Concedido.”

“Agora, Sr. Marks, pouco tempo depois de o senhor atacar o Sr. Marsen, ele estava morto e o senhor estava preso, correto?”

“Protesto pela caracterização de ‘atacar’, Meritíssimo.”

“Rejeitado.”

“Eu não o ataquei. Eu o detive para poder conversar com ele e ele me bateu.”

“O senhor conversou com ele?”

“Não, eu não tive a oportunidade.”

“Foi quando o misterioso homem mascarado chegou e esfaqueou o Sr. Marsen, correto?” perguntou Brednick, olhando para o júri com ceticismo ao invés de olhar para Brent.

“Sim, está certo.”

“E ninguém viu o misterioso homem mascarado a não ser o senhor, correto?” ele perguntou, olhando do júri para Brent.

“Protesto, Meritíssimo: especulação!”

“Rejeitado.”

“Eu não sei.”

“Tinha uma multidão de pessoas ali, não tinha, Sr. Marks?”

“Sim, depois que ele foi embora.”

“O senhor ouviu todas as testemunhas que depuseram contra o senhor neste caso, não ouviu?”

“Sim.”

“Mas nenhuma delas viu o homem mascarado, não é?”

“Protesto: argumentativa!”

“Mantido. O júri vai desconsiderar a pergunta.”

“Por favor, Sr. Marks. O senhor foi visto por várias testemunhas, em pé ao lado do corpo do Sr. Marsen, com a faca em sua mão...” Brednick fez uma pausa, olhou para o júri e depois de volta para Brent. “...e com o sangue de Marsen em toda a sua roupa. E o senhor espera que nós acreditemos que um homem desconhecido e mascarado, que ninguém *além do senhor* nunca viu, matou o Marsen?”.

“Protesto: argumentativa!”

“Mantido. O júri vai desconsiderar a pergunta.”

Brent, assim como Richard, sabia que o júri não podia apagar de suas mentes aquilo que eles já tinham ouvido. Brednick também sabia disso. Ele sabia que Hannaford iria protestar, mas ele não se importou. A coisa mais importante para ele era que o júri tivesse ouvido a pergunta.

“Eu não tenho mais nenhuma pergunta, Meritíssimo,” disse Brednick.

Hannaford, em outro interrogatório, realmente não poderia fazer nada para minimizar os aspectos que foram levantados contra eles no anterior. Então ele optou por fazer Brent repetir sua estória, reforçada pela sua investigação e pelo depoimento gravado de Myron Talbot. Ele queria dar a eles todas as oportunidades de reforçar qualquer dúvida que eles pudessem ter sobre a culpa de Brent, não importando o quanto isso fosse se prolongar.

Hannaford finalizou a sua defesa. Brednick chamou seu próprio perito de laboratório criminal para refutar o depoimento de Lawler e Orozco sobre as manchas das impressões digitais que indicavam a retirada da faca, e não que ela tinha sido enfiada. Entretanto, ele não tinha a vantagem do exame do corpo no modelo do cadáver virtual ou da faca virtual: apenas fotografias e elas não eram tão convincentes e impactantes como as do modelo 3D. O perito testemunhou que, em sua opinião, as manchas das impressões digitais não indicavam nenhuma pressão da faca em uma ou outra direção e que outras impressões digitais poderiam ter estado ali e terem sido apagadas pelo sangue no cabo da faca.

No final do dia o juiz suspendeu a sessão e indicou que ambas as partes deveriam se preparar para submeter seus resumos finais na manhã seguinte.

CAPÍTULO QUARENTA

Brent não tinha mais nenhum preparativo para fazer para a fase final do julgamento. Agora todo o seu destino estava nas mãos dos jurados e na esperança de que Richard Hannaford pudesse convencê-los de que a promotoria não tinha comprovado o caso além de uma dúvida fundamentada. O único trabalho de Brent seria aparecer no tribunal e parecer inocente. Angela deu uma passada na casa de Brent para lhe dar o carinho de última hora que ele precisava para reconstruir a barreira emocional.

Com Calico ronronando de um lado e Angela do outro lado, Brent sentiu que talvez este fosse o momento mais feliz de sua vida. Independente do quanto ele tinha trabalhado duro, independente de quanto ele tinha se empenhado, nada faria ele se sentir tão bem como ele se sentia naquele momento. Bom: agora uma tristeza melancólica o perpassou com a percepção de que, não importava o que acontecesse, isso nunca iria durar para sempre.

“Ange, eu queria te agradecer por ter ficado ao meu lado,” ele disse, pegando na mão dela.

“Eu sempre estarei.”

“Você não deveria fazer este tipo de promessa. Quinze anos de vida é um longo tempo. Você merece coisa melhor.”

“Você merece coisa melhor, Brent. Eu tenho total confiança neste demônio persuasivo que você contratou para te defender.”

“Ele é bom, não é?”

“Se Deus precisasse de um advogado, tenho certeza que Ele escolheria o Richard.”

Brent sorriu, colocou seu braço em volta de Angela e lhe deu um abraço.

O sono de Brent foi interrompido por sonhos alimentados por medo e inquietações. Ele temia tanto o dia seguinte que não conseguia parar de se preocupar com isso. Então ele se rendeu e tomou o remédio que o médico tinha lhe dado para acalmar seus nervos. O sono finalmente chegou e lhe deu cinco horas de paz antes que ele tivesse que levantar e se preparar para o seu tormento final.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Os romanos receberam uma crítica infundada pelo seu sistema de justiça. Ele realmente tinha alguma semelhança com o modo como as coisas eram feitas nos tempos modernos. Foram os alemães que ficaram famosos pelo julgamento por combate, que se tornaria a regra para julgamentos até o século XIV, sendo substituído pelo que nós temos atualmente: o julgamento por júri. Entretanto, os advogados podem ser comparados aos combatentes e a parte com o melhor advogado tem uma clara vantagem no julgamento. Os jurados eram maleáveis com algumas coisas, assim como determinavam seus caminhos, e presos a algumas opiniões que nenhum argumento poderia mudar. Quando a corte se reuniu novamente, Matthew Brednick se concentrou nos fatos como ele os via: a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

Brednick caminhou até o pódio que tinha sido colocado em frente ao lugar do júri e arrumou suas anotações.

“Senhoras e senhores do júri, eu creio que falo por todos nós das duas partes quando agradeço os senhores pelo seu serviço. Uma sociedade moderna não pode funcionar nem manter a ordem sem esta importante função. Na verdade, foi Abraham Lincoln quem disse que “a mais importante convocação de qualquer cidadão é servir como jurado”.”

Brent fez o seu trabalho: ele estava parecendo inocente, apesar de ter a sensação de que Brednick tinha se preparado especialmente para esta argumentação porque ele estava indo contra o perspicaz Richard Hannaford como se este fosse o caso mais importante pelo qual ele já tinha passado. Brednick continuou com seu sumário.

“Como eu disse aos senhores no início, este é um caso muito simples. Os senhores estão encarregados de decidir este caso com base nas provas e, para fazer isso, podem contar com quase um século de senso comum entre os senhores. Os indícios neste caso não mentem. Com a aplicação do senso comum, não se é capaz de quaisquer interpretações diferentes. Como nós advogados dizemos: os indícios, senhoras e senhores, falam por si mesmos.”

Brent percebeu alguns homens no júri inesperadamente acenando com suas cabeças nesta parte da argumentação, o que fez com que fosse mais difícil para ele controlar seus nervos. Todos os jurados estavam ligados em Brednick. Ninguém parecia estar sonhando acordado e todos pareciam ter assumido seriamente sua responsabilidade.

“O Sr. Hannaford tentará manipulá-los, na crença de que a População não cumpriu seu ônus da prova em cada elemento deste caso além de uma dúvida fundamentada. Mas se os senhores lembrarem que sua avaliação é baseada no senso comum e não na ficção, eu creio que os senhores verão que as provas neste caso apontam apenas para uma conclusão: que Brent Marks matou David Marsen com uma faca – um instrumento perigoso. O seu uso e porte em grande proximidade de outro ser humano é perigoso para a vida humana.”

“É verdade que não há testemunhas oculares para o presente acontecimento. Entretanto, os senhores ouviram os depoimentos confiáveis de testemunhas que viram o Sr. Marks perseguir o Sr. Marsen. E os senhores ouviram destas testemunhas que o viram segurando a faca ensanguentada sobre o corpo sem

vida do Sr. Marsen. Os senhores também ouviram do próprio Sr. Marks, que admitiu ter atacado o Sr. Marsen. Em outras palavras, o Sr. Marks foi aquele que obteve a vantagem inicial.”

Brednick prosseguiu detalhando cada parte dos depoimentos do caso e reforçando os depoimentos na mente dos jurados. Eles permaneceram acordados e alertas durante toda a argumentação.

“A partir das provas, os senhores são convidados a usar a lógica para tirar certas conclusões. Por exemplo, o Sr. Marks foi encontrado em pé ao lado do corpo morto de David Marsen com a faca na sua mão. A faca tinha as impressões digitais do Sr. Marks, e as de mais ninguém, e suas roupas estavam cobertas com o sangue da vítima. Neste caso, só há uma conclusão razoável que os senhores podem deduzir desta prova: que o Sr. Marks esfaqueou Marsen com a faca que ele estava segurando em sua mão. Não há nenhuma prova, com exceção do depoimento do Sr. Marks (dado no esforço de absolvê-lo), de que qualquer outra coisa tenha acontecido. E, senhoras e senhores, não é absolutamente razoável acreditar na estória de um homem mascarado que obrigou Marks a retirar a faca ameaçando com uma arma na sua cabeça, desaparecendo milagrosamente antes que um punhado de testemunhas visse Marks parado ali com a faca.”

“A População não tem que apresentar o motivo para este crime, apesar de que, com o exercício da lógica, os senhores podem constatar que o motivo era claro. O Sr. Marks estava indignado com Marsen por causa dos comentários feitos sobre ele na Internet. Indignado o suficiente para mover uma ação judicial. Indignado o suficiente para persegui-lo na saída do tribunal de justiça e por dois cruzamentos movimentados. Indignado o suficiente para detê-lo e partir para a agressão física. O desfecho óbvio e lamentável disso foi a sua morte. As declarações gravadas feitas por Myron Talbot não alteram o fato que o Sr. Marks perseguiu David Marsen e o resultado disso foi a morte de Marsen.”

“Os senhores podem ter dúvidas, senhoras e senhores. Mas, dadas as claras deduções que podem ser feitas a partir das provas, em oposição às deduções fantasiosas que o Sr. Marks pede aos senhores para acreditar, qualquer dúvida que os senhores tenham não podem ser aceitáveis. As provas são irrefutáveis e levam a apenas uma conclusão lógica,” disse Brednick, apontando seu dedo para Brent de uma maneira acusatória. “Que Brent Marks provocou a morte de David Marsen por esfaqueamento e que ele pretendia matá-lo ou, porque ele usou uma faca, não havia conhecimento do fato que a morte ou grandes danos corporais poderiam ocorrer. Senhoras e senhores, os senhores devem considerar que o Sr. Marks é culpado de assassinato em segundo grau e, caso os senhores não considerem dolo – e eu não posso imaginar como isso é possível – os senhores devem considerá-lo culpado de homicídio culposo.”

Brednick agradeceu ao júri e então se sentou à mesa do advogado. O juiz Renfrew ajustou sua gravata borboleta e olhou para o relógio. Era quase meio-dia. “A Corte ficará em recesso para o intervalo do almoço. Nós nos encontramos de volta aqui às 13h30 para a argumentação final do Sr. Hannaford.”

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

A sala do tribunal estava novamente cheia e em silêncio quando o escrivão anunciou o juiz Renfrew. Ele se sentou em seu lugar e então olhou para baixo na direção de Richard Hannaford.

Hannaford olhou para o juiz Renfrew, agradeceu a ele e ficou em pé ao lado da mesa do advogado. Sem segurar nenhuma anotação nas mãos, ele andou confiante para o pódio que tinha sido colocado na frente do lugar do júri. Porém, ao invés de se posicionar atrás dele, ele ficou em pé de um lado, colocou sua mão esquerda sobre o pódio e a mão direita em seu quadril.

“Senhoras e senhores,” ele disse, olhando para cada membro do júri individualmente. “Eu gostaria de me juntar ao meu colega, o Sr. Brednick, no agradecimento a cada um dos senhores pelo serviço que prestaram hoje. Os senhores são, de fato, a parte mais importante deste processo. Hoje os senhores estão sentados juntos, mas, muito provavelmente, depois que estiverem liberados deste serviço, nunca mais se encontrarão outra vez. E hoje estão sentados para julgar um estranho que os senhores provavelmente nunca mais encontrarão também. Porém, a decisão que tomarem irá impactar a vida dele para sempre.”

“Senhoras e senhores, o Sr. Brednick lhes disse que ele acredita neste caso. Eu lhes direi agora que eu acredito no meu caso. Porém, nem a convicção do Sr. Brednick nem a minha contam. Eu não sou uma testemunha imparcial neste caso. Eu sou um defensor – e uma pessoa determinada nisso – e eu acredito neste caso e na inocência do Sr. Brent Marks mais do que em qualquer coisa que eu acreditei em mais de oitenta anos da minha jovem vida.”

Richard se dirigiu à frente do pódio e parou na frente do júri.

“Existe um velho livro esquecido chamado *Bulwer’s Drama of Richelieu*, escrito por Edwin Booth em 1878. Nele, o rei procura condenar a guarda do cardeal Richelieu. Richelieu desenha um círculo em volta dela e nenhum homem se atreve a atravessá-lo. Neste caso, o estado da Califórnia desenhou um círculo em volta de qualquer pessoa acusada de algum crime e não permite que nenhum homem ou mulher em qualquer júri atravesse o círculo, a não ser que o promotor prove a cada um dos senhores, além de uma dúvida fundamentada, que o acusado cometeu o crime. Dentro deste círculo, se presume que o acusado (neste caso, Brent Marks) é inocente. E é irrelevante se o Sr. Brednick, eu ou qualquer um dos senhores acredita que ele seja inocente ou não. Os senhores têm obrigação de ponderar as evidências que ouviram e viram e decidir se, sob a lei que o juiz vai lhes passar, a População provou cada elemento do assassinato além de uma dúvida fundamentada.”

“Agora eu tenho a oportunidade de argumentar o caso em nome do Sr. Marks. Porém, eu não vou argumentar com as senhoras e os senhores. Ah, não!” disse Hannaford enquanto batia sua mão na divisória do lugar do júri.

“Eu vou discutir com os senhores as conclusões pertinentes que eu creio que possam ser extraídas das evidências que foram apresentadas. Ora, nenhum dos senhores é advogado e nenhum dos senhores frequentou uma faculdade de Direito. Mas todos os senhores têm uma coisa muito importante que desenvolveram através dos anos, que é o seu senso comum. Isso é, mais do que qualquer outra coisa, o que nós pedimos que os senhores usem para tomar suas decisões sobre este caso.”

“O Sr. Brednick pediu aos senhores para extrair das evidências que Brent Marks assassinou David Marsen, a partir da evidência que ele correu atrás da vítima, que ele o abordou e, depois que Marsen

estava morto, que um grupo de pessoas viu o Sr. Marks em pé ao lado do corpo de Marsen com uma faca, com suas roupas cobertas com o sangue de Marsen. Os senhores podem fazer esta dedução? Claro que podem. Mas o seu trabalho é analisar cada elemento de prova sob o microscópio da dúvida fundamentada e, se houver outra dedução igualmente plausível que possa ser racionalmente extraída das evidências que apontam para a defesa do acusado, então é esta que os senhores têm a *obrigação* de escolher.”

“Dúvida fundamentada pode parecer um conceito sobre o qual os senhores nunca pensaram antes, mas eu posso lhes garantir que cada um de vocês está familiarizado com isso em suas vidas cotidianas. O juiz irá instruir os senhores que a dúvida fundamentada não é uma dúvida provável ou imaginária. Por exemplo, peguem as teorias da conspiração sobre o pouso na lua ter sido uma farsa. Seus pais, avós e alguns dos senhores assistiram ao pouso na lua na TV em 1969. Muitas pessoas assistiram aos foguetes Apollo decolarem de Cabo Kennedy. Existem fotografias do primeiro e dos muitos pousos na lua depois disso. Se os senhores têm dúvidas sobre os pousos na lua, elas não são aceitáveis.”

“Entretanto, eu acredito que todos nós já trancamos as portas, apagamos as luzes e colocamos as malas no carro para sair em uma viagem, mas, quando estávamos saindo da garagem, nós paramos e voltamos para verificar e ter certeza que tínhamos desligado o ferro de passar roupas ou o fogão. Nós *sabemos* o que fizemos, mas nós temos uma dúvida e ela, mesmo que pequena, é forte o suficiente para nos fazer entrar de novo em casa e verificar. Isso é uma dúvida fundamentada: uma dúvida, mesmo que bem pequena, que faz os senhores verificarem e terem absoluta certeza.”

Richard apresentou para o júri o espetáculo que ele tinha prometido a Brent que faria, discutindo cada elemento de prova e mostrando como deduções igualmente plausíveis podem ser extraídas das provas para sustentar a inocência de Brent tanto quanto aquelas que indicavam sua culpa.

Hannaford andou até a mesa das provas, pegou a faca e depois voltou para o lugar do júri, segurando ela no alto.

“A faca! Existe alguma dúvida fundamentada de que foi esta faca que provocou a morte de David Marsen? Não!”, ele disse e bateu com ela na divisória do lugar do júri.

“Mas existe uma dúvida fundamentada de que foi Brent Marks a pessoa quem enfiou esta faca no corpo de Marsen. Por que? Porque Brent foi examinado, revistado e passou por um detector de metal no tribunal federal de justiça, que fica a sete minutos de caminhada do lugar onde Marsen foi assassinado. Seus pertences passaram pelos raios-X e por todo este controle, e esta faca...,” disse Hannaford, segurando e balançando a faca em frente ao júri, “Esta faca de 15 centímetros não estava em posse de Brent. Ela não estava em sua posse quando saiu correndo da sala do tribunal atrás do Sr. Marsen, ela não estava em sua posse quando ele perseguiu Marsen na rua e ela *não* estava em sua posse quando ele abordou Marsen no beco cinco minutos depois. Brent simplesmente não poderia ter pegado a faca pelo caminho porque ele teria perdido de vista Marsen, que estava fugindo dele. A partir desta evidência, os senhores têm que inferir que Brent não estava, de fato, de posse da faca porque esta é a dedução que indica a sua inocência.”

Hannaford colocou a faca no pódio e pediu que colocassem o modelo da faca virtual na tela, ampliando as marcas das impressões digitais. “Nós vimos um modelo de computador de provas físicas neste caso, preciso em cada detalhe, que nos mostra que as impressões digitais de Brent Marks nos permitem inferir que ele foi a pessoa que retirou a faca, mas não a pessoa que a enfiou no Sr. Marsen. Esta dedução é coerente com o depoimento de Brent: de que ele foi obrigado, com uma arma na cabeça, a retirar a faca do corpo de David Marsen e levantou uma dúvida fundamentada sobre a dedução de que ele foi o autor deste crime. O verdadeiro autor deste crime sabia que seu único golpe nas costas do Sr. Marsen, à esquerda de sua coluna vertebral e para cima, o mataria,” Hannaford argumentou enquanto ele percorria as camadas de tecido no cadáver virtual que exibia o ferimento fatal.

“Ele sabia disso porque sabia exatamente onde apontar. Sabia exatamente como atravessar todas estas camadas de tecido cutâneo e muscular para atingir o seu alvo pretendido sem bater nos ossos que

protegiam os órgãos de Marsen. Por outro lado, Brent Marks não tem formação médica nem militar. Alguém nesta situação teria que esfaquear Marsen muitas vezes antes de provocar a sua morte. O assassino sabia que um golpe faria isso e ele precisava desta rapidez para obrigar Brent a retirar a faca e fugir antes que uma multidão se formasse.”

“Senhoras e senhores, eu creio que a maioria dos senhores vai se lembrar da famosa cena do filme de Alfred Hitchcock *Intriga Internacional*, onde o diplomata é esfaqueado e cai nos braços de Carey Grant. Então, Grant retira a faca. Inúmeras testemunhas apontaram o personagem de Grant como o assassino, mas o fato é que ele foi enquadrado pelo assassinato. A evidência neste caso mostra claramente que quatro pessoas conspiraram para contratar um matador para assassinar Allen Bekker. Duas delas acabaram mortas em circunstâncias misteriosas, sendo que uma delas era David Marsen. A evidência mostra que, pouco tempo antes da morte de Marsen, ele se comunicou com os outros dois conspiradores sobreviventes e lhes disse que tinha recebido instruções do assassino para atrair Marks naquele dia e naquele lugar para Olvera Street onde Marsen “encontrou o Criador”. A partir disso e do depoimento de Brent Marks, nós podemos racionalmente deduzir que o Sr. Marks foi atraído para aquele lugar pelo Sr. Marsen porque esta foi a instrução que o assassino deu a Marsen. Porém, sem o conhecimento de Marsen, o assassino pretendia matá-lo e incriminar Brent Marks.”

Hannaford colocou as duas mãos na divisória do lugar do júri e fez uma pausa.

“Senhoras e senhores, Brent Marks não poderia estar com esta faca antes de Marsen ser assassinado. Ele não poderia tê-la enfiado nas costas de Marsen porque ele e Marsen estavam brigando cara a cara. E ele estava em frente a Marsen antes e depois do ocorrido. Marsen caiu em seus braços, sangrando por todo o corpo de Brent pela sua artéria rompida. Brent Marks simplesmente não poderia ter dado aquele golpe fatal na vertical e para cima pelas costas. NÃO, senhoras e senhores: Brent Marks não enfiou aquela faca. Ele apenas a retirou, como foi instruído, com uma arma na cabeça, pelo verdadeiro assassino. Quando os senhores olharem as evidências bem cuidadosamente, verão que elas estão repletas de dúvidas fundamentadas e perceberão que os senhores têm a obrigação de absolver o Sr. Marks. O homem errado aqui neste julgamento.”

Hannaford agradeceu ao júri e retornou ao seu lugar.

“Sr. Brednick, o senhor pode fazer a sua contra-argumentação.”

Brednick, o promotor das ideias básicas, repetiu seu sumário de evidências para o júri, chamando o enquadramento legal de Hannaford de “absurdo”.

“Senhoras e senhores, as evidências simplesmente não sustentam a teoria da defesa. Ninguém viu este assassino desconhecido antes ou depois do assassinato. Ele simplesmente não existe. Se Marsen estava ou não envolvido em uma conspiração para assassinar Allen Bekker é irrelevante para este caso. Só pode haver uma única conclusão a partir de todas as provas físicas e depoimentos das testemunhas, que é que não há dúvida fundamentada que Brent Marks assassinou David Marsen com esta faca, que foi encontrada em sua mão e coberta com o sangue de Marsen.”

O juiz advertiu aos jurados para não discutir o caso com ninguém nem entre eles, e suspendeu a corte, observando que pela manhã ele lhes daria instruções sobre a lei a ser aplicada no caso e eles iniciariam suas considerações. Ele os advertiu para não tomarem suas decisões até que eles fossem bem instruídos e tivessem a oportunidade de deliberar juntos na sala do júri, mas a maioria deles já tinha decidido o destino de Brent Marks.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Naquela noite, a casa chiava, o relógio fazia tique-taque e as sombras dançavam nas paredes do quarto de Brent no ritmo das árvores do lado de fora, que farfalhavam com o vento que soprava. Brent fechou seus olhos milhares de vezes, mas o sono não chegava. Ele ouviu o som da respiração de Angela enquanto sua mente perpassava o que tinha acontecido no julgamento. O que poderia ter sido feito diferente, mas o que isso importava? Agora isso estava terminado e Brent só tinha que esperar pelo resultado.

Um pouco antes do amanhecer, Brent se levantou da cama e se sentou no terraço para assistir ao nascer do dia. Ele saboreou este momento de liberdade. Cada minuto gasto era um minuto apreciado.

Às nove horas, o escrivão abriu as portas do Departamento 56 e Brent, Richard e Brednick ocuparam seus respectivos lugares. O juiz Renfrew ocupou seu lugar por volta das 9h15 e pediu que o júri entrasse para lhes dar as instruções.

Então o juiz deu um treinamento rápido aos jurados, que consistiu na leitura de um conjunto de instruções escritas pelos advogados em linguagem simples, que os relatores imaginaram que o júri pudesse entender. As definições legais de homicídio, provas circunstanciais e dúvida fundamentada foram cuidadosamente agrupadas para o júri em um folheto que eles pudessem levar para a sala do júri e usar nas suas considerações. Brent assistiu aos jurados lutando para ficar atentos enquanto suas doses matinais de café perdiam o efeito.

Depois que as instruções foram dadas, o juiz retirou a advertência de que eles não debatessem o caso entre eles. Agora esta seria sua única tarefa, mas eles estavam proibidos de discutir o caso com qualquer outra pessoa. Esperar pelo júri era pior do que esperar o peru de Natal terminar de assar. Eles estariam prontos quando eles estivessem prontos, simples assim. Mas Brent e Hannaford esperaram juntos na sala do tribunal. Hannaford tinha trazido um livro de seu autor favorito. Depois que passou das cinco horas da tarde, ele não só tinha certeza de que seria capaz de acabar o livro antes de o júri voltar, como também fez uma anotação para ter certeza de trazer outro livro.

Dois dias se passaram e o júri ainda não tinha se decidido. Brent sabia que isso não significava absolutamente nada. Se eles tivessem voltado rápido, isso seria certamente um veredito de culpa. Agora, no terceiro dia de deliberação, isso era apenas palpite. Era uma sexta-feira. O juiz Renfrew já estava trabalhando em outro caso, mas isso não impedia Brent de vir ao tribunal para aguardar o veredito, como ele tinha feito todos os dias. Ele estava surpreso em ver Hannaford aparecer porque o escrivão sempre poderia telefonar para seu escritório se o júri chegasse a um veredito.

“Richard, o que você está fazendo aqui?”

“Pura lógica, meu rapaz. Hoje é sexta-feira e o júri vai tentar ao máximo acabar com isso hoje para não ter que passar outra semana aqui.”

Brent se lembrou das vezes em que ele deve ter dito a mesma coisa. Foram ocasiões em que ele estava esperando um júri decidir o destino de seus clientes, não o dele próprio. Um pouco antes do meio-dia, o sinal sonoro da sala do júri tocou e o escrivão entregou ao juiz um comunicado. O juiz entrou em

recesso no caso em curso e anunciou que o júri do caso da *População versus Marks* tinha chegado a um veredito, que seria anunciado após o intervalo do almoço.

Aquela hora e meia esperando pela palavra final do júri foi a mais angustiante para Brent. Angela e Jack se juntaram a ele um pouco antes das portas serem abertas. Brent entrou na sala do tribunal e se sentou em seu lugar à mesa com Richard parecendo um homem condenado. Ele já não podia mais lidar com aquilo. A sensação de nó no estômago que ele sentia começava no início da sua garganta. O júri entrou parecendo mais sério do que antes. Hannaford, Brednick e Brent ficaram de pé enquanto eles se sentavam.

A pompa e o protocolo do juiz para proferir uma sentença acrescentavam à dolorosa espera segundos preciosos, que pareciam durar horas para Brent. O primeiro jurado entregou o documento do veredito ao escrivão, que o entregou ao juiz, que o leu e o devolveu ao escrivão. *Pelo amor de Deus, me digam alguma coisa imediatamente!* Foi o que Brent pensou enquanto esta partida estava sendo disputada.

O escrivão finalmente leu o veredito: “Nós do júri, no processo acima citado, decidimos que o acusado, Brent Marks, não é culpado pelo crime de assassinato de David Marsen, conforme a primeira alegação da acusação. Além disso, consideramos que ele *não é culpado* da alegação incluída atenuada de homicídio culposo.”.

Brent segurou as lágrimas que queriam sair de seus olhos. Ele olhou para Angela na galeria, mas ela não conseguiu resistir. O juiz agradeceu ao júri pelo seu serviço e os liberou. Brent queria abraçar cada um deles. Ao invés disso, ele agradeceu e educadamente pediu licença para se retirar, deixando que Richard e Brednick tratassem de suas considerações. Brent segurou Angela bem apertado, enquanto a energia escoava de cada músculo do seu corpo. Isso tinha finalmente acabado e ele estava livre.

EPILÓGO

O caminho de volta para Santa Bárbara foi longo como sempre, mas Brent não reclamava mais. Ele parou o carro em Ventura para assistir ao sol se pondo no oceano Pacífico em um espetacular show de cores. O ar estava fresco e úmido e o barulho das ondas batendo na areia era ao mesmo tempo poderoso e tranquilo. Estava um pouco frio por causa da brisa úmida, mas Brent aproveitava cada pequena sensação.

Em casa, Angela desligou os telefones. Não haveria mais telefonemas de repórteres nem conversas sobre o caso que quase custou o resto da vida de Brent. Ele pensou sobre o fim de semana e sobre a segunda-feira, que nunca tinha sido o seu dia favorito da semana. Agora era mais um dia para aguardar com expectativa. Ele pensou sobre todas as coisas que ele considerava como problemas antes. Agora eram apenas coisas que ele estava feliz em enfrentar. E quando Brent colocou sua cabeça no travesseiro naquela noite, ele dormiu tranquilamente pela primeira vez em meses.

Brent entrou em seu escritório naquela manhã de segunda-feira e encontrou o rosto sorridente de Rebecca Bekker. Ele a cumprimentou e foi com ela para sua sala.

“O que eu posso fazer por você, Rebecca?”

Rebecca olhou para baixo e depois para Brent. Seus olhos não estavam mais tão tristes quanto estavam antes, mas ele pôde ver que alguma coisa estava errada.

“Eu só queria agradecer por tudo que você fez e dizer que eu lamento muito todo o problema que você teve que enfrentar.”

“Isso não foi sua culpa.”

“Se você não tivesse conhecido o meu pai, nada disso teria acontecido. Eu também quero te agradecer por resolver o caso de legitimação do testamento.”

“Não precisa agradecer.”

“Você continua trabalhando para descobrir o assassino do meu pai? Porque, se não estiver, eu gostaria de contratá-lo para continuar. Você sabe, a polícia está chamando o caso de não resolvido.”

“Eu sei. Era Jack quem estava trabalhando no caso. Ele é bom, mas eu receio que todos os indícios esfriaram. O website Erasure foi fechado e nós não fomos capazes de identificar ‘O Fantasma’. Nós pensávamos que tínhamos três indícios, mas todos eles comprovaram não ter chance de levar a alguma conclusão.”

“Posso contratar o Jack para continuar a investigação?”

“Claro, eu vou marcar uma reunião. Mas eu não vejo muita possibilidade de ter sucesso.”

“Foi isso que eles disseram sobre o seu caso,” disse Rebecca com os olhos brilhando de esperança.

POSFÁCIO

Esta é uma história de ficção, mas, como todas as minhas histórias, ela é baseada em uma sólida pesquisa sobre assuntos da vida real. Se você tiver interesse em continuar lendo, eu incluí meu estudo sobre como lidar com difamação na Internet. Caso contrário, eu gostaria de pedir que você fizesse o favor de deixar uma avaliação deste livro. Avaliações são os alicerces de qualquer autor e são muito valorizadas.

A Internet ultrapassou a legislação corrente da difamação. Novas regulamentações que protegem a Internet, a livre expressão e a liberdade de falar anonimamente têm sido violadas por intimidadores e perseguidores cibernéticos, que têm utilizado esta nova mídia para distribuir suas ameaças com mais organização entre mais pessoas. Eu acreditava que podia ser interessante analisar a possibilidade de uma pessoa ou de um grupo cibernético contratar um criminoso anonimamente pela Internet. Eu pensava que esta seria uma ideia original, mas, analisando o mundo macabro da Dark Net, eu percebi que não era. A maioria dos sites que eu encontrei enquanto pesquisava sobre assassinato por encomenda eram provavelmente golpe ou eram montados para a aplicação da lei para capturar conspiradores aspirantes, mas o conceito definitivamente não era original.

Se você for percorrendo até a última página, você será incentivado a deixar uma resenha e a compartilhar este livro em suas redes social em uma seção identificada como “Antes de sair”. Além disso, existem trechos de alguns dos meus outros livros da série de Brent Marks. Por último, eu adoro receber e-mails dos meus leitores, mesmo quando é sobre um erro que vocês perceberam que talvez os meus editores, leitores beta ou eu mesmo não encontramos. Eu quero ter certeza que os meus livros têm a mais alta qualidade possível para os meus leitores.

Por favor, fiquem à vontade para me enviar uma mensagem para info@kennetheade.com. Eu também te convido para fazer parte da minha lista de contatos para avisos antecipados sobre meus novos livros, trechos gratuitos, livros gratuitos e atualizações. Eu nunca mandarei spams para você. Por favor, inscreva-se aqui: <http://bit.do/mailling-list>.

“Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca vão me machucar.” Todos nós conhecemos este verso e muitos de nós já o utilizamos como resposta para um cruel ataque verbal. Mas a verdade é que palavras *podem* machucar, principalmente quando elas são transmitidas on-line para milhares ou até mesmo milhões de pessoas. Nós também já ouvimos o velho ditado “Não acredite em tudo que você ouve”, mas o fato é que muitas pessoas *acreditam* em tudo que elas ouvem e, se fazem isso ou não, têm uma tendência para repetir isso. Especialmente se for um escândalo.

O surgimento da Internet causou um profundo impacto na maneira como as ideias e informações são trocadas no século XXI. Ela nivelou o campo de atuação dos editores, colocando jornais, revistas e livrarias fora do negócio e permitindo que qualquer indivíduo comum com acesso a um computador tenha potencial para alcançar uma grande audiência em qualquer assunto que a pessoa escolher.

Entretanto, diferente de um jornal ou revista, autores de “artigos” na Internet não se limitam a diretrizes éticas ou princípios legais. Enquanto a noção de livre expressão deve ser uma coisa respeitada, a sanção da primeira emenda não é de forma alguma plena. Assim como a segunda emenda, que garante o direito de portar armas, mas não dá o direito de uma pessoa atirar em alguém, a proteção da primeira

emenda à livre expressão não se aplica a todos os discursos. Discurso difamatório especificamente não está protegido.

Existem muitos exemplos de como o poder da Internet no mundo cibernético atual teve um efeito profundo no mundo real. Governos do Oriente Médio foram derrubados pelo uso da Internet como uma arma de mudança social. Delatores agora podem “delatar” para um público maior, mas, como podemos ver nos casos de Bradley Manning e Edward Snowden, o poder da Internet não corresponde ao poder do governo dos Estados Unidos, cujas fronteiras para a aplicação da lei vão além de qualquer fronteira geopolítica e até podem forçar a descida de um avião de um membro do governo de outro estado soberano se ele for suspeito de estar abrigando um criminoso traidor.

Nos dias anteriores à Internet, os intimidadores, as pessoas invejosas do seu sucesso, adversários no seu ambiente de trabalho ou em empresas concorrentes ainda estavam ali. Mas seus ataques tinham vida curta e eram logo esquecidos. A Internet deu a eles o poder de destruir permanentemente qualquer reputação que estiver associada com qualquer nome que possa ser procurado no Google, e os resultados vão ultrapassar o seu tempo de vida. Perguntas como “Mamãe, o vovô era realmente um criminoso?” podem se tornar lugar-comum nesta era cibernética.

A tecnologia mudou mais rápido que a legislação que diz respeito à Internet. A Internet dá ao difamador o poder de destruir uma reputação duramente conquistada com poucos cliques de um mouse, com efeitos de longo alcance para uma plateia ilimitada. O algoritmo do Google prioriza as buscas “mais populares” na primeira página do resultado de buscas.

Vamos encarar isso: as pessoas adoram escândalos. Muitas reportagens principais foram feitas a partir de um escândalo, especialmente nos Estados Unidos. Por exemplo, se lembra de Monica Lewinsky? As pessoas em geral adoram notícias ruins. E é por isso que os noticiários estão cheios delas. Notícia ruim é uma “manchete” e todo o resto é apenas uma “reportagem”. O que isso significa para o algoritmo do Google é que quanto mais escandaloso o boato é, uma melhor posição ele alcançará em seus resultados e mais tempo ele vai ficar ali.

Boatos que costumavam ser passados pelo boca a boca nunca teriam sido publicados por nenhum jornal ou revista respeitável. Agora qualquer blogueiro pode ser um “repórter” – até mesmo um repórter investigativo – sem nenhuma habilidade jornalística, responsabilidade ou consciência. E o boato que eles espalham sobre você pode arruinar o seu mérito, custar a você uma oportunidade de emprego ou fazer você perder seus clientes.

A era da Internet mudou as regras de intimidação. Com o crescente fenômeno da socialização cibernética na Internet e o fato de crianças em idade escolar e adolescentes terem computadores, iPads e telefones celulares – todos com acesso à Internet – os intimidadores podem alcançar um público maior com suas humilhações e discursos de ódio, fazer isso instantaneamente e a difamação assumir um lugar permanente no espaço cibernético. Isso é conhecido como cyberbullying e alcançou proporções de uma epidemia que já foi apontada como a causa de vários suicídios de adolescentes.

Megan Meier foi vítima em 2006 de um elaborado esquema de cyberbullying que é bastante comum. Como retribuição a supostos boatos sobre sua filha, a mãe de uma vizinha e seus amigos de bullying criaram uma conta falsa no My Space fingindo ser de um rapaz de 16 anos. Eles enviaram mensagens para Megan, conversaram com ela por chat e Megan se apaixonou pelo rapaz imaginário. Aí veio o último ato: o rapaz imaginário enviou mensagens “terminando” com Megan, compartilhou as mensagens dela para “ele” por toda a Internet, humilhou ela e depois mandou uma mensagem dizendo “Você é uma pessoa má e todo mundo te detesta. Acabe com a sua vida de merda. O mundo seria um lugar melhor sem você.” Então Megan se matou.

Ciberintimidadores espalham mentiras e rumores sobre suas vítimas, sempre anonimamente, inclusive fingindo serem seus amigos (muito parecido com o que Russ e Gary fizeram comigo) para obter

informações pessoais e fotografias que eles possam manipular e postar em blogs e websites. Bullying também é feito por e-mail e torpedos.

Porém, ciberintimidadores não param quando saem da escola. Eles se transformam em ciberperseguidores. O problema com perseguidores cibernéticos é que eles têm mais poder quando estão encobertos pelo anonimato, assim como menos responsabilidade. Se um perseguidor cibernético atua anonimamente, é mais difícil identificá-lo e leva-lo à justiça. Livre expressão anônima mantida pela Suprema Corte dos Estados Unidos no caso *Talley v. Califórnia*, 362 U.S. 60 (1960). Obviamente, isso foi há mais de 50 anos, quando não havia Internet. Porém, ela continua sendo uma boa lei.

Então, como resultado, você tem ciberintimidadores usando tecnologias modernas para torturar suas vítimas até o ponto do desespero e até mesmo do suicídio, e eles têm um direito constitucional de dizer o que eles quiserem anonimamente. Ameaças de violência e assédio de antigos parceiros amorosos se dizendo vítimas e postando questões pessoais e fotografias na Internet são muito frequentes.

Um perseguidor cibernético irá percorrer qualquer distância para te trazer dor e destruir sua reputação. Como o nome já diz, eles irão virtualmente “perseguir” você na Internet sem parar. No mundo real, este comportamento provavelmente seria criminoso e você poderia entrar com uma ordem judicial contra isso. Mas no mundo on-line, não há literalmente nada para protegê-lo e o perseguidor cibernético estará sempre escondido atrás de uma máscara de anonimato para enganar suas vítimas.

Grupos de perseguidores cibernéticos poderão até se organizar na Internet em salas de bate-papo e se ajudar uns aos outros para assediar uma vítima do perseguidor, publicando fotografias alteradas, ameaças e informações pessoais. Essas “turmas virtuais” encontram aprovação no suporte entre eles, perdem o senso de responsabilidade individual pelos seus atos e se tornam cada vez mais agressivos quando eles acreditam que têm o apoio e o respeito de outros na turma. Isso dá a eles uma falsa “autoridade”, que eles aproveitam para dedicar seu tempo fazendo “pesquisa” on-line sobre suas vítimas, o que eles consideram como um tipo de “trabalho de detetive”.

A legislação sobre difamação varia de um estado para outro, mas, basicamente na lei ordinária, difamação é uma declaração falsa publicada por outra parte que causa danos a uma pessoa. Se ela for uma declaração oral, é uma *calúnia*, e se for uma declaração escrita, é *difamação*.

Se você for uma *figura pública*, você tem que provar o elemento adicional de *má fé*, que é um “conhecimento ou negligência imprudente com a verdade.” Figuras públicas como celebridades (e principalmente autoridades eleitas) são considerados alvos legítimos. Se não fossem, Jay Leno estaria com muitos problemas.

Difamação é, na maioria das jurisdições, uma infração ou um *delito*, mas existem vários países, incluindo Rússia e China, onde difamação é um crime.

Na Califórnia, a legislação sobre difamação é basicamente a codificação da lei ordinária. Ela vale tanto para difamação escrita quanto para calúnia ou difamação oral. Ela é essencialmente uma declaração falsa, feita por outra pessoa, e que provoca danos para a propriedade, negócios profissão ou ocupação de uma pessoa.

Difamação é “uma publicação falsa e prejudicial feita de forma escrita, impressa, fotográfica, efígie ou outra representação fixa para os olhos, que expõe uma pessoa a ódio, desprezo, ridículo ou maledicência, ou que faça com que ela seja banida ou evitada, ou que tenha uma tendência de prejudicá-la em sua ocupação.” Código Civil da Califórnia parágrafo 45.

“Calúnia é uma comunicação falsa e prejudicial, proferida oralmente, e também comunicados feitos por rádio ou por qualquer meio mecânico ou outros que: 1) acusa uma pessoa de crime ou de ter sido indiciada, condenada ou punida por crime; 2) imputa à pessoa a atual existência de uma doença infecciosa, contagiosa ou repugnante; 3) tende a diretamente prejudicá-la no seu cargo, profissão, mercado ou negócio, que tenha uma tendência natural de diminuir seus rendimentos; ou 4) imputa à

pessoa impotência ou um desejo de castidade; 5) o que, por consequência natural, causa danos efetivos.” Código Civil da Califórnia parágrafo 46.

A Califórnia, como muitas outras jurisdições, também tem *difamação per se*, onde danos são presumidos se a declaração falsa acusa a vítima de um crime de torpeza moral, uma doença repugnante (como uma doença sexualmente transmissível) ou acusa uma pessoa casada de não ter sido casta.

Bastante claro, não é? Certo, então alguém publicou uma declaração não verdadeira sobre você na Internet, que causou um dano real à sua reputação. Você se lembra do monge franciscano? Atacar!!! Pronto, fogo, alvo!!! Espere um minuto – não tão rápido. Como o meu professor de direito criminal disse no primeiro dia de aula, “No primeiro semestre, eu vou ensiná-los como pegar os criminosos. Porém, no segundo semestre, eu vou ensiná-los como soltá-los.” Existem defesas para difamação para as quais você tem que estar ciente, como privilégio, verdade e opinião.

Verdade é uma defesa absoluta para difamação. Então se o seu ciberintimidador pode provar que o que ele está dizendo sobre você é verdade, não há nada que você possa fazer sobre isso. Existem também certos casos onde você está protegido de qualquer coisa que você possa dizer sobre uma pessoa. Estes são casos de privilégio e você geralmente tem o privilégio de dizer qualquer coisa que queira, não importando quão ultrajante ou prejudicial isso possa ser em um processo judicial, legislativo ou administrativo.

Se a declaração feita pelo seu ciberintimidador é uma opinião sobre você, isso é uma defesa para difamação. Por exemplo, se ele disse: “Eu acho que Joe Blow é um idiota,” e ele sabe alguma coisa sobre você que ele usou para formar esta opinião, a declaração provavelmente não é executável. Do mesmo modo, se for um “comentário pertinente” ou uma expressão da sua opinião sobre um assunto de interesse público, por exemplo, como Bill Clinton e Monica Lewinsky (eu escolhi o exemplo mais ridículo de propósito), a declaração provavelmente não é executável.

Certo, o seu ciberintimidador ou turma publicou declarações sobre você na Internet, você não é uma figura pública, as declarações são falsas, eles acusam você de um crime terrível ou de uma doença repugnante, e isso destruiu completamente a sua reputação e o seu negócio. E daí? Mesmo se for difamação ou calúnia per se, você ainda terá que provar os danos. Você pode dizer, “Mas é claro que o meu negócio foi prejudicado. Ele está acabado. Minha reputação é o meu negócio.” Bastante justo, mas é muito difícil provar que você perdeu um consumidor ou cliente que você não conhece. Em um caso de difamação, você tem que trazer provas dos danos que sofreu para recuperar alguma coisa significativa.

Entrar com um processo judicial é caro, consome tempo e é bastante difícil ser uma das partes. O processo de conhecimento pode ser humilhante e pode parecer uma invasão da sua privacidade. Além disso, para começar você tem que provar que tinha uma boa reputação. Tudo isso leva a evidência, o que significa que você tem que localizar testemunhas que irão testemunhar sobre a sua boa reputação antes da difamação e testemunhas que irão testemunhar que ficou com uma má reputação depois, por causa da difamação. Não é tão simples quanto você pensa. E o ciberintimidador, aquele que tem todo o tempo para postar coisas desagradáveis sobre você por toda a Internet: se lembra dele? Ele provavelmente não tem todo este tempo em suas mãos porque é rico e um feliz aposentado, que ficou entediado de contar seu dinheiro quando decidiu jogar lixo em você todos os dias na Internet. Ele provavelmente tem todo este tempo em suas mãos porque é um babaca que não tem mais nada para fazer. Como ele provavelmente poderia te pagar pelos danos, mesmo que eles fossem outorgados? Estas são todas coisas muito importantes que você precisa considerar antes de sair e contratar F. Lee Bailey ou Alan Dershowitz.

A 47 USC parágrafo 223, conhecida como a lei anticiberperseguição, proíbe a comunicação interestadual ou estrangeira de “comunicados obscenos” com o intuito de abusar, ameaçar ou assediar qualquer pessoa e de comunicados “indecentes” para pessoas com menos de 18 anos. Porém, não espere que o FBI se encarregue do seu caso de ciberassédio a qualquer momento. Eles estão muito ocupados

procurando pessoas que possam ter feito download ou assistido a qualquer tipo de pornografia infantil (outra atividade desprezível).

A legislação federal provavelmente poderia ser de alguma utilidade se um membro de uma ciberturma estiver postando informações pessoais que podem colocar você em perigo potencial. Por exemplo, se ele ou ela posta seu endereço residencial ou número de telefone, ou o seu local de trabalho ou informação sobre quando e onde você pode estar e implica ou incita violência, isso é um crime: e se você chamar a atenção dos administradores do website ou do blog para isso que está ocorrendo, é provável que as informações sejam removidas. Do mesmo modo, se o seu número do seguro social ou informação pessoal é postada e pode ajudar no comitê de identidade roubada contra você, é provável que isso seja retirado da sua reclamação.

Muitos estados como Alabama, Arizona, Connecticut, Illinois, New Hampshire e New York, incluíram ciberassédio em seus estatutos antiassédio. Alaska, Califórnia, Missouri, Oklahoma e Wyoming definiram que comunicados feitos no espaço cibernético deveriam ser incluídos em suas leis antiperseguição. O Texas promulgou uma lei de ciberperseguição que é similar ao estatuto federal.

Porém, a menos que seja uma declaração que incite a violência, então não importa quão falsa ou quão cruel ela seja, não espere que nenhum provedor de Internet ou mesmo o poderoso Google faça alguma coisa sobre isso. A não ser que você possa provar que isso é uma violação de direito autoral, não há absolutamente nada que eles farão sobre isso. E eles têm o apoio integral do governo dos Estados Unidos para não fazer absolutamente nada.

O Communications Decency Act de 1996 (“CDA”) foi promulgado pelo Congresso antes do começo da “bolha da Internet” com a intenção de regular pornografia na Internet. Em 1996 não havia Google, Facebook e nem Twitter. O espaço cibernético consistia quase que integralmente de pornografia, o que fez esta lei já ser ultrapassada pela tecnologia que ela pretendia controlar. Ironicamente, as partes antipornografia da lei foram atingidas pela Suprema Corte dos Estados Unidos no caso *Reno v. ACLU*, 521 U.S. 844 (1997) como uma supressão da liberdade de expressão. A parte mais importante que ficou da lei foi o parágrafo 230, que dá aos provedores de serviço de Internet (ISPs) imunidade contra qualquer ação criminosa ou ação de propriedade intelectual civil federal referente a qualquer conteúdo postado em seu site.

Apesar de ser limitada à lei federal de crimes de propriedade intelectual, a decisão histórica da Quarta Corte de Apelação no caso *Zeran v. America Online, Inc.*, 129 Fed. 3d 327 (4th Cir. 1997) manteve o parágrafo 230, dando imunidade aos ISPs por toda a responsabilidade civil referente ao conteúdo publicado em seus sites, sendo ou não alterado o seu conteúdo pelo ISP.

O caso *Zeran* foi um caso óbvio de ciberassédio. Em *Zeran*, a turma de ciberintimidadores anunciava camisetas e outros itens engrandecendo o atentado à bomba contra um prédio do governo na cidade de Oklahoma por Timothy McVeigh (como “Visite Oklahoma... Ela é uma EXPLOÇÃO!”) e postou o telefone residencial do reclamante Kenneth Zeran na mensagem. Zeran solicitou ao AOL que removesse o conteúdo, o que foi feito inicialmente, mas depois eles se recusaram a remover outras mensagens semelhantes. Zeran recebeu uma enxurrada de telefonemas ameaçadores e as ameaças de violência resultaram na casa dele ficar protegida por seguranças. Enquanto outras cortes por todo o país rejeitavam a imunidade do CDA em casos onde os ISPs disponibilizavam conteúdo, a Suprema Corte dos Estados Unidos se negava a ouvir o caso de *Zeran*. Então, o resultado que você pode obter em um caso específico é determinado pelo lugar onde seu processo se origina e, portanto, em qual corte você dá entrada nele.

No dia 12 de fevereiro de 2013, o presidente Obama assinou a Portaria 13636, para lançar o projeto de uma Estrutura de Segurança Cibernética para proteger sistemas e recursos vitais aos Estados Unidos que pudessem ter algum impacto na segurança ou na saúde pública nacional. Algumas autoridades legais requisitaram que isso fosse estendido para empresas de capital aberto e que isso talvez fosse um sinal da regulamentação da segurança cibernética que visava à identificação de ladrões, vírus ou programas que

danificam o funcionamento de computadores, e possíveis “danos morais” que poderia incluir violação de direitos autorais e difamação. Veja *Insurance Cybersecurity Regulations – What Insurance Coverage Do You Need?* <http://www.jdsupra.com/legalnews/insurance-cybersecurity-regulations-wh-35583/>.

Agora que nós constatamos que isso é muito difícil de acontecer contra um ISP por conteúdo difamatório que aparece em determinados sites, existe outro obstáculo a superar. Se você está em um estado como a Califórnia, qualquer processo instaurado para censurar ou intimidar os seus ciberintimidadores pode ser sumariamente rejeitado e você pode ter que pagar os honorários do advogado deles e os custos do processo.

Eles são chamados ‘Processos Estratégicos Contra a Participação do Público’ (processos “SLAPP”, *strategic lawsuits against public participation* em inglês) e 28 estados promulgaram legislação que os declara ilegal em diferentes incorporações. São eles: Arizona, Arkansas, Califórnia, Delaware, Flórida, Geórgia, Havaí, Illinois, Indiana, Louisiana, Maine, Maryland, Massachusetts, Minnesota, Nebraska, Novo México, Nova York, Oklahoma, Oregon, Pensilvânia, Rhode Island, Tennessee, Texas, Utah, Vermont e Washington.

As intenções por trás dos estatutos anti-SLAPP são nobres. O principal objetivo por trás de um processo SLAPP é intimidar pessoas que requerem acusações ao governo. A Flórida tem a lei mais restritiva anti-SLAPP. Ela está limitada a processos trazidos pelo governo em resposta ao direito de aglomeração pacífica, instruir representantes e reclamações de compensações junto às agências governamentais, e também se aplica aos proprietários de moradias próprias com as suas associações.

A Califórnia tem o mais rigoroso estatuto anti-SLAPP. Ele se aplica a qualquer ação “decorrente de qualquer lei que aquela pessoa em cumprimento ao seu direito de petição e livre expressão” em conexão com uma “questão pública” (Código de Processo Civil da Califórnia parágrafo 425.16.). Isso está definido no estatuto como qualquer declaração escrita ou oral feita diante de processo legislativo, executivo, judiciário ou outro; qualquer declaração escrita ou oral feita em conexão com um assunto sob consideração ou revisão de um corpo legislativo, executivo ou judiciário; qualquer declaração escrita ou oral ou escritura feita em um lugar aberto ao público ou um fórum público em conexão com uma questão de interesse público, ou qualquer outra conduta no cumprimento do exercício do direito constitucional de livre expressão *em conexão com uma questão pública ou uma questão de interesse público*.

‘Em conexão com uma questão pública ou uma questão de interesse público’ tem sido interpretada por alguns tribunais de recurso da Califórnia como significando qualquer questão que se aplica a qualquer pessoa que, por suas “realizações ou modo de vida”, cria um cuidado autêntico para suas atividades. *Hilton v Hallmark Cards*, 599 F.3d 894 (9th Cir 2010), citando *Montana v. San José Mercury News, Inc.*, 40 Cal. Rptr. 2d 639 (1995). Isso leva os advogados anti-SLAPP a argumentar que o público decide o que é uma questão pública e, neste caso, o “público” é a sua turma cibernética porque é alguma coisa sobre a qual todos estão falando. Como minha ex-sogra costumava dizer, “Só se fala sobre pessoas famosas.”

Sob o estatuto da Califórnia, seu perseguidor cibernético pode fazer uma moção para rejeitar seu caso em seus estágios iniciais, antes que você tenha o direito de descobrir ou mesmo encontrar quem são os seus acusados (no caso de acusado desconhecido, você pode processar como sendo “John Does”). Esta moção fica totalmente descoberta e transfere para o requerente o encargo de providenciar evidências que provem a probabilidade que ele ou ela prevalecem na reclamação. Isso é praticamente impossível de fazer sem descoberto, fazendo disso um fato consumado. O vencedor da moção sinaliza a rejeição do caso e você é taxado com os honorários do advogado do seu opositor e os custos do tribunal.

Ao longo de sua vida, as pessoas têm te julgado e te avaliado em quase toda função social que você tem estado envolvido. Isso costumava ser feito pessoalmente. Alguém iria te conhecer, fazer perguntas e ter uma percepção de como você era. Entretanto, neste mundo virtual, muitos relacionamentos são construídos on-line. Antes de olhar nos olhos, as pessoas já trocaram currículos eletrônicos em sites de

relacionamento ou no Facebook. De acordo com um estudo publicado na *Proceedings of the National Academy of Sciences*, o percentual de casais casados nos Estados Unidos que se conheceram on-line é um surpreendente 35%. E, em um contexto de negócios ou profissional, as pessoas costumavam procurar um médico ou advogado baseado em recomendações pessoais. Neste mundo cibernético, eles estão mais suscetíveis a deixar que um algoritmo do Google dê a eles a recomendação.

O mecanismo de busca do Google é o mais popular nos Estados Unidos, com uma fatia de mercado superior a 65%. E ele é um dos mais populares mecanismos de busca no mundo, operando em diferentes idiomas. Quando a maioria das pessoas nos Estados Unidos procura por uma empresa ou serviço, elas estão mais propensas a fazer isso usando o mecanismo de busca do Google.

O algoritmo do Google é um programa matemático que procura palavras-chaves em mais de 150 milhões de websites na Internet e atribui uma classificação para cada página na web em que as palavras-chaves aparecem. Ele é tão amplamente usado que a palavra “Google” também se transformou em um verbo da cultura pop americana. “Dá um Google” é uma resposta comum que se pode ouvir para uma pergunta que precisa de pesquisa. E quando as pessoas estão tentando decidir se utilizam os seus serviços, se patrocinam o seu negócio ou te contratam como empregado é muito provável elas darem um “Google” no seu nome e usar a informação que leram sobre você para tomar uma decisão.

Esta é uma maneira sensata de tomar uma decisão? Provavelmente não. Apenas porque alguma coisa está escrita sobre você em um website, ou mesmo dez ou cem websites, não significa que isso é verdade. Mas é isso que elas vão olhar para tomar suas decisões. Então você tem que encarar isso.

O poder de falar anonimamente, uma vez usado como ferramenta política, agora pode ser usado virtualmente por qualquer um. Uma conta de e-mail, no Facebook ou no Twitter pode ser criada para qualquer pessoa fictícia. Pessoas anônimas conversando em salas de bate-papo ou painéis na Internet podem ser difíceis de rastrear, se não impossíveis. E os próprios sites que postam material difamatório têm imunidade para fazer isso, graças ao CDA. Boato está se transformando no equivalente da notícia. O que costumava ser escrito nas paredes dos banheiros sobre a reputação de uma adolescente agora pode ser divulgado para milhares de pessoas e o registro disso fica no espaço cibernético para sempre. A mesma adolescente, quando se tornar mãe, pode esperar com ansiedade pela leitura de sua filha, com detalhes explícitos, de como ela foi uma vagabunda quando era adolescente ou, pior ainda, assistir a vídeos pornográficos ou fotografias (possivelmente manipulados) que podem ter sido feitos por um amante desprezado ou um ex-marido.

Os autores destes crimes ficam impunes. Desde que eles não estejam cometendo os crimes cara a cara, a distância e o afastamento destas vítimas são como um piloto da força aérea que lança uma “bomba inteligente.”

Isso se torna impessoal, a vítima é desumanizada e a moralidade alterada. É mais fácil apertar o gatilho quando você não pode ver a pessoa em quem você está mirando ou testemunhar o sangue por todo o lado quando a bala atinge o seu alvo. O algoritmo do Google não se importa se os resultados das buscas que ele traz são verdadeiros. Ele é desenhado para classificar na frente os sites populares.

O seu ciberintimidador não precisa maquiagem algumas informações que ele escolhe para derramar sobre você na Internet. Ele tem ajuda: você. Postar informações pessoais e fotografias no Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn ou em quaisquer outros sites é munição para cibergangues manipularem e reproduzirem informações e fotografias de maneiras que você talvez não considere muito lisonjeira. Apenas tenha em mente: tudo que você coloca no espaço cibernético fica lá. Então, antes de fazer isso, tenha certeza que é alguma coisa que você vai querer que olhem daqui a dez anos. Vai ficar lá on-line, facilmente acessível a todos, muito tempo depois que você tiver morrido e partido. Minha esposa me diz para não falar com as pessoas sobre a minha vida particular, o que eu considero um bom conselho. É um conselho ainda melhor, neste mundo virtual, não postar alguma coisa pessoal sobre você na Internet, não

importando onde você posta ou quem você pretende que veja. É uma pequena parte da sua privacidade da qual você pode estar abrindo mão para sempre.

Como rumores podem ser postados na Internet e publicados para milhões instantaneamente, eles têm efeitos mais poderosos do que tinham no passado, onde eram divulgados pelo boca a boca. Rumores sobre desdobramentos de ações, aquisições e afins causaram grandes oscilações no preço de ações de enormes empresas internacionais. Quando Steve Jobs estava vivo, notícias falsas que ele tinha sofrido um ataque cardíaco fizeram as ações da Apple cair dez dólares por ação. A ação da Zynga subiu 10% em 2013 devido a rumores de uma possível aquisição pelo Yahoo.

Ninguém checa a veracidade de nada na Internet. Mesmo a Wikipedia, a enciclopédia on-line, que muitas vezes é um ótimo lugar para começar a pesquisar, tem conteúdo gerado pelos usuários. Ele pode ter sido disponibilizado por qualquer um, desde que siga as suas orientações. Provavelmente a Wikipedia é um mau exemplo porque pelo menos ela tem algum grau de respeitabilidade na medida em que a precisão continua. Porém 90% do que está na Internet certamente não é verificado e, portanto, pouco confiável. Qualquer um pode postar como um blogueiro independente ou em um blog de notícias aquilo que desejar. E porque o problema aparece no formato impresso, automaticamente lhe é dado um grau de respeitabilidade.

Um dos livros mais fascinantes que eu já li foi *The Believing Brain*, de Michael Shermer. Nele, Shermer explica como o cérebro modela crenças e depois vai buscar padrões aparentemente aleatórios para reforçar esta crença. O mesmo é verdade sobre o que as pessoas irão ler sobre você na Internet.

O velho ditado “Jogue merda suficiente na parede e ela irá grudar” é o princípio por trás destas crenças on-line. Em poucas palavras, se as pessoas veem isso impresso algumas vezes, elas irão acreditar que isso é verdade. Isso é bastante assustador quando as estatísticas mostram que pessoas fazendo pesquisa na Internet raramente irão além da primeira página dos resultados de busca. Se a primeira impressão que alguém tiver de você é o que elas leram na Internet, esta tendência provavelmente não irá mudar depois que elas conhecerem você pessoalmente. Por isso é importante ter controle sobre o que as pessoas estão vendo na primeira página do Google.

Desde que a melhor maneira de divulgar um produto ou serviço é o boca a boca, e o boca a boca atual se transformou no boca a boca cibernético, faz sentido que qualquer coisa que seja dita sobre você, sua empresa ou seu produto na Internet possa ter um enorme impacto no seu negócio ou nas suas expectativas de emprego. Para mais informações, veja este artigo para o qual eu colaborei como um especialista sobre o impacto das avaliações em sites como “Yelp” e “Trip Advisor”: http://www.kentucky.com/welcome_page/?shf=/2014/09/29/3453093_review-website-such-as-yelp-and.html.

Pode parecer ridículo, mas no mundo on-line você não tem direito ao seu nome – a não ser, claro, que você o compre. Isso me faz recordar um antigo caso que eu aprendi na faculdade de Direito chamado *Sullivan v. Sullivan*. Nos primórdios da televisão, Ed Sullivan tinha o programa de variedades mais popular na TV. Eu não sei por que. Ele falava de uma maneira engraçada, com um tom anasalado (“É realmente um grande show esta noite”). Mas se você fosse alguém (ou quisesse ser alguém), seu agente tinha que agendar sua presença no programa dele. Existia uma loja local de televisão que pertencia a um homem cujo nome também era Ed Sullivan, e ele usava seu nome como o nome da loja. Ele foi processado pelo Ed Sullivan apresentador do programa de TV e este ganhou, porque o tribunal alegou que Sullivan tinha o equivalente a uma marca do nome “Ed Sullivan”. Como resultado, o Ed Sullivan “zé-ninguém” perdeu o direito de usar seu próprio nome em seu negócio.

O mesmo é verdade na Internet, mas de uma forma diferente. O Google não se importa (a empresa – não o algoritmo – porque ela não se importa com nada) se alguma outra pessoa copiar uma conta de blogueiro com o mesmo nome que você já usava ou até mesmo se usarem o seu nome. Em minha opinião, se isso não é roubo de identidade, eu gostaria de saber o que é. Porém, o Google está imune e não fará

nada a não ser que você possa provar violação de direitos autorais. É impossível você provar violação de direitos autorais do seu próprio nome. Da mesma forma, qualquer um pode comprar os direitos de um domínio de Internet com o seu nome. Isso deveria ser o seu bem mais precioso. Mas, a não ser que você mesmo o compre, ele não te pertence.

O Sr. Ciberintimidador está provavelmente ocupado não apenas tentando emporcalhar o seu bom nome, mas ele tem uma lista completa de outros para intimidar também. Então provavelmente ele não vai desembolsar vinte ou trinta dólares para ele garantir o seu nome – mas *você* deveria. Garanta o máximo de nomes de domínios em diferentes variações do seu nome que você puder. Se seu nome é John Smith, adquira Johnsmith.com, johnsmith.net e johnsmith.org. Compre domínios com variações do seu nome usando seu nome do meio, iniciais e apelidos. Quando você terminar de comprar o máximo que você puder com diferentes combinações do seu nome, comece a usar hífen entre os seus primeiro e último nomes e a letra inicial do meio. Por exemplo, consiga o nome John-smith.com e John-J-Smith.com. Vá até um site de registro de domínios que não seja caro, como www.godaddy.com ou www.1and1.com, onde você também pode comprar pacotes acessíveis que ajudem você a desenhar e a colocar seu próprio website on-line sem custo extra.

Os dois sites que oferecem blogs gratuitos com a Internet mais “poderosa” são <http://wordpress.com> e <http://blogger.com> (que também é blogspot.com). Tenha certeza que você conseguiu todas as variações do seu nome nestes dois blogs grátis.

Excluir seu nome de bancos de dados é uma boa ideia para qualquer um fazer. Afinal de contas, se você quer que alguém te encontre ou sabia alguma coisa sobre você, você mesmo pode lhes contar, certo? Você pode escolher excluir suas informações de arquivos de sites de “busca de pessoas” como <https://pipl.com> da mesma maneira que fez com os catálogos – basta começar em seus botões de política de privacidade e continuar clicando até você chegar ao procedimento de exclusão. Tenha certeza que você se excluiu em todos os sites, inclusive: www.123people.com (veja a “política de privacidade” e “eliminar informações”), <http://wink.com>, www.spokeo.com, <http://zoominfo.com>, www.intelius.com, www.lifehacker.com, Busca de Pessoas no Yahoo: <http://search.yahoo.com/people/email.html>, www.ussearch.com, www.acxiom.com, www.zabsearch.com, e www.peoplefinder.com. Para algumas exclusões, você terá que ser bem específico. Pesquise o site antecipadamente e observe as informações de identificação, como cidade e estado. Isso será útil quando você for excluir suas informações pessoais. Isso consome muito tempo, então use o tempo necessário para fazer minucioso trabalho de remoção.

O Google irá apagar os números do seguro social, de cartões de crédito e imagens da sua assinatura do seu banco de dados de busca. Para solicitar a exclusão destas informações use o link: <https://support.google.com/websearch/troubleshooter/3111061>. Se o seu ciberintimidador tiver abandonado seu site difamador ou se você tiver conseguido que o administrador do site concorde em apagá-lo, use este link para apagar a página em cache do resultado de buscas do Google: <https://www.google.com/webmasters/tools/removals?pli=1>. Você deve tentar isso para qualquer informação que esteja aparecendo sobre você na web.

O Google também irá investigar programas que danificam o funcionamento de computadores, phishing (tentativas de obter suas informações pessoais com falsos pretextos), sites envolvidos em “comportamentos suspeitos” (por qualquer motivo), informações imprecisas, seu nome em sites com conteúdo para adultos, uma página violando seus direitos autorais ou direitos de marca registrada ou outras questões legais. Para iniciar este processo, clique aqui: <https://support.google.com/legal/troubleshooter/1114905?rd=1#ts=1115655>.

Todas as coisas que estão na Internet e que você não conseguir apagar pelos métodos citados muito provavelmente ficarão na Internet – para sempre. Quando eu era escoteiro, nós costumávamos adorar ir para o acampamento de verão. Neste acampamento, nós cantávamos músicas e aprendíamos tarefas úteis (como aprender a sobreviver nas florestas se você se perdesse) e todo tipo de outras “coisas legais.”

Uma destas coisas que eu aprendi e que tem utilidade para este assunto é sobre a latrina do acampamento, que tinha uma ferramenta que pode ser tão útil quanto a ferramenta de exclusão do Google que discutimos. A ferramenta era uma vara. Se a latrina ficasse “entupida”, nós usávamos aquela vara para empurrar “toda a merda para baixo”. O mesmo conceito se aplica às buscas do Google.

No gerenciamento de reputação on-line, o objetivo é colocar informações positivas sobre você na Internet que irão classificar com os mecanismos de busca, como o Google, que terão o efeito de empurrar as informações negativas para baixo. Como a maioria das pessoas não vão além da primeira página de resultados de busca do Google, e quase ninguém passa da terceira página, isso parece uma tarefa razoavelmente simples, certo? Errado! Você se lembra de quando eu disse lá atrás que o Google coloca os resultados “mais populares” na Página Um das suas páginas de busca e que os maiores escândalos serão sempre os mais populares? A sua informação positiva tem que ser convincente e constantemente atualizada porque o Google também classifica informações pela sua idade (a não ser, claro, quando é muito escandalosa).

Você pode se inscrever em todos os tipos de sites profissionais que farão isso para você, por um custo bem alto. O que eles farão é criar sua biografia genérica para postar como perfil em um website (no seu próprio nome) e vários perfis em websites na Internet, como Google, Facebook, Twitter, LinkedIn e muitos outros e associar estes sites com outros sites para que o Google considere a informação bastante importante para figurar nos seus resultados de busca.

Ou você pode entrar em <http://brandyourself.com> e, por uma pequena taxa anual, eles vão te guiar pelos sites onde você precisa estar presente, ajudar você a criar um perfil on-line, associar este perfil a vários websites com total exposição e analisar uma quantidade ilimitada de links para você escolher para submeter. O Brand Yourself vai te sugerir como “impulsionar” seus links para que eles tenham uma classificação mais alta em resultados de mecanismo de busca, vai monitorar e te enviar e-mails sobre os links em que você aparece na lista dos dez primeiros na página de busca do Google. O Brand Yourself é a vara na latrina e eu recomendo muito.

Você também pode colocar serviços de notícias e trivialidades nos seus sites pessoais para dar mais conteúdo a eles. Certifique-se que cada um deles tenha informações um pouco diferenciadas ou você será simplesmente ignorado pelo Google e outros robôs de busca como possível “spam”.

Se você for ativo em sites de mídia social, como o Twitter, isso irá levar o seu perfil do Twitter para o topo dos resultados de busca do Google. Se você usar o Brandyourself.com, o sistema deles irá motivá-lo a criar sites de mídia social, mas, a não ser que você os utilize ou forneça conteúdo atualizado, eles não te darão nenhum espaço. Logo, seja ativo nas redes sociais para aumentar sua presença positiva on-line.

Os blogs são uma ótima maneira de construir resultados de busca positivos na Internet. Eu acho que um blog no <http://wordpress.com> é capturado relativamente rápido pelo mecanismo de busca do Google. É fácil criar um blog e, se você não consegue pensar em nada para escrever nele, você pode escanear notícias e histórias interessantes e publicá-las novamente no seu blog do WordPress. Sempre que você postar, coloque suas categorias e tags no seu post e se certifique de incluir todas as variações do seu nome.

Se você gosta de escrever, você também pode conseguir resultados positivos escrevendo colunas de opinião ou histórias em sites como www.ezinearticles.com ou www.storify.com. Mas se você tem realmente algo interessante para dizer, eu acho que o website www.opednews.com é muito bem tratado pelo Google, já que tudo que você posta lá aparece como notícia. Se você se tornar um autor no Op-Ed News, você também pode criar um perfil que recebe um tratamento muito bom do Google.

Mais uma coisa...

Eu espero que você tenha gostado deste livro e eu estou agradecido por você ter gastado seu tempo para chegar até este ponto, o que me parece que você deve ter ganhado alguma coisa com esta leitura. Se

Se você for para a última página, você poderá avaliar o livro e compartilhar suas opiniões através de uma conexão automática para as suas contas do Facebook e do Twitter. Se você acha que seus amigos irão gostar deste livro, eu ficaria honrado se você pudesse postar seus comentários.

Meus sinceros cumprimentos,

Kenneth Eade

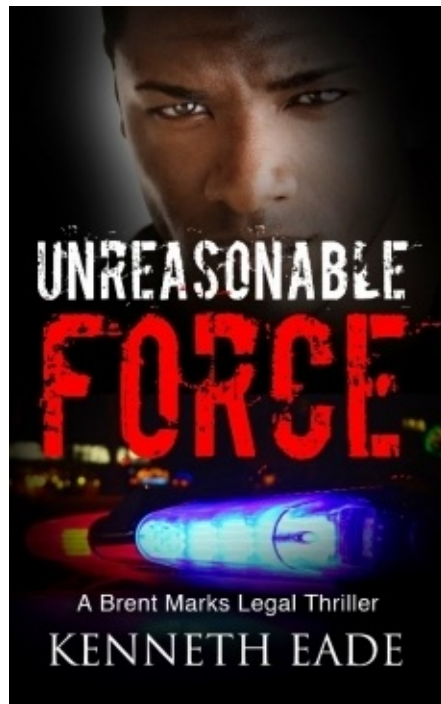
info@kennetheade.com

OFERTA DE BÔNUS

Faça a sua assinatura para descontos em livros impressos, avisos de vendas antecipadas deste e de outros livros, e outras coisas gratuitas clicando aqui: <http://bit.do/mailling-list>. Eu nunca enviarei spams para você.

OUTROS LIVROS DE KENNETH EADE

Brent Marks em Unreasonable Force



William Thomas cresceu desconfiando da polícia. Entretanto, ele trabalhou duro e construiu seu nome como um advogado bem-sucedido. Depois de sair de um jogo de baseball com seus amigos, William foi agredido pela polícia e um dos policiais foi assassinado. Acusado de homicídio, William chamou seu colega, o advogado Brent Marks, para defendê-lo. Será que Brent conseguirá convencer o júri que a polícia tinha ultrapassado a linha entre manter a ordem e brutalidade policial? Será que ele é capaz de formular uma defesa para um cliente que acredita, ele mesmo, que poderia ser culpado? Este mistério moderno e romance de suspense confronta a realidade contemporânea da tolerância, racismo, preconceito e violência na sociedade americana.

Fragmento

CAPÍTULO UM

William Thomas era o Motorista da Vez, aquele que não iria beber naquela noite. Foi um ótimo jogo de final do campeonato de baseball e a melhor parte foi que o Dodgers tinha desmoralizado o Cardinals no final da partida. O cheiro de cachorros-quentes e cervejas ainda estava nos corredores, que estavam cheios de expectadores saindo lentamente para pegar seus carros. Os companheiros de William cumprimentavam todos, dos torcedores aos que estavam ali trabalhando, no percurso de saída do estádio. Assim que eles chegaram do lado de fora, eles sacudiram as flâmulas do Dodger que foram distribuídas para todos no início do jogo, como fazem as chefes de torcidas em jogos de futebol americano nas escolas.

“Que jogoço!” gritou TJ, que levantou seus braços, encolheu seu estômago, empinou seu peito e ficou se gabando fazendo a dança da vitória.

“Preciso mijar”, disse Fenton.

“Cara, por que você não mijou antes da gente sair do estádio?” William perguntou.

“Me desculpe, Sr. Motorista da Vez. Mas eu não queria mijar antes.” Fenton riu e bateu nas costas de William. TJ foi com ele até o outro lado e os dois começaram a cantar ‘Take Me Out to the Ball Game’ enquanto eles evoluíam lentamente, arrastando William com eles em zigue-zague pelo enorme estacionamento, cujas pistas de saída já estavam preenchidas com uma longa fila de luzes de freio.

“Cara, vocês não podem cantar,” disse William. “Ainda bem que eu vou deixar vocês dois no vale. Assim eu não tenho que ouvir suas vozes de menininhas até Santa Bárbara.”

“Escuta este filho da mãe, TJ: ele mora em Santa Bárbara,” disse Fenton, que se separou do grupo, encolheu sua enorme barriga, endireitou o seu caminhar e fez uma cara esnobe, com seu nariz para cima.

“Alguém quer Polo?”

TJ quase caiu no chão de tanto rir.

“Muito engraçado,” disse William. “Eu tenho todo o direito de deixar vocês aqui, babacas. Vocês podem pegar o ônibus para casa.”

“Não fique muito estressado agora,” disse Fenton. “A gente só tava zoando.”

“Nós *estávamos*,” corrigiu William, o que só provocou uma nova leva de gargalhadas.

TJ riu. “Eu pensei que você *FOSSE* um advogado, não um professor de inglês.”

“Legal, legal, eu vou dar uma folga para vocês. Mas não há motivos para falar como uma pessoa ignorante quando não se é uma delas.”

“Não há motivos para falar como uma pessoa ignorante,” imitou Fenton, com seu nariz empinado e balançando seus braços como o capitão Jack Sparrow.

“Peraí! Peraí! Eu preciso tirar uma foto!” disse TJ, sorrindo com todos os seus dentes. Ele parecia o Sr. Ed, o cavalo falante. “Sorria!”

“Quem não iria rir de você e de seus óculos de babaca?”

“Olha o passarinho!” TJ interrompeu e, com uma piscadinha boba, tirou uma fotografia de William com seus óculos do Google.

“Está muito escuro para isso,” William sorriu. “Certo, nós somos assim,” ele disse, apontando para seu carro. “Entrem,” ele disse, abrindo seu Cadillac Escalade azul com o controle remoto.

“Eu ainda preciso mijar,” disse Fenton tropeçando no banco de trás.

“Não mije no meu carro. Nós vamos parar no caminho de casa.”

Fenton cochilou no banco de trás enquanto William dirigia na direção norte da rodovia 101. Quando ele saiu na rampa de Burbank e virou à direita, Fenton levantou sua cabeça.

“Eu não posso segurar mais, William. Preciso mijar, *agora!*”

“Espere até chegar ao posto de gasolina. É logo ali.”

Quando eles entraram no posto de gasolina, ele estava fechado. Não exatamente fechado, mas estava apenas com uma pequena janela aberta para pegar o dinheiro. Ninguém podia entrar na loja, não importando o que precisasse comprar ou o quão desesperado estivesse para fazer xixi. William fez a volta com o carro e foi em direção à área relativamente abandonada da barragem do reservatório de Sepulveda.

“Não há banheiros aqui,” William replicou. “Eu vou partir em direção à...”

A voz da razão foi encoberta pela voz mais poderosa da necessidade.

“Cara, o mundo inteiro é um banheiro. Pare agora e me deixe sair ou você vai se arrepender.”

“Tá bem, tá bem,” disse William.

William não estava tão longe da avenida como ele gostaria de estar, mas ter seu banco traseiro urinado era a opção menos favorável. Então ele levou o carro até o meio-fio bem à frente. Ele ainda estava parando quando Fenton já tinha aberto a porta e foi tropeçando até os arbustos mais próximos.

“Eu também preciso mijar,” disse TJ enquanto ele abria a porta do carro.

“Ótimo!” exclamou William, colocando suas mãos na cabeça. “Então, andem logo!”

“Cara, que alívio!” exclamou Fenton, enquanto ele começou o que parecia ser uma cachoeira sem fim.

“Você tem que desligar esta merda, irmão. Você vai alagar o vale inteiro,” disse TJ.

“Você sabe o que eles dizem?” perguntou Fenton.

“O que?”

“Se está claro, é cerveja!”

“Então o meu tem que ser cerveja!”

“Voltem para o carro, rapazes. Rápido!” William chamou.

Assim que os dois voltaram, ainda fechando seus zíperes, e entraram no carro, um carro de polícia parou atrás deles, com suas luzes vermelhas ligadas.

“Agora vocês conseguiram,” disse William.

“Ainda bem que nós temos nosso advogado,” disse Fenton.

“Cala a boca e deixa que eu falo com eles.”

William abriu a sua janela enquanto um policial se aproximava do lado do motorista e apontou um feixe de luz na direção de William, o que ardeu seus olhos. Ele piscou e desviou o olhar.

“Olhe para mim, senhor,” ordenou o policial. Ele parecia ter um pouco mais de trinta anos, apesar de William não poder afirmar isso porque todos eles ficavam parecidos em seus uniformes e bonés.

O outro policial foi para trás do Escalade, do lado do passageiro, e apontou sua lanterna para dentro do veículo, verificando o seu interior.

“Tem um recipiente aberto!” ele falou.

“Sua carteira de motorista e o documento do carro,” pediu o primeiro policial, mantendo a luz da lanterna no rosto de William.

“Estão no porta-luvas. Vou pegá-los, certo?”

“Mantenha suas mãos onde eu possa vê-las,” disse o policial.

William retirou os documentos do porta-luvas devagar e com cuidado e os entregou ao policial, que iluminou o documento com a lanterna e depois voltou com a luz para o rosto de William.

“O senhor tem que colocar esta luz no meu rosto? Eu sou sensível à luz brilhante.”

O policial não respondeu. “Por favor, saiam do carro.”

“Para que?”

“Saiam do carro.”

Enquanto William saía do carro, ele pode ver TJ e Fenton saindo também, com suas mãos em suas cabeças. Eles foram levados para o lado do motorista, onde o segundo policial os encostou no carro e começou a revistá-los.

“Vire de costas e ponha as mãos no veículo.”

“Espere um minuto, eu...”

“Vire de costas e ponha as mãos no veículo. Eu não vou repetir.”

William virou de costas e colocou as mãos no carro. Ele podia sentir a mão do policial subindo pela sua perna. Ele virou a cabeça e percebeu que a mão direita do policial estava na sua pistola de serviço. *Ótimo – pronto para puxar o gatilho.*

“Vire de costas!”

William se virou de costas e sentiu o policial metendo a mão no seu bolso e tirando a sua carteira. Ele olhou para Fenton e TJ, que estavam sentados no chão, algemados.

“Urinar em público é um crime afiançável,” disse o policial para William enquanto ele examinava o que tinha dentro de sua carteira. “Assim como ter um recipiente aberto de bebida alcoólica.”

“Qual recipiente aberto?”

“Você estava bebendo?”

“Não, não. Eu sou o motorista da vez. Veja, senhor policial, eu não estou sob efeito de álcool.”

“Por acaso eu perguntei a sua opinião, crioulo?”

“Desculpe-me, mas o senhor disse ‘*crioulo*’?”

“Eu não disse nada. Você que disse isso. E não é assim que vocês se chamam?”

“Bem, se *nós* chamamos, isso não te dá o direito de dizer isso.”

“Você não tem nenhum direito aqui, rapaz, a não ser o direito de ficar calado, o que eu sugiro que você faça.”

“Por que? Eu estou preso?”

“Fique em pé com as pernas juntas, cabeça para trás e braços esticados ao lado do corpo. Feche seus olhos.”

William obedeceu.

“Agora toque a ponta do seu nariz com o dedo indicador da mão esquerda.” William tocou a ponta do seu nariz.

“Eu lhe disse que eu não estou bêbado.”

“Calado. Agora faça a mesma coisa com o dedo indicador direito.”

William repetiu a manobra. O policial retirou seu cassetete e o utilizou para obrigar William a abrir suas pernas.

“O senhor me disse para ficar em pé com as pernas juntas. Eu farei o que o senhor pedir. Mas não me bata com isso.”

“Cale a boca. Agora eu quero que você ande em uma linha reta, começando pelo calcanhar até o dedão, até eu dizer para você parar e virar.”

Ele empurrou William com força nas costas usando o cassetete, enquanto William retirava o cassetete com a sua mão.

“O senhor não precisa continuar me batendo com este bastão. Eu estou fazendo tudo que o senhor...”

De repente, o policial bateu com o bastão no joelho de William com raiva. William sentiu seu joelho pegar fogo enquanto ouvia ele se quebrar, perdeu o seu equilíbrio e caiu. O policial chutou William em seus testículos e depois em seu estômago, o que o fez gemer.

“Você vomitou no meu sapato, crioulo!”

Não houve mais nada depois disso: apenas pedacinhos. A única coisa de que William conseguia se lembrar era o estouro ensurdecedor da arma sendo disparada e o parceiro do policial tombando no chão como um pino caído de boliche.

CAPÍTULO DOIS

Tudo estava borrado, como uma pintura impressionista, e, à medida que entrava em foco, William reconheceu as paredes sem graça e os móveis esterilizados de um quarto de hospital e sentiu o cheiro da atmosfera antisséptica. Sua garganta estava seca. Ele tentou chamar alguém, mas a sua voz não saía. Ele ouviu bipes, olhou para a sua direita e viu um monitor de sinais vitais. Ele instintivamente tentou se sentar e sentiu a dor atravessar rapidamente suas costelas. Seus braços estavam bloqueados. Ele não conseguia mexê-los. Ele olhou para o seu braço direito e viu uma conexão intravenosa. Ele viu as travas um pouco mais abaixo e percebeu que seus braços estavam amarrados na altura dos pulsos. Ele tentou mexer suas pernas, mas elas também estavam imobilizadas.

Uma enfermeira magra entrou no quarto. “Vejo que o senhor está acordado.”

“Eu, eu poderia beber um pouco d’água, por favor?”

Ela colocou uma bandeja na frente dele com uma garrafa de água com um canudo saindo dela. Ele agarrou o canudo com os lábios e sugou a água. *Uma senhora gentil.*

“A senhora poderia retirar estas travas?” ele perguntou. “Eu preciso ir ao banheiro.”

“Eu preciso perguntar isso ao policial,” ela disse enquanto saía do quarto.

Um policial uniformizado do Departamento de Polícia de Los Angeles entrou logo em seguida. Ele era jovem, com cabelo castanho cortado curto, como se ele tivesse acabado de sair do campo de treinamento dos fuzileiros navais.

“Senhor, eu entendo que o senhor deseja que eu retire suas travas, certo?” ele perguntou em um tom de voz robotizado.

William podia ver a repulsa no rosto do rapaz e ouvir isso sua voz. Isso era como se o nariz dele estivesse enfiado em uma pilha de fezes humanas.

“Sim, eu preciso ir ao banheiro. Há quanto tempo eu estou aqui?”

“Cinco dias.”

“Cinco dias?” William revirou seus olhos com incredulidade. Ele fez um grande esforço para se sentar direito, dificultado pela fraqueza e pelo mal-estar, mas a dor atravessava suas costelas e suas costas, forçando ele a tombar.

“O policial está...?”

“Morto? Sim, está.”

William sustentou sua cabeça. Ele não conhecia o homem, mas lamentou por ele. Provavelmente ele era um marido e um pai. Ele pensou em seus filhos. *Como a tragédia de uma pessoa afeta tantas pessoas.*

“Eu não posso retirar as suas travas, senhor. Isso depende do detetive. Ele está a caminho.”

“O que eu devo fazer?”

“Usar a bacia.” O policial se virou e saiu.

O detetive Daniel Salerno era um ítalo-americano que veio transferido de Nova York. Ele conhecia negros que tinham nascido na cidade e não se importava muito com eles. Eles eram preguiçosos, tinham

complexos de inferioridade e achavam que o mundo devia aceitar suas ideias sem criticá-las. E este era um assassino de um policial. Ele jurou fazer qualquer coisa que ele pudesse para garantir que ele seria executado. O jovem policial uniformizado ficou orgulhosamente em pé perto dele enquanto ele entrevistava William.

“William Thomas?”

“Sim.”

“Eu sou o detetive Salerno do Departamento de Polícia de Los Angeles. Este é o policial Pike. O senhor está preso pelo assassinato do policial David Shermer.”

William não podia acreditar no que ele estava ouvindo. Isso era como se ele estivesse no meio de um pesadelo sobre o qual ele não tinha controle.

“Assassinato?” ele engasgou. “Não, não, não...”

Salerno leu um cartão que estava em sua mão. “Esta entrevista está relacionada à má conduta criminosa,” ele leu com uma voz monótona, semelhante a de um computador. “Portanto, eu vou informá-lo sobre os seus direitos. O senhor tem o direito de permanecer em silêncio. O senhor compreende?”

“Eu sei disso.”

“O senhor compreende?”

“Sim.”

“Qualquer coisa que o senhor disser pode ser usado contra o senhor no tribunal. O senhor compreende?”

“Sim.”

“O senhor tem o direito de ter a presença de um advogado antes e durante qualquer interrogatório. O senhor compreende?”

“Eu quero ligar para o meu advogado agora.”

Salerno olhou fixamente para William.

“Por favor, deixe-me terminar a advertência. Aí o senhor liga para o seu advogado. O senhor tem o direito de ter a presença de um advogado antes e durante qualquer interrogatório. O senhor compreende?”

“Sim.”

“Se o senhor não puder pagar um advogado, um advogado será nomeado para o senhor, sem custo, antes do interrogatório, se o senhor quiser. O senhor compreende?”

“Eu compreendo.”

“O senhor quer falar sobre o que aconteceu?”

“Não com o senhor. Eu quero o meu advogado.”

Salerno se virou para sair.

“Espere!”

“Sim?” Ele virou na porta.

“Posso ver a minha esposa?”

“Este hospital não está equipado para receber prisioneiros. Quando o seu médico liberar a sua transferência para a Cadeia Municipal, ela poderá visitá-lo no horário de visitas.”

Salerno saiu. A cabeça de William girava tão rápido que ele se esqueceu de perguntar sobre as travas. Ele tentou mexer seus braços enquanto gritava, “O que são essas travas?”.

A pergunta não foi ouvida ou caiu em ouvidos surdos.

CAPÍTULO TRÊS

Brent Marks não pegava muitos casos de defesa criminal naquela época – especialmente de Los Angeles – mas quando ele recebeu a ligação de William Thomas, ele abriu uma exceção e decidiu considerá-lo. William era um colega que Brent tinha conhecido durante um caso de fraude de valores mobiliários. Dez anos mais novo, William levantou uma briga excelente durante todo o julgamento. Ele era um bom advogado e se tornaram amigos ao longo dos anos.

A viagem de Santa Bárbara para o vale de San Fernando não foi tão ruim à tarde, mas poderia ser uma volta ao inferno por volta das oito da noite. Enquanto ele olhava os faróis dos carros seguindo seus caminhos devagar, vindo em sua direção no lado da rodovia 101 que levava ao norte, ele pensava em como ele tinha viajado diariamente para a faculdade de direito no centro de Los Angeles durante três anos. Ele ponderava como as pessoas perdiam tanto tempo de suas vidas dirigindo duas ou três horas até o trabalho e mais duas ou três horas na volta, dia após dia, ano após ano. Isso fez com que ele se sentisse especialmente grato por morar em Santa Bárbara, e a apenas cinco minutos do seu escritório. Ele entrou no Centro Médico Olive View em Sylmar. Em alguns minutos ele iria encontrar com seu velho amigo e novo cliente potencial.

Brent mostrou sua carteira profissional e sua identidade para o policial que estava fazendo a guarda e disse a ele que precisava ter uma conversa confidencial com seu cliente. Então ele entrou.

“William?”

O homem na cama do hospital não era o homem grande, forte e robusto com o sorriso de um milhão de dólares que Brent conhecia. Este era um homem em pedaços.

“Brent, muito obrigado por ter vindo.”

“Você parece bastante arrebitado, William.”

“Sim. Seis costelas quebradas, um joelho quebrado...”

“E o seu rosto parece que você apanhou do Mike Tyson, do Evander Holyfield e do Floyd Merriweather ao mesmo tempo.”

“Eu estou na maior merda, cara.”

“É por isso que eu estou aqui. Conte-me o que aconteceu.”

O som da TV ligada estava ao fundo. *O noticiário Testemunhas Oculares acabou de apurar que um vídeo do fuzilamento do policial da Divisão Metropolitana do Departamento de Polícia de Los Angeles, ocorrido na semana passada, foi lançado no YouTube, onde já teve mais de três milhões de visualizações...*

“Brent, ouça!”

Brent agarrou o controle remoto e aumentou o volume. O vídeo estava desconexo, com cerca de trinta segundos de duração, e parecia que ele tinha sido editado. Ele mostrava William lutando no chão com um policial uniformizado.

“De onde veio este vídeo?” Brent perguntou.

“Eu não sei. TJ estava usando óculos Google. Talvez ele tenha filmado isso.”

“Isso poderia explicar por que ele é tão curto.”

O nome do suspeito, um homem negro que aparenta ter seus trinta anos, está sendo mantido em segredo pela investigação policial em andamento...

“Ouça o que eles dizem, Brent. Se você é negro, eles sempre irão se referir a você como um ‘homem negro’, nunca apenas com um ‘homem’. Se não há homens negros envolvidos, eles nunca dizem ‘um homem branco’ ou ‘dois homens brancos’. Eles apenas dizem ‘dois homens’.”

“É o Jim Crow, tudo de novo.”

“Brent, este policial me parou para *nada*. E mesmo depois de me parar, ele deve ter visto quem eu *era*. Mas ele não viu um ser humano. Ele não viu um homem com esperanças e sonhos, com decepções e realizações. Tudo que ele viu na sua frente foi apenas *mais um crioulo*.”

Brent sabia que o caso de William realçava a linha branca e preta que tinha sido traçada entre a polícia e as pessoas de cor nos Estados Unidos. Organizações policiais seguiam uma estrutura e protocolo paramilitar, e seus membros tinham sido todos treinados em um estilo militar. Através de anos de dessensibilização, o público tinha começado a aceitar a mentalidade do “nós” ou “eles”, e olhava de outra maneira para a violência no seu próprio solo em nome da “segurança”, especialmente depois que a guerra ao terror foi anunciada após o 11 de setembro de 2001. Assim como os militares em guerra objetivam e desumanizam o inimigo, o inimigo na guerra das ruas da América tinha um rosto, e ele não era branco.

William voltou a contar os fatos que aconteceram desde que ele saiu do estádio, até o ponto em que ele estava no chão.

“Depois disso, é uma lacuna.”

“Na mão de quem estava a arma quando ela disparou?”

“Eu não sei.”

“Quem puxou o gatilho?”

“Eu não sei.”

“Eu não sei' não se encaixa muito bem na sua defesa, William.”

“Mas é apenas isso. Eu não sei quem disparou a arma – ele ou eu – ela simplesmente disparou. Eu não me lembro de nada. Eu não sou um especialista, Brent, mas isso não parece muito bom para mim, não é?”

“Não, isso não é bom.”

“Você vai pegar o meu caso?”

“Sim, mas nós temos que elaborar algum tipo de teoria de defesa.”

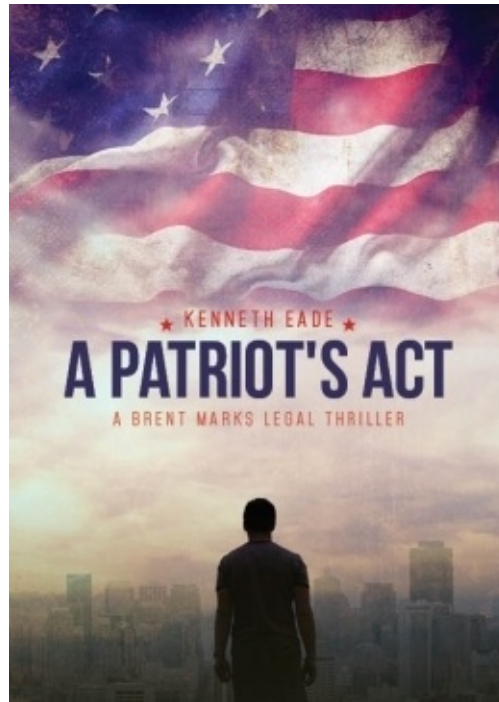
“Brent?”

“Sim?”

“Você é o cara da defesa criminal, não eu. Pode ser legítima defesa quando você atira em outra pessoa – não no cara de quem você está se defendendo?”

“Isso é uma coisa que eu não sei, William. Eu tenho que descobrir.”

BRENT MARKS NO SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE DE SUSPENSE POLICIAL



Fragmento

CAPÍTULO UM

Ahmed sentiu a coronha do fuzil golpear sua coluna vertebral entre suas escápulas enquanto seus joelhos dobravam e ele batia no chão. A sensação de queda era ainda mais estranha porque ele não conseguia ver nada. Foi como se ele estivesse em câmera lenta, em uma espiral fora de controle.

Suas mãos estavam algemadas atrás das suas costas, então não havia jeito de impedir a sua queda. Ele caiu de lado, batendo com seu ombro no chão de concreto frio. Ele podia sentir as fibras do capuz preto nos seus lábios e o cheiro de suor da última pessoa que foi obrigada a vesti-lo. Ele se levantou e começou a caminhar novamente.

“Ande mais rápido, Haji!” ordenou uma voz autoritária com o sotaque arrastado do sul dos Estados Unidos. Ahmed sentiu de novo a coronha do fuzil bater forte em sua coluna vertebral e ele se embaralhou mais rapidamente com os limites das suas correntes no tornozelo, que lhe permitiam apenas um mínimo de movimento. Lembranças de sua esposa Catherine, com seu cabelo castanho sedoso, seus doces olhos castanhos e sorriso cativante, e seus dois filhos pequenos, Karen e Cameron, de volta à sua casa em Santa Bárbara, inundaram seu cérebro. Estas lembranças eram as únicas coisas que, recentemente, mantinham a sua sanidade.

“Contra a parede! – Pare ali! Eu disse contra a parede – agora!”

Ahmed parou e fez o que foi ordenado.

“Agora ouça!” berrou uma voz mecânica na escuridão, “Meu nome é sargento Brown. Você foi colocado sob minha custódia. Você está aqui porque se recusou a cooperar nas interrogações. A decisão tomada foi executá-lo por um pelotão de fuzilamento.”

“Espere!” disse Ahmed. “Eu sou um cidadão americano.”

“Claro que é, A-hab.”

“Meu nome é Ahmed.”

“Seu nome é A-hab. A-hab, o Á-rabe. E a única coisa que eu preciso ouvir de você hoje é se você prefere colocar ou não a sua máscara.”

“Sem máscara.”

Ahmed sentiu o saco preto ser arrancado de sua cabeça e, pela primeira vez, encarou seus agressores. O homem que arrancou o saco era um homem jovem usando uniforme militar camuflado que apoiava um rifle M16 no seu peito. Em frente a ele estava um pelotão de fuzilamento com oito homens, também vestindo uniformes militares camuflados, com rifles posicionados corretamente ao lado. Em pé ao lado deles, claro, estava o sargento Brown: um homem negro forte e pesado com mãos enormes e o único que não segurava uma arma. Para um homem de 25 anos como Brown, que seria inadequado em qualquer lugar que não fosse este serviço, o poder era orgástico. Ele se aproveitava disso como do sol, como se ele estivesse em uma praia de areias brancas em Maui.

Brown estava orgulhoso de estar no Exército dos Estados Unidos, o melhor serviço militar do maior país do mundo: um bastião da liberdade e o líder da Nova Ordem Mundial. O Exército era a sua vida: uma vida que tinha muito mais intensidade, sentido e importância do que tinha tido antes. A ele tinha sido confiada a importante tarefa de formar jovens homens e mulheres sob sua responsabilidade para destruir o inimigo e eliminar o terrorismo do planeta. O inimigo eram os árabes fedidos e de baixo status social e

caráter moral: aqueles crioulos das areias – os pequenos vermes que amarraram bombas neles próprios e explodiram em pedaços os seus companheiros no Iraque. Eles eram como uma doença. Uma praga que tinha que ser exterminada.

“Eu tenho o direito de falar com um advogado,” Ahmed invocou.

“Você o que? Você não tem nenhum direito, A-hab,” disse Brown, “Você é um terrorista. O único direito que você tem é de escolher se quer usar a máscara ou não, e você já exerceu este direito.”

O jovem soldado amarrou uma pulseira de couro no pulso de Ahmed, prendendo sua coluna vertebral em um poste de madeira. Ele virou sua cabeça para olhar atrás dele a parede de lona, que estava cheia de perfurações de balas. Então o soldado amarrou seus tornozelos no poste.

“Por favor, me deixe telefonar para o meu advogado. Isso tudo é um grande engano!”

“Sim, sim, um ‘grande engano’. Eu já ouvi isso antes. Todos vocês, seus Hajis fodidos, dizem a mesma maldita coisa – isso é programado. Você deveria ter cooperado quando nós perguntamos sobre os seus superiores na Al Qaeda.”

“Eu não conheço ninguém na Al Qaeda.”

“Não me diga besteiras, rapaz!”

Brown, como uma máquina, girando, andou alguns passos e então girou novamente de modo a ficar cara a cara com Ahmed. Ele tirou um pedaço de papel do seu bolso, desdobrou e recitou em um tom de voz militar monótono: “Você foi considerado culpado de terrorismo. A penalidade é a morte por pelotão de fuzilamento. Você tem uma última declaração?”.

“Mas eu...”

“Eu repito, você tem uma última declaração?”

“Sim, por favor, eu quero colaborar, eu realmente quero, mas eu não sei o que você quer de mim. Eu não sei de nada!”

Então o rapaz com o M16 se aproximou de Ahmed, pregou um coração branco no seu peito e andou para trás. Brown caminhou para o lado direito do pelotão de fuzilamento.

O suor pingava nos olhos de Ahmed e ardia. Ele fez uma oração silenciosa, pensou em sua esposa e nos filhos, e então olhou para Brown com olhos desafiadores.

“Eu não sou um terrorista. Eu sou um cidadão americano. Eu tenho direito, como qualquer outro cidadão americano, a um advogado e a um julgamento antes de qualquer execução. Eu tive estes direitos negados. Você vai responder a Deus pelos seus crimes.”

“Para o inferno com seus direitos, rapaz. Nós temos todos os direitos aqui,” disse Brown, que levantou seu braço e gritou “PREPARAR!”.

Os oito atiradores levantaram seus rifles.

“APONTAR!”

Os oito apontaram seus rifles para Ahmed, que tremia incontrolavelmente. Seus joelhos cederam e ele ficou pendurado no poste como um homem crucificado.

“FOGO!”

A explosão ensurdecadora dos oito rifles foi a última coisa que Ahmed ouviu. Ele sentiu as balas batendo em sua carne e seu corpo machucado tombou para frente, pendurado sem vida no poste como um espantalho.

CAPÍTULO DOIS

Catherine Khury se sentou na sala de espera simplesmente decorada do escritório local do FBI em Santa Bárbara, procurando em sua bolsa pelo seu telefone celular. *Coloque-o junto, Cate!* Ela disse para si mesma. Ela estava vivendo no inferno nas últimas semanas. Ela era uma mulher atraente, mas o seu tormento faria qualquer mulher na faixa dos 30 anos parecer que tinha vivido sua vida sem dormir. Ela olhou a hora. Apenas cinco minutos tinham se passado desde a última vez que ela fez isso. Uma mulher jovem e bonita, com uma aparência amigável, entrou na sala.

“Olá, senhora, eu sou a agente Wollard,” a mulher disse, estendendo sua mão, que Catherine apertou.

“Catherine Khury.”

“A senhora poderia fazer o favor de entrar?”

Catherine se sentou em uma pequena cadeira de aço e vinil preto e a agente Wollard atrás de uma escrivaninha de alumínio com um tampo de madeira folheada falsa.

“Em que posso ajudá-la, Sra. Khury?”

“Meu marido, Ahmed, está desaparecido.” O lábio inferior de Catherine começou a tremer enquanto ela lutava para segurar as lágrimas. Ela tinha que permanecer forte. Forte para o seu marido e especialmente pelos seus filhos.

“Sra. Khury, nós realmente não procuramos por pessoas desaparecidas aqui no FBI.”

“Não foi isso que eu ouvi.”

“Bem, nós mantemos um banco de dados de pessoas desaparecidas. Mas, a não ser que seja uma criança e haja suspeita de má fé, nós realmente não nos envolvemos ativamente.”

“Agente Wollard, eu não sei mais onde devo ir. Meu marido e o seu irmão estão desaparecidos desde que meu marido foi para o Iraque para ajudá-lo.”

“Seu marido está no Iraque?”

“Foi a última notícia que eu tive. Mas já faz alguns dias que ninguém o viu ou ouviu falar dele.” Catherine soluçou, fazendo um esforço para manter a sua serenidade.

Angela entregou a ela um lenço de papel da caixa que estava em cima da sua escrivaninha. “O seu marido é um cidadão dos Estados Unidos?”

“Sim, já há muitos anos.”

Finalmente as lágrimas percorreram seu caminho para fora das comportas e Catherine deixou todas no lenço de papel.

“A senhora já tentou encontrá-lo no Iraque?”

“Sim, mas a única pessoa que eu conheço lá é o irmão dele e ele não está atendendo. Eu não tenho mais ninguém para telefonar.”

“Bem, o melhor que eu posso fazer é preencher um relatório de pessoas desaparecidas e dar alguns telefonemas.”

“A senhora poderia fazer isso, por favor?” Catherine sentiu um alívio imediato. Apesar da agente Wollard não ter prometido uma solução, apenas ter qualquer tipo de ajuda fez com que ela se sentisse menos desesperada.

“Sim, claro. Por favor, preencha estes formulários e, quando estiverem prontos, eu posso entrar com as informações no nosso banco de dados de pessoas desaparecidas.”

“Obrigada, agente Wollard.”

“Lamento não poder fazer mais.”

* * *

Depois que a Sra. Khury saiu, Angela preparou o relatório e então ligou para Bill Thompson, um de seus contatos em Washington.

“Bill, eu tenho um caso de pessoa desaparecida em que eu talvez precise de sua ajuda.”

“Desde quando o FBI realmente trabalhou em um caso de pessoa desaparecida?”

Angela deu uma risadinha. “Eu sou conhecida por fazer isso de vez em quando. Escute, é um cidadão americano nascido no Iraque. Ele foi para o Iraque no mês passado e ninguém teve mais notícias dele em quase uma semana. Sua esposa está desesperada.”

“Mande-me um e-mail e eu vou fazer algumas ligações.”

“Obrigada, Bill.”

CAPÍTULO TRÊS

Ahmed abriu seus olhos na mais completa escuridão. *Eu estou vivo?* Em pânico, ele colocou suas mãos na frente do seu rosto, mas não conseguia vê-las. Ele mexeu seus dedos. Não conseguia ver nada. Os olhos desesperados de Ahmed mexiam de um lado para o outro, mas não havia nenhum resquício de luz. *Eu estou cego*, ele pensou. Uma repentina onda de adrenalina o levou a agir. Seu cérebro enviou um sinal para ele se levantar e, enquanto fazia isso, a dor atingiu desde o seu pé até a sua cabeça como um martelo batendo em um brinquedo “Prova de Força”* em um parque de diversões. A gravidade puxou seu corpo quebrado para seus joelhos e ele desmoronou. Ele apalpou seu corpo: sem roupas.

**NT: Prova de Força (High Striker em inglês) é um brinquedo onde o jogador bate com um martelo em um lugar determinado para fazer com que o peso atinja o gongo no seu ponto mais alto.*

O que aconteceu? Eu estou morto?

Não, ele pensou, *eu devo estar vivo*. Ele sentia muita dor para estar morto. Ele procurou ferimentos de balas em seu peito, mas não achou nenhum. Com exceção de algumas marcas macias em seu peito e costas e alguns arranhões nos seus joelhos, não havia nada. *Eles devem ter usado balas de borrachas*.

Ahmed se esforçou para ver, mas não adiantou. Ele tocou seu rosto: estava inchado e machucado. *Eles devem ter me cegado no tiroteio*, ele pensou. Assim que seus outros quatro sentidos voltaram ao normal, ele percebeu que estava com dores por todo o corpo. Novamente ele tentou se levantar, mas suas pernas não queriam colaborar. Ele as tocava com seus novos olhos: os ossos estavam no lugar e não estavam quebrados. *Devem estar distendidas, mas por que eu estou cego?* Ele se esforçou para controlar o pânico e o terror. *Pense, pense. Você tem que pensar*.

Ahmed rastejou usando suas mãos e joelhos e se apoiou na parede, que estava tão úmida e fria quanto o chão. Ele foi apalpando os limites emparedados do seu confinamento. *Um, dois, três, quatro, cinco, seis, quase sete pés em uma direção. Um, dois, três, quatro, quase cinco pés em outra direção*. Em seguida, ele contornou a circunferência de suas mãos e joelhos.

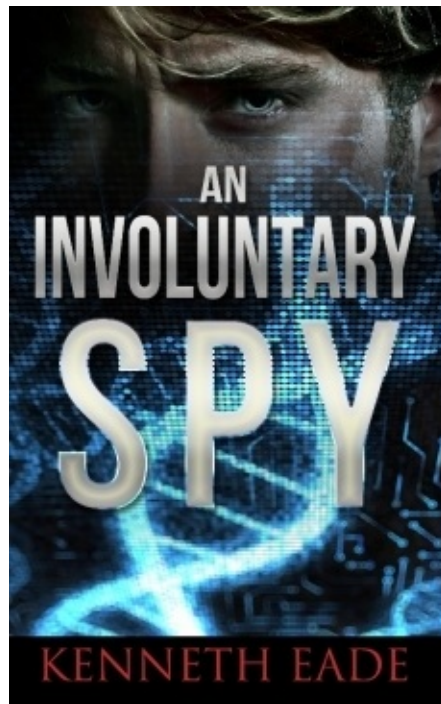
Como ele conseguiu entrar nesta confusão? De sua casa aconchegante em Santa Bárbara para a devastada e ocupada Bagdá, até isso. Seu irmão Sabeen precisava de sua ajuda, então ele veio. Isso era muito simples. Os eventos seguintes foram uma distorção para ele: o ataque, sua captura. Agora ele estava em algum tipo de prisão militar.

Desde a sua captura, Ahmed tinha sido despido, as cavidades de seu corpo tinham sido vistoriadas à procura de produtos ilícitos, raspavam a sua cabeça, tinha sido espancado, chutado e cuspidos – e então a execução simulada. Isso fazia com que o seu atual confinamento em uma gaiola escura fosse praticamente um alívio. De algum modo como isso foi planejado. As paredes eram tão frias quanto uma lápide. Ele bateu por todas elas até encontrar uma porta de aço.

Ele pensou em sua esposa, Catherine. Ela certamente já sabia que ele estava desaparecido naquele momento. Mas mesmo se ele fosse resgatado, seria bom ter um marido cego? Ele era um contador comercial e não era possível trabalhar com números sendo um homem cego. Ele seria um enorme fardo para toda a família. *A melhor coisa a fazer é me matar*, ele pensou. Ele tinha um seguro de vida e ficou se perguntando se ele seria reembolsado em caso de seu suicídio.

O tempo passou, mas Ahmed não tinha como mensurar isso. *Há quanto tempo eu estou assim?* Ahmed se concentrava em seus sentidos, mas não havia nenhum dado a não ser o barulho dos batimentos do seu coração. Como sua boca estava seca como um pedaço de charque, ele tentava umedecer seus lábios rachados com a língua. Desesperado, ele se deixou cair no chão. Deitado ali de costas, ele esfregou seus olhos e, de repente, ele viu estrelinhas acima dele na escuridão. *Luz! Eu consigo ver luz!*

As estrelinhas estavam espalhadas em um padrão geométrico como símbolos em uma matriz. *Elas não podem ser estrelas. Elas não são aleatórias.* O cérebro de contador de Ahmed examinou os padrões de luz, mas então eles se transformaram em olhos, que olhavam fixamente para ele com raiva. *Pare! Pare! Por favor, alguém me ajude!* Então os olhos recuaram para revelar uma miniatura de pelotão de fuzilamento com seus rifles apontados para Ahmed. Ele ouviu a explosão dos rifles, quase em câmera lenta, e sentiu as balas rasgando sua carne enquanto seu cérebro desligava.



Seth Rogan era um mau espião. Isso porque de alguma forma ele não era um espião. Era apenas um rapaz tentando fazer a coisa certa. Como biólogo da maior empresa de biotecnologia do mundo, ele tinha um ótimo emprego e desfrutava de todos os privilégios. Porém, quando lhe pediram para fazer alguns testes nos alimentos geneticamente modificados da empresa, ele ficou envolvido em uma trilha de corrupção, fraude e conspiração da qual ele não queria participar, mas não tinha como fugir. Em uma estória de espionagem, mistério e suspense tão verdadeira que poderia estar nos jornais do dia, Seth, mordendo a mão que o alimentava, está foragido da CIA, do FBI e de todas as forças mais importantes do governo dos Estados Unidos, não como um informante, mas como um fugitivo acusado de espionagem que encontrou refúgio temporário com um velho inimigo dos Estados Unidos. Mas a sua paz está quase acabando, uma vez que ele se encontra no papel de um espião involuntário.

Fragmento

Assim que eles saíram do avião, Yuri deixou claro para a polícia recuar – isso não era assunto deles. Seth olhou para trás e pode ver Jack Singer no seu rádio, mas não parecia que ele estava chamando seus rapazes para lhes dizer que eles tinham perdido esta parada. Ele não tinha motivos para acreditar neste Yuri Streltsov, mas suas alternativas eram limitadas: liberdade (mesmo que temporária) ou morte. Ele optou pela liberdade.

Bem na saída da passarela que os passageiros utilizam para ir da aeronave ao aeroporto, Yuri empurrou Seth através de uma porta com uma placa circular vermelha que Seth supunha que significasse “Entrada proibida” ou qualquer coisa semelhante.

“Eu posso correr?” disse Yuri.

“Eu ainda estou tentando vestir este colete.”

“Você queria ser um espião, então aprenda a ser multitarefas.”

“Eu nunca quis ser um espião. Eu só queria alertar as pessoas sobre...”

“Nós falamos depois. Agora eu tenho que ir.” Yuri agarrou Seth pelos ombros, afivelou o colete e depois deu um empurrão nele. “Corra!”

E Seth correu. Seguindo Yuri, ele correu o mais rápido que pôde. Ele correu tão rápido que pôde sentir o suor ardente caindo dentro dos seus olhos. Atravessaram uma porta, depois outra, desceram um lance de escada tão rápido que seus pés quase não tocaram cada degrau e depois passaram por um túnel. Finalmente eles cruzaram um conjunto de portas duplas e Seth sentiu o choque do ar frio da área externa preencher os seus pulmões – mas apenas por um segundo, pois ele foi empurrado para dentro de uma Mercedes preta que já estava em movimento, a cabeça primeiro, como um criminoso sendo preso ou uma vítima de sequestro.

Yuri pulou para dentro depois dele, com a arma na mão, e a Mercedes escapou pelo estacionamento, saindo pelo portão de saída. O motorista acelerou enquanto o homem ao seu lado começou a gritar alguma coisa em russo. Ele parecia estar em pânico.

“O que ele está dizendo?” perguntou Seth.

“Ele disse que eles estão atrás de nós.”

Seth olhou pelo vidro traseiro, mas ele não viu nada fora do comum. “Como ele sabe?”

“Veja.”

Neste momento, não um, mas dois carros saíram do estacionamento: o primeiro quebrando a cancela do portão e o outro logo atrás dele. Ambos estavam desviando de um lado para o outro na pista de trânsito como loucos, que era o mesmo que o motorista deles fazia naquele momento.

“Nós chegaremos à embaixada em dez minutos,” disse Yuri.

“Nós não podemos chamar a polícia para nos dar apoio?”

“Veja, Seth, você não é um espião muito bom, não é? A polícia não tem assuntos oficiais para nos parar, porém eles não vão nos ajudar. Assim que nós entrarmos na embaixada, as Forças Especiais Russas – Spetsnaz – vão nos dar todo o apoio que nós precisarmos.”

“Por que eles não vêm agora?”

“Aqui é a Ucrânia, que não é mais o mesmo país que a Rússia. O único lugar onde eles podem atuar é no solo da embaixada.”

O carro que estava perseguindo no lado direito, uma caminhonete Mercedes preta, acelerou para alcançá-los e brincava de pique com o carro deles, que deu uma guinada para evitar ser alcançado.

“As janelas são à prova de balas, mas de qualquer maneira você se abaixa,” gritou Yuri. Seth obedeceu.

O motorista deles desviou de maneira evasiva enquanto a caminhonete que os perseguia chegava mais perto. O motorista da caminhonete acenou furiosamente para eles encostarem o carro. Então o rapaz sentado no banco do passageiro no carro de Seth sacou sua arma, abaixou o vidro e atirou em resposta.

“O que está acontecendo?” perguntou Seth, ouvindo os tiros e espreitando de seu esconderijo.

“Ele está tentando acertar nos pneus.”

A caminhonete que estava perseguindo desviou e seus ocupantes dispararam muitos tiros de volta, que Seth podia ouvir batendo contra as laterais de metal do carro deles.

Yuri empurrou Seth mais para baixo atrás do banco do motorista, gritando “Abaixe-se!” e desceu sua janela, atirando na caminhonete. Um tiro, dois tiros, e então o terceiro explodiu o pneu esquerdo dianteiro da caminhonete. O carro perdeu o controle, se lançando no trânsito que vinha em sentido contrário. A maioria dos carros desviou de seu caminho como em um nado sincronizado, mas um caminhão bateu na traseira da caminhonete, fazendo com que ela girasse descontroladamente. Outro carro estrçalhou o lado do passageiro, esmagando completamente a caminhonete e muito provavelmente os seus ocupantes. O segundo carro que estava perseguindo, uma Mercedes sedan prata, ficou parado atrás do engarrafamento que se formou.

“O que acontece se eles encontrarem agentes da CIA mortos naquela caminhonete com armas?” disse Seth, se levantando de seu esconderijo.

“Tudo será limpo. Não haverá armas nem agentes. Apenas turistas americanos envolvidos em um acidente de trânsito,” disse Yuri.

Quando parecia que eles estavam fora de perigo, a Mercedes prata apareceu no acostamento da estrada na frente dos carros engarrafados.

“Eles voltaram,” gritou Seth.

O motorista deles acelerou, costurando entre os carros e fazendo movimentos evasivos.

“Quantas vezes eu tenho que te dizer 'Abaixe-se!'” disse Yuri, e empurrou Seth novamente para baixo. “Nós já estamos quase lá.”

A Mercedes prata estava novamente na cola deles. O motorista de Seth dirigia o carro o mais rápido que podia. Ele desviou para a pista da direita e quase bateu no carro que estava na frente deles. Ele chegou muito perto do para-choque traseiro de outro carro, pisou no freio, reduziu a marcha e acelerou novamente.

“A embaixada é aqui,” disse Yuri.

Mais uma curva bem fechada para a direita e eles chegaram aos portões da embaixada, que foram abertos por dois soldados da Spetsnaz. Os portões foram fechados atrás deles e a Mercedes prata seguiu devagar.

Yuri era um agente do Serviço de Segurança Federal Russo, ou FSB. Sua atribuição era Seth: mantê-lo vivo, enviá-lo para a Rússia e monitorar sua segurança permanente durante a decisão do seu pedido de asilo. Até agora, era uma tarefa que ele ainda não tinha falhado. Enquanto a Mercedes deles entrava no terreno da embaixada da Rússia, vários guardas armados estavam em seus postos de observação atrás deles. Uma porta de garagem de aço foi aberta e fechada atrás da Mercedes e Yuri conduziu Seth para dentro.

Yuri levou Seth para uma sala de espera. A sala, assim como todo o prédio, era um clássico retorno aos dias do Império Russo. Pinturas a óleo originais estavam penduradas em paredes ricamente cobertas com papéis de parede, emolduradas com cornijas de madeira. Seth se sentou em uma das confortáveis poltronas clássicas francesas que estavam alinhadas na sala. Uma bonita morena ucraniana lhe ofereceu água, que ele aceitou com prazer.

Depois de beber uma boa quantidade de água, Seth foi conduzido para o escritório do embaixador. O embaixador, um homem de sessenta e poucos anos e cabelos grisalhos, recebeu Seth com a mão estendida. “Bom dia, Sr. Rogan. Eu sou Garyori Petrov, o embaixador na Ucrânia.”

“Bom dia.”

“Eu sei que Kiev não é o seu destino final, mas nós gostaríamos de lhe dar as boas-vindas aqui da mesma maneira.”

“Obrigado, embaixador. Parece que eu lhe devo a minha vida,” disse Seth.

“Gratidão não é necessária. Sua segurança é o mais importante para nós. Por outro lado, parece que o seu governo pretende causar danos ao senhor, Sr. Rogan. O senhor já resolveu o que vai fazer com seus documentos?”

“Primeiro, eu quero ter certeza que as pessoas conhecem os perigos dos alimentos geneticamente desenvolvidos e como o governo permite a venda deles no mercado apesar do risco.”

“E a outra questão?”

“Esta, eu ainda não decidi. O senhor pode falar sobre a situação do meu pedido de asilo?”

“Ele está sendo analisado pelo próprio Presidente neste momento. Mas nós recebemos instruções de lhe dar travessia segura para a Rússia e de protegê-lo durante a sua estadia aqui. O Sr. Streltsov será o ponto de contato e, eu posso lhe garantir, ele é muito bom no que ele faz.”

“Eu vi isso.”

“O senhor vai jantar comigo esta noite aqui na embaixada. Nós preparamos um dos apartamentos para o senhor ficar durante a sua breve estadia conosco. Amanhã nós vamos acompanhá-lo até o aeroporto para o senhor pegar seu voo para Moscou com todo o comboio diplomático de segurança.”

“Obrigado.”

Os russos sempre tinham sido os inimigos de Seth desde que ele se entendia por gente, apesar de os Estados Unidos nunca terem declarado a guerra que todos tinham previsto. Eles sempre foram os inimigos em todos os filmes e ele se lembrava de um dia no ensino médio quando toda a escola foi encaminhada para o ginásio para uma assembleia, onde eles foram apresentados aos perigos do “Império do Mal.” “*O jornal deles se chama Pravda, que significa 'verdade',*” eles disseram, “*mas está cheio de mentiras.*” Seth não tinha motivos para acreditar em seus novos protetores, mas suas opções eram limitadas a eles e somente eles naquele momento. Ironicamente, ele tinha se colocado espontaneamente nas mãos do inimigo.

SOBRE O AUTOR



O escritor Kenneth Eade, mais conhecido por suas obras de suspense legal e político, praticou a advocacia por trinta anos antes de publicar seu primeiro romance, "An Involuntary Spy". Eade, um talentoso autor do gênero de suspense legal e drama de tribunal, foi classificado pelos críticos como "brilhante para criar histórias complexas e intrigantes que terminam com surpresas fora de série", que disseram que seus romances irão lembrar os leitores de John Grisham, provando que Kenneth Eade merece estar nas mesmas listas que o maior autor de romances de suspense do mundo.

Eade fala sobre as comparações: "John Grisham é famoso por dizer que algumas vezes ele gosta de embrulhar uma boa história em uma questão importante. Em todos os meus romances, a história e as questões importantes estão sempre presentes.

Eade é conhecido por manter contato com seus leitores, oferecer brindes grátis e descontos para todos aqueles que se inscrevem no seu website, www.kennetheade.com.

Times Square Publishing Copyright 2015 Kenneth Eade

ISBN: 1517277205

ASIN: B0117UFSCG

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita dos editores. Críticos devem citar breves passagens no contexto de uma resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são todos fruto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoa real, viva ou morta, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é totalmente coincidente. Os editores não têm nenhum controle sobre e não assumem nenhuma responsabilidade pelo autor ou website de terceiros ou seu conteúdo.

O escaneamento, carregamento e distribuição deste livro pela Internet ou qualquer outro meio sem a permissão dos editores é ilegal e passível de punição conforme a lei. Por favor, adquira somente edições eletrônicas autorizadas e não participe ou estimule pirataria eletrônica de material com direito autoral.

OUTROS LIVROS DE KENNETH EADE

Série de Suspense Policial de Brent Marks

A Patriot's Act

Predatory Kill

HOA Wire

Unreasonable Force

Absolute Intolerance

Decree of Finality

Espionagem

An Involuntary Spy

To Russia for Love

Não ficção

Bless the Bees: The Pending Extinction of our Pollinators and What You Can Do to Stop It

A, Bee, See: Who are our Pollinators and Why are They in Trouble?

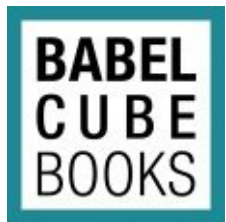
Save the Monarch Butterfly

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com